

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**E QUANDO VIER O FILHO DO HOMEM... (O JUÍZO FINAL EM
MATEUS)**

FRANCISCO ALBERTIN FERREIRA

**GOIÂNIA
2006**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**E QUANDO VIER O FILHO DO HOMEM... (O JUÍZO FINAL EM
MATEUS)**

FRANCISCO ALBERTIN FERREIRA

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Ciências da Religião da
Universidade Católica de Goiás para obtenção do
grau de Mestre.**

Orientador: Prof. Dr. Joel Antônio Ferreira

GOIÂNIA

2006

F383e Ferreira, Francisco Albertin.
E quando vier o Filho do Homem... (O juízo final em
Mateus) / Francisco Albertin Ferreira. – 2006.
179 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Goiás,
Departamento de Filosofia e Teologia, 2006.
“Orientador: Prof. Dr. Joel Antonio Ferreira”.

1. Jesus Cristo. 2. Cristianismo. 3. Obras de misericórdia.
4. Céu. 5. Inferno. 6. Julgamento – aspecto religioso. 7.
Juízo final – religião.

CDU: 236.93

DEDICATÓRIA

**A todos aqueles que fazem da
Palavra de Deus a sua razão de
ser e cuidam dos mais
pequeninos.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida.

Aos meus familiares e amigos.

Aos professores e doutores: Carolina Teles Lemos, José Carlos Avelino da Silva, Haroldo Reimer, Alberto da Silva Moreira, Valmor da Silva, Zilda Fernandes Ribeiro, Ivoni R. Reimer.

Aos mestrandos 2005/2006, amigos e companheiros de caminhada.

E também a Geyza Pereira, Pe. Graziano, Prof. Aparecido Ramos, Dr. Armando Fernandes Filho e todo povo de Cássia.

Ao Centro Bíblico Verbo Divino: Shige, Maria Antônia, Cecília e demais assessores, e a Pórticus e Nilva Faria, pela ajuda financeira.

A Maristela e ao Pedrinho, companheiros de estudo e de vida.

À minha amiga Daniela Freitas, pela dedicação e auxílio na elaboração deste trabalho.

Finalmente, ao incansável e amigo Prof. Dr. Joel Antônio Ferreira, pela orientação precisa, pelo seu carinho e dedicação.

RESUMO

FERREIRA, Francisco Albertin. *E quando vier o Filho do Homem...* O Juízo Final em Mateus 25,31-46. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2006.

A presente dissertação discorre sobre o Juízo Final que é um tema atual e questionador. Isto se deve ao fato das três grandes religiões monoteístas o abordarem em sua essência religiosa. No judaísmo, está relacionado às obras de piedade presentes no Antigo Testamento; no cristianismo, às obras de misericórdia que envolvem compromisso de amor a Deus e ao próximo e são fundamentais para se obter a salvação; e, no islamismo, o bem ou mal que se pratica com os irmãos são obras importantes para possuir o paraíso ou acabar no inferno. Na primeira parte, é abordada a questão do *texto em seu contexto*: a realidade social do Império Romano, da comunidade judaico-cristã, na Antioquia, e a necessidade da solidariedade que este texto expressa. Na segunda parte, há uma exegese completa em todos os seus passos sobre o Juízo Final (Mateus 25,31-46), dentre estes, a delimitação, a estrutura, a configuração lingüística, a redação, as características de Deus existentes no texto e muitas outras informações exegéticas. Na terceira parte, é apresentada a *atualização da mensagem do Juízo Final* que tem, por base, três dimensões: pessoal, eclesial e social, onde, de acordo com os ensinamentos de Jesus, as obras de misericórdia, praticadas em relação aos mais pequeninos, aqui e agora, serão decisivas no dia do Juízo Final, quando o Filho do Homem julgará cada um de acordo com suas obras.

Palavras-chave: último julgamento, obras de misericórdia, solidariedade, pequeninos.

ABSTRACT

FERREIRA, Francisco Albertin. *And when the Son of Man will come...* The Last Judgment in Matthew 25,31-46. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2006.

The present dissertation discusses the Last Judgment that is a current theme of investigation. This is due to the fact that the three major monotheistic religions approach it in their religious essence. In judaism, it is related to the acts of piety present in the Old Testament; in christianity, to acts of mercy which involve a compromise of love to God and neighbor and are fundamental for obtaining salvation; and, in Islam, the good or evil that one practices with his brothers are important acts for either gaining paradise or ending in hell. In the first part, the question of *text in its context* is approached: the social reality of the Roman Empire, of the judeo-christian community, in Antioch, and the necessity of solidarity that this text expresses. In the second part, there is a complete exegesis in all its steps to the Last Judgment (Matthew 25,31-46), within these, there is the delineation, the structure, the linguistic configuration, the wording, the characteristics of God present in the text and much other exegetical informations. In the third part, *the updating of the message of the Last Judgment* is presented which has, as its base, three dimensions: the personal, ecclesiastical and social, where, according to Jesus' teachings, the acts of mercy, practiced in relation to the least of God's creature, here and now, will be decisive at the Last Judgment, when the Son of Man will judge each according to his acts.

Key words: last judgment, acts of mercy, solidarity, least.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|--------------|--|
| a.C. | : antes de Cristo |
| Ap | : Apocalipse |
| <i>apud</i> | : citado por |
| At | : Atos dos Apóstolos |
| A.T. | : Antigo Testamento |
| 1 Cor | : 1 Coríntios |
| <i>Cf.</i> | : <i>Confer</i> , Confira |
| CNBB | : Conferência Nacional dos Bispos do Brasil |
| d.C. | : depois de Cristo |
| Dn | : Daniel |
| Dt | : Deuteronômio |
| Eclo | : Eclesiástico |
| ed. | : edição |
| <i>et al</i> | : <i>et alii</i> , e outros |
| Ex | : Êxodo |
| Ez | : Ezequiel |
| FAO | : Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação |
| FGV | : Fundação Getúlio Vargas |
| Fl | : Filipenses |
| Gl | : Gálatas |
| Gn | : Gênesis |
| G8 | : Grupo dos 7 países mais ricos e industrializados mais a Rússia |
| Hb | : Hebreus |
| <i>HH</i> | : <i>Hijo del Hombre</i> – espanhol – (Filho do Homem) |
| IBGE | : Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| IPEA | : Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada |
| Is | : Isaías |
| Jo | : João |
| 1 Jo | : 1 João |
| Jr | : Jeremias |
| Js | : Josué |
| Lc | : Lucas |
| Lv | : Levítico |
| Mc | : Marcos |
| 1 Mc | : 1 Macabeus |
| 2 Mc | : 2 Macabeus |
| ms, mss | : manuscrito, manuscritos |
| Mt | : Mateus |
| Nm | : Números |
| N.T. | : Novo Testamento |
| ONU | : Organização das Nações Unidas |
| 1 Pd | : 1 Pedro |
| 2 Pd | : 2 Pedro |
| Rm | : Romanos |
| 1 Rs | : 1 Reis |

| | |
|---------|-------------------------|
| 2 Rs | : 2 Reis |
| Sl | : Salmo |
| 2 Sm | : 2 Samuel |
| ss | : seguintes |
| Tb | : Tobias |
| Tg | : Tiago |
| 2 Tm | : 2 Timóteo |
| 1 Ts | : 1 Tessalonicenses |
| v., vv. | : versículo, versículos |
| Zc | : Zacarias |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 12 |
| CAPÍTULO I - O TEXTO EM SEU CONTEXTO | 18 |
| 1.1 O Império Romano..... | 18 |
| 1.2 O Contexto Social de Antioquia, na Síria..... | 20 |
| 1.3 A Comunidade Judaico-Cristã em Mateus..... | 22 |
| 1.4 A Questão da Pobreza..... | 25 |
| 1.5 Apelo à Solidariedade: Mt 25,31-46..... | 29 |
| 1.5.1 A questão da apocalíptica..... | 30 |
| 1.5.2 A questão da partilha..... | 34 |
| CAPÍTULO II - ANÁLISE EXEGÉTICA DE MATEUS 25,31-46..... | 38 |
| 1 Texto em Grego | 38 |
| 2 Crítica Textual | 40 |
| 3 Tradução Literal | 41 |
| 3.1 Tradução Final de Mateus 25,31-46..... | 45 |
| 4 Análise Literária..... | 47 |
| 4.1 Delimitação do Texto | 48 |
| 4.2 Análise de Coesão..... | 52 |
| 4.2.1 Análise de coesão dos blocos | 52 |
| 4.2.2 Coesão entre as subdivisões ou "amarras" do texto | 56 |
| 4.3 Estrutura do Texto..... | 59 |

| | |
|---|-----|
| 4.4 Fontes Bíblicas ou Extrabíblicas | 62 |
| 5 Análise das Formas | 63 |
| 6 Análise da Redação | 71 |
| 7 Análise do Conteúdo | 78 |
| 7.1 Análise Semântica | 78 |
| 7.1.1 Filho do Homem | 79 |
| 7.1.2 Glória | 87 |
| 7.1.3 Trono da glória..... | 90 |
| 7.1.4 Nações, gentios ou povos?..... | 91 |
| 7.1.5 Ovelhas e bodes ou cabritos ou cabras?..... | 94 |
| 7.1.6 Fome | 97 |
| 7.1.7 Estrangeiro | 99 |
| 7.1.8 Pequeninos..... | 101 |
| 7.1.9 Benditos e malditos | 103 |
| 7.1.10 Castigo eterno | 106 |
| 7.1.11 Vida eterna | 111 |
| 7.2 Elementos Sociais de Mateus 25,31-46..... | 116 |
| 7.2.1 Político-social..... | 117 |
| 7.2.2 Econômico | 118 |
| 7.2.3 Religioso | 120 |
| 7.2.4 Ideológico | 122 |
| 7.3 O que implica este Texto? | 123 |
| 8 Análise Teológica | 130 |
| 8.1 O Juízo Final e Textos Paralelos | 131 |
| 8.2 A Fé e as Imagens de Deus..... | 134 |

| | |
|---|-----|
| 8.3 Dimensões de Amor e Compromissos Pessoais, Eclesiais ou Sociais.... | 137 |
| 8.4 Dimensões de Esperança e Escatologia..... | 138 |
| CAPÍTULO III - ATUALIZAÇÃO DA MENSAGEM DO JUÍZO FINAL..... | 140 |
| 1 Dimensão Pessoal..... | 141 |
| 2 Dimensão Eclesial..... | 143 |
| 2.1 Cristãos Católicos e Evangélicos no Brasil | 143 |
| 2.2 Os mais Pequeninos hoje | 145 |
| 2.3 A Igreja e o seu Tríplice Dever..... | 148 |
| 3 Dimensão Social | 152 |
| 3.1 A Sociedade Brasileira..... | 155 |
| CONCLUSÃO..... | 160 |
| REFERÊNCIAS..... | 168 |

INTRODUÇÃO

Num certo dia, fazendo os atendimentos normais, como pároco, da comunidade, um casal muito pobre me disse que tinha acabado de se mudar para nossa Paróquia, juntamente com seus filhos, e ambos estavam desempregados, fazendo dois dias que todos estavam sem comer e que não havia nada em casa. Os Vicentinos sempre ajudam nesses casos. O fato é que, pelas suas regras, primeiro precisam fazer a sindicância, depois levam o caso para o conselho da conferência - o que demora por volta de uma semana -, e eles não podiam esperar, porque estavam com fome... Pensei em ir ao Supermercado e comprar alguns alimentos, mas, por incrível que pareça, não foi preciso, isto porque, assim que entrei na secretaria paroquial, a secretária me informou que uma pessoa, de uma cidade vizinha, tinha acabado de deixar uma cesta básica para distribuir a alguma família. Ora, a conversa com o casal não demorou mais do que sete minutos. Vi, neste gesto inesperado, a providência de Deus. Coloquei a cesta no carro, a qual estava muito pesada, e juntamente com o casal me dirigi até a pequenina casa por eles alugada. Assim que colocamos a cesta no chão, a filha, de nome Renata, que contava com mais ou menos dois anos de idade, disse: “olha, papai, tem arroz e nós vamos ter hoje o que comer”. Naquele instante, veio, à minha mente, a “Parábola do Juízo Final”, principalmente a passagem que diz: “tive fome e me destes de comer” (Mt 25,35). Eu estava com muitos compromissos naquele dia, mas, no momento, pensei:

pra que ficar com tantas preocupações se, muitas vezes, esquecemos o essencial? E o que é mais importante é exatamente isso: dar comida, bebida, acolher os peregrinos, vestir os nus, visitar os doentes e presos, além de ajudar os pobres e necessitados naquilo que eles precisam. Naquele dia, decidi, se Deus me desse a graça, que escreveria, um dia, sobre o que é o essencial na fé cristã, pois muitos, como eu, às vezes se preocupam com muitos afazeres e se esquecem daquilo que Jesus nos deixou como sendo o mais importante: são as obras de misericórdia aos mais pequeninos, em outros termos, para utilizar a expressão de Mateus, se estamos praticando a justiça. Assim sendo, decidi escrever sobre: “E quando vier o Filho do Homem...”, tema muito atual num mundo moderno, globalizado e secularizado.

A modernidade traz, em si, várias conquistas nos mais diversos campos, onde se pode destacar a questão industrial, suas tecnologias e sua capacidade de produção. A medicina evoluiu enormemente no último século e no início do século XXI, de modo que o nível de vida aumentou em quantidade e qualidade. Somam-se a isto muitos outros êxitos nos mais diversos ramos sociais. Todavia, a modernidade gerou um abismo entre os países ricos e os países pobres. Segundo Santos (1999, p. 293), “calcula-se que 1 bilhão de pessoas [...] viva em pobreza absoluta, ou seja, dispondo de um rendimento inferior a cerca de 365 dólares por ano. Do outro lado do abismo, 15% da população mundial produziu e consumiu 70% do rendimento mundial”.

A modernidade gerou também a globalização da economia que é a razão de ser da sociedade atual. Michael Ramminger (2004, p. 221) diz que o neoliberalismo é o

“teto ideológico do que tem sido chamado há alguns anos de globalização. Esta globalização é definida pelos políticos e

pelas instituições internacionais como um processo, como uma transformação da economia mundial, que é marcada por crescente interdependência”.

A economia globalizada move o mundo. Se 15% da população produzem e consomem 70% do rendimento mundial, isto equivale dizer que 85% desta ficam com apenas 30%. Resultado: poucos ricos e uma maioria esmagadora pobre. Numa população estimada em mais de seis bilhões, calcula-se que um bilhão viva em pobreza absoluta ou na miséria com menos de U\$1,00 (um dólar) por dia.

Vivemos também numa sociedade secularizada e dentro das várias definições sobre este termo, segundo Peter L. Berger (1985, p. 119): “Por secularização entendemos o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos”.

Por outro lado, diante dos nossos olhos, não podemos deixar de enxergar a força e a importância da religião e de seus símbolos no mundo de hoje, pois se somarmos os adeptos das dez maiores religiões do mundo, vamos chegar à incrível marca de 74,79% da população mundial¹, isto sem computar os dados das religiões restantes.

Assim sendo, escrever sobre um tema religioso, especificamente sobre o Juízo Final - Mateus 25,31-46 - tendo, por base, os ensinamentos de Jesus Cristo, questiona a todos aqueles que se dizem “cristãos”, ou seja, de acordo com o site <http://pt.wikipedia.org>, acessado em 13 de junho de 2006, considerando uma estimativa publicada pelo IBGE, em maio de 2006, a população mundial era de 6.800.000.000. Destes, 2.106.962.000 eram adeptos do cristianismo, o que correspondem a 30,98%; questiona ao judaísmo, com seus 14.990.000, pois o Juízo

¹ 1. Cristianismo – 2.106.962.000; 2. Islamismo – 1.283.424.000; 3. Hinduísmo – 851.291.000; 4. Religiões Chinesas – 402.065.000; 5. Budismo – 375.440.000; 6. Sikhismo – 24.989.000; 7. Judaísmo – 14.990.000; 8. Espiritismo – 12.882.000; 9. Fé Bahá’í – 7.496.000; 10. Confucionismo – 6.447.000.

Final de Jesus se refere às obras de piedade dos judeus, e correspondem a 0,22%; questiona também, de uma certa maneira, àqueles que se dizem muçulmanos, num total de 1.283.424.000 de adeptos, isto equivale a 18,87%. O próprio Mohammad, fundador do islamismo, tem uma doutrina semelhante à de Jesus, quando se refere ao Juízo Final. No seu histórico sermão, disse aos seus seguidores no vale de Uranah, no centro de Arafat: “Lembrai-vos: um dia comparecereis perante Deus e respondereis pelas vossas ações” (MOHAMMAD, 1989, p. 402).

O Alcorão Sagrado (4:157-159) diz: “E por dizerem: Matamos o Messias, Jesus, filho de Maria, o mensageiro de Allah, [...] Mas Allah fê-lo ascender até Ele, porque é Poderoso, Prudentíssimo. Nenhum dos adeptos do Livro deixará de acreditar nele (Jesus), antes da sua morte [...]”.

O “Juízo Final”, descrito em Mateus 25,31-46, é muito semelhante ao que o Alcorão Sagrado (9:7,8) diz: “Aquele que fizer um bem, que seja do peso de um átomo, vê-lo-á; e aquele que fizer um mal, que seja do peso de um átomo, vê-lo-á”. Ambos se referem à salvação dos fiéis, e os que praticarem o bem irão para o paraíso (céu) ou os que praticarem o mal irão para o inferno. Tudo é uma questão de conduta do crente durante a sua vida terrena até o dia do Juízo Final.

Também para o islamismo, entre o paraíso e o inferno, o que está em questão é o livre arbítrio humano de seguir as orientações do Criador e de seus enviados, dentre eles Jesus Cristo. Assim sendo, o próprio indivíduo é o único responsável por seu destino na outra vida, ou seja, se praticar o bem, irá para o paraíso, se praticar o mal, irá para o inferno. Tudo depende de suas próprias ações.

Se tomarmos, especificamente, o Juízo Final tanto no cristianismo como no islamismo, tudo será uma questão de praticar o bem ou o mal para com os irmãos. Disso depende a vida eterna (paraíso) ou o inferno. Com isso, pode-se dizer que,

praticamente, metade da população mundial, somando-se cristãos e muçulmanos, chega a 3.390.386.000, correspondente a 49,85%, tem a crença de uma vida após a morte, onde se terá a vida eterna ou o paraíso para quem praticar o bem e o inferno para quem praticar o mal, e isto vai ocorrer no Juízo Final. Somando-se o judaísmo que tem as obras de piedade, este número chega a 3.405.376.00, ou seja, 50,07%, ou seja, mais da metade da população mundial.

Todavia, este trabalho não vai descrever o islamismo ou o modo de viver dos muçulmanos ou comentar qualquer outro dado. O que foi escrito acima tem como única pretensão ilustrar a importância do tema abordado, o qual está dividido em três capítulos e segue a seguinte estrutura:

1. O texto em seu contexto - descreve a questão do Império Romano, a realidade social da Síria, a comunidade judaico-cristã em Mateus, bem como sua pobreza, o apelo à solidariedade presente no Juízo Final, a questão da apocalíptica e a importância da partilha para a construção do Reino sonhado por Jesus;
2. Análise exegética de Mateus 25,31-46 – iniciada pelo texto em grego, passa por uma crítica textual e pela tradução do texto denominado “Juízo Final”. Logo após, são feitas a análise literária, a análise das formas, a análise da redação, a análise do conteúdo e, finalmente, a análise teológica;
3. Atualização da mensagem do Juízo Final – tem, por base, as três dimensões de vida: a pessoal, a eclesial e a social.

Neste último item da dissertação, é comentado que o Juízo Final não vai acontecer só no futuro, pois as obras de misericórdia aos mais “pequeninos”, aqui e

agora, são os critérios decisivos para que o “Filho do Homem” realize o julgamento final.

CAPÍTULO I – O TEXTO EM SEU CONTEXTO

Para compreender um texto, é fundamental conhecer o seu contexto, em nosso caso, o contexto histórico e social do primeiro século de nossa era, principalmente da Palestina e de uma província romana chamada Antioquia, na Síria.

Mas não é possível conhecer tal realidade social se antes não se tiver, em mente, o que foi o Império Romano e o modo pelo qual interferiu diretamente na política, economia e cultura dos povos dominados. É evidente que o Império Romano, enquanto tal, não é o objeto de estudo deste trabalho. Apenas serão situadas algumas passagens importantes que podem ajudar a compreendê-lo. Com isso, ficará mais fácil entender a realidade social da cidade de Antioquia, bem como o contexto que está por detrás do Evangelho de Mateus.

1.1 O Império Romano

O Império Romano, sob o governo de Pompeu, no ano 63 a.C., dominou a Palestina. Um ano antes, em 64 a.C., ocorreu também o domínio romano sobre a Síria.

O verbo dominar é muito forte, ainda mais quando se trata de uma conquista militar, consolidada de lutas armadas e de muito sangue.

“Na sua conquista inicial, e particularmente nas reconquistas subseqüentes, os romanos trataram os habitantes brutalmente a fim de induzir o povo à submissão. Repetidamente, os exércitos romanos incendiaram e destruíram completamente cidades e massacraram, crucificaram ou escravizaram as suas populações” (HORSLEY; HANSON, 1995, p. 44).

Por tudo isto, dá pra sentir a realidade da Palestina na época.

O governo de Otávio (Augusto)² teve a duração de quarenta e quatro anos (31 a.C. a 14 d.C.). Jesus nasceu neste período, muito embora tenha sido morto durante o reinado de Tibério (14-37).

Antes de se chegar aos escritos de Mateus, por volta do ano 85, houve outros imperadores: Calígula (37-41); Cláudio (41-54); Nero (54-68); Galba, Otão, Vitélio (68-69); Vespasiano (69-79); Tito (79-81) e, finalmente, Domiciano (81-96).

Otávio, ou César Augusto, como ficou conhecido, ou simplesmente Augusto, lançou as bases e alicerçou o que se pode chamar de Império Romano e de todo o seu domínio ao longo de sua duração - calcula-se que o Império Romano possuía por volta de 80 milhões de habitantes. Foi um grande estadista e fez uma grande reforma política, obtendo um novo modo de taxação, sistema centralizado de tribunais, fiscalização direta, certa autonomia administrativa às cidades e províncias, serviço postal eficiente. Buscou pessoas sábias e experientes para ocuparem cargos importantes e promulgou leis para impedir os males sociais e morais.

² Algumas reflexões sobre o Império Romano e o governo de Otávio Augusto neste trabalho também estão contidas em um livro de minha autoria: “O reino da justiça e do amor”, publicado pela Ed. Santuário.

Otávio Augusto instalou as bases que ficaram conhecidas depois como *Pax Romana* - se é que pode ser chamada de “paz” o que alguns historiadores, dentre eles Tácito, chamaram de uma “paz toda manchada de sangue”, ou seja, garantida pela força militar, pela imposição e pela guerra.

Com o Império Romano, começou também a se espalhar o modo de viver dos romanos, tais como: ginásios, fontes, pórticos, templos, oficinas, escolas. Além, é claro, da ideologia do dominador, uma vez que, para não ter questionamentos e aceitar as suas imposições, era colocado o famoso “Pão e Circo” - o alimento e a diversão para seus dominados não “incomodarem” o poder central de Roma.

Outra coisa que fica evidente nos romanos é que eles, “Desde os primórdios, tiveram mais interesse pela autoridade e pela estabilidade política do que pela liberdade e pela democracia” (BURNS, 1986, p. 213).

Tudo isso mostra que é impossível entender as atitudes de Jesus e os escritos de Mateus se não for levada em conta a realidade social em que viveram sob o domínio romano. Assim sendo, o objetivo agora é descrever o contexto social de Antioquia, na Síria, onde, ao que tudo indica, foi escrito o Evangelho de Mateus.

1.2 O Contexto Social de Antioquia, na Síria

Antioquia era, na época de Jesus e, conseqüentemente, na dos escritos de “Mateus”, a terceira maior cidade do Império Romano, ficando atrás de Roma e Alexandria.

Antioquia da Síria foi fundada por Seleuco I Nicanor, por volta do ano 300 a.C., fica a aproximadamente quatrocentos quilômetros ao norte de Jerusalém. Antíoco I (280-261 a.C.) fez desta cidade a capital do reino selêucida. Conforme dito

acima, ela foi dominada por Pompeu, no ano 64 a.C., ou seja, um ano antes de Jerusalém e a Palestina estarem sob o domínio romano e, no ano 27, foi a capital da província imperial da Síria e também sede da administração política e militar, residência do legado imperial, além de ser uma cidade geograficamente privilegiada, localizada perto do Rio Orontes e aproximadamente a vinte quilômetros do Mar Mediterrâneo. Daí porque fica fácil entender que tinha uma importância capital, tanto no campo econômico, quanto no cultural. Era um ponto de convergência para várias rotas comerciais, tanto no sentido norte-sul, como leste-oeste, além de ser um ponto de encontro entre a cultura grega e semita. Era uma cidade onde havia várias culturas e etnias. No que se refere à sua população, no fim do século I, calcula-se que possuía mais de quinhentos mil habitantes (RICHARD, 1998, p. 213). Segundo dados da época,

“cerca de 40 por cento da área da cidade era ocupada com edifícios públicos, tais como uma ágora/fórum, edifícios comerciais, ruas, basílica, ginásios, banhos, templos e monumentos, a densidade de espaço vital crescia a 205 por acre (compare 183 em Bombaim e 122 em Calcutá). Com tal densidade de população, a privacidade era mínima, a exposição intensa e o conflito iminente.” (CARTER, 2002, p. 37).

Esta cidade também hospedava três ou quatro legiões, entre quinze a vinte mil soldados encarregados de garantir a *pax romana* mesmo com uso de força e derramamento de sangue. Religiosamente falando, era uma cidade “sincretista”, com várias seitas, cultos, deuses e templos. Dentro desse contexto, surge a comunidade judaico-cristã de Mateus.

1.3 A Comunidade Judaico-Cristã em Mateus

Antes de entrar em detalhes sobre essa comunidade e os conflitos existentes, bem como as suas conquistas, derrotas e projetos, faz-se necessária uma pequena introdução para compreensão melhor do modo pelo qual ela se iniciou.

Entre os anos 38-48, Paulo e Barnabé fizeram missão na Síria e na Cilícia.

“Barnabé, entretanto, partiu para Tarso, à procura de Saulo. Tendo-o encontrado, levou-o a Antioquia. Passaram um ano inteiro trabalhando juntos naquela Igreja, e instruíram uma numerosa multidão. Em Antioquia, os discípulos foram, pela primeira vez, chamados com o nome de ‘cristãos’” (At 11,25-26).

Em seguida, realizou-se a assembléia (concílio?) em Jerusalém, por volta do ano 48. Paulo e Barnabé, “com o apoio e solidariedade da igreja de Antioquia” (Cf. At 15,3), foram para tal assembléia que tratou especificamente da “Boa Notícia anunciada aos pagãos” e, por fim, houve a famosa carta conciliar (At 15,22-29), cuja essência fica nesta decisão: “Pois decidimos, o Espírito Santo e nós, não vos impor nenhum fardo” (At 15,28) e “Quanto a Paulo e Barnabé, permaneceram em Antioquia. E junto com muitos outros ensinavam e anunciavam a Boa Nova da Palavra do Senhor” (At 15,35).

Paulo morreu, provavelmente, por volta do ano 67, embora haja controvérsias entre os escritores: uns colocam um pouco antes e outros um pouco depois.

No ano 70, com a destruição do Templo e de Jerusalém pelos romanos, Antioquia atraiu milhares de judeus e muitos cristãos, por ser próxima de Jerusalém e por ser um importante centro cultural e comercial. Há quem diga que “[...] a colônia judia podia ter um pouco mais de 50 mil pessoas” (RICHARD, 1998, p. 33), muito

embora não se possa entusiasmar com tal quantidade, visto que os seguidores de Jesus eram bem menores. Na verdade, não se sabe, ao certo, quantos cristãos havia em Antioquia por volta do ano 85, quando foi escrito o Evangelho de Mateus. Segundo Warren Carter (2002, p. 54.76), “talvez 19, 150 ou ainda 1.000”. Pelo que consta, era “[...] uma comunidade inclusiva, adotando, [...] uma práxis de misericórdia indiscriminada, [...] sem preocupar-se com os limites étnicos, sociais ou de gênero”.

Depois dessa pequena visão histórica, faz-se necessário descrever a comunidade judaico-cristã nos escritos de Mateus. De modo geral, pode-se afirmar que:

“Os cristãos tinham inevitavelmente de relacionar-se com o Judaísmo, pois liam a Bíblia (o Antigo Testamento deles), praticavam muitas tradições judaicas modificadas e acalentavam os feitos e ensinamentos de Jesus, que viveu como judeu em Israel. Faziam isso com vários graus de simpatia, posição defensiva e hostilidade” (SALDARINI, 2000, p. 316).

Cristãos e judeus conviviam em Jerusalém, na Palestina, na Síria e em muitos outros lugares, mesmo depois da ressurreição de Jesus. Os cristãos freqüentavam as sinagogas dos judeus e tinham suas diferenças, mas, dentro do possível, tinham uma certa união devido a alguns pontos em comum, dentre eles: a torá (lei), as profecias e os demais escritos contidos no Antigo Testamento. O fato dos cristãos afirmarem que Jesus era o Filho de Deus e o Messias esperado pelo povo judeu gerou uma série de conflitos e dificuldades nesse relacionamento. Isto fica evidente, pois:

“O evangelho de Mateus é um todo integral e coerente que reflete um grupo judaico-cristão que observa toda a Lei, interpretada pela tradição de Jesus. O autor considera-se um

judeu que tem a verdadeira interpretação da Torá e é fiel à vontade de Deus revelada por Jesus, que ele declara ser o Messias e Filho de Deus” (SALDARINI, 2000, p. 16).

No ano 85, os fariseus e escribas, sob a liderança do Rabi Iohanan bem-Zakai, foram para Jâmnia (a noroeste de Jerusalém) e deram início ao judaísmo formativo, precursor do judaísmo rabínico normativo. Fundaram uma academia em substituição ao Sinédrio, onde o chefe foi chamado de Patriarca e reconhecido oficialmente pelo Império Romano como legítimo representante do povo judeu. Com isso, ocorreu o famoso evento de expulsão dos cristãos das sinagogas. Ora,

“Mateus escreve antes de que a ruptura entre Judaísmo e Cristianismo tenha alcançado sua comunidade. Pode ser já um fato em outros lugares. E Mateus mostra que, na comunidade de onde escreve, a ruptura está próxima, as relações são tensas, e vivas as polêmicas entre uns e outros rabinos. No entanto, Mateus ainda não se dá por vencido em sua tentativa de mostrar o Cristianismo como a culminação do Judaísmo e não como sua negação” (SEGUNDO, 1997, p. 72).

Não obstante isso, pode-se dizer que esse Evangelho é uma tentativa de comprovar que Jesus veio cumprir as profecias, o que fica claro ao longo de todos os seus escritos que estão sempre correlacionados com estas e outras diversas passagens do Antigo Testamento. Saldarini (2000, p. 329) afirma que Mateus é “o mais judaico dos evangelhos em suas tradições e interpretações e o mais crítico dos evangelhos em seus ataques a certas formas de judaísmo”. De um modo especial, no capítulo 23, vêm descritas bem estas críticas e ataques.

Para a comunidade judaico-cristã de Mateus ficar ainda mais evidente, pode-se afirmar que ele apresenta:

“Jesus como um judeu informado e observante, que protesta contra certas práticas e interpretações, e propõe algumas mudanças de atitude e prática a fim de promover maior

fidelidade a Deus e ao ensinamento de Deus na Bíblia” (SALDARINI, 2000, p. 208).

Jesus não é contra a lei e, sim, contra certas práticas e interpretações. Na verdade, ele veio para dar plenitude à lei (torá).

Jesus é O Messias, o Filho de Deus. “Mateus procurou estender uma ponte e evitar a ruptura definitiva, a história nos diz que fracassou nessa tentativa. Deu-se a ruptura, apesar de tudo” (SEGUNDO, 1997, p. 279). Ruptura esta que se refere ao judaísmo e cristianismo. Saldarini (2000, p. 23) diz que “a partir do século II, o evangelho de Mateus passou a ser lido como obra cristã, não judaica, e valorizado porque se acreditava que ele explicava a relação do Cristianismo com as origens judaicas”.

Feita a relação entre a comunidade judaico-cristã de Mateus, interessa entrar dentro dela e em seu ambiente original para que se possa conhecê-la melhor. O que está em discussão é o contexto social do século I e não as discussões posteriores e muito menos a ruptura do judaísmo com o cristianismo. O objetivo é entender como judeo-cristãos, cristãos, gentios e demais convertidos ao cristianismo vivenciaram a mensagem de Jesus escrita no Evangelho de Mateus. Para isso, não se será servido de todos os seus escritos, e sim de um texto específico denominado de Juízo Final (Mt 25,31-46). Antes, porém, faz-se necessário explicar *a questão da pobreza* e o modo pelo qual interferiu na construção da comunidade cristã, nos escritos de Mateus e, de um modo todo especial, no grande apelo à solidariedade, conforme narra o Juízo Final, no sermão escatológico.

1.4 A Questão da Pobreza

É bom que se conheça onde e em que condições viviam estas pessoas que se diziam “cristãs”, independentemente de serem judeus, gentios, pagãos, helênicos e outros. Tudo indica que “Mateus, segundo os exegetas de maior valor no meu critério, deve ter escrito seu evangelho em algum lugar da Síria, depois da destruição de Jerusalém” (SEGUNDO, 1997, p. 72). De fato, um versículo deixa transparecer isto: “E a fama de Jesus espalhou-se por toda a Síria” (Mt 4,24). Muito embora haja também opiniões de que tenha sido escrito em algum lugar da Palestina ou, até mesmo, na Galiléia.

Com a guerra judaica (66-73), porém, de um modo especial, no ano 70, aconteceu o que já era esperado, ou seja, “[...] o Templo foi destruído. Tal acontecimento constituiu-se num verdadeiro desastre para o judaísmo. Além de um golpe político, isso significava a destruição do centro cultural e religioso dos judeus” (CNBB, 1998, p. 21). Talvez, poderia até ser dito que esse acontecimento resultou na perda da própria identidade, enquanto povo organizado politicamente falando, já que o Templo era o centro de toda a vida judaica. Não tinham mais como oferecer os sacrifícios, as liturgias, a parte social, já que ele era também um órgão social. O sistema financeiro também foi destruído, já que funcionava também como banco. Devido à destruição do Templo, em Jerusalém, muitos judeus saíram de Israel e foram para a Síria e outras regiões. Aprofundando a comunidade de Mateus, a partir de agora, será denominada de “comunidade cristã ou cristãos”, independentemente de serem judeus, helenistas, pagãos e outros.

Tratando especificamente do Evangelho de Mateus, as multidões que seguem Jesus

“São sociologicamente típicas das classes inferiores da antigüidade. Cerca de 90% da população eram camponeses e artesões. Eram na maior parte analfabetas, viviam em nível de

subsistência, não tinham mobilidade social, nem acesso direto ao poder” (SALDARINI, 2000, p. 70).

Stegemann (2004, p. 59) afirma que, em Israel, mais de 90% da população viviam no campo e estavam ligadas à agricultura. Conclui-se que a elite girava em torno de 5% a 10%.

“A elite em Antioquia compreendia vários grupos que refletiam os papéis políticos, militares, administrativos e comerciais da cidade. Notáveis eram os grandes latifundiários, cuja riqueza provinha de seu controle sobre a terra e matérias-primas.” (CARTER, 2002, p. 39).

Fica evidente que a pobreza atingia uma enorme porcentagem da população.

Interessante é o modo pelo qual Stark (*apud* CARTER, 2002, p. 47) descreve a realidade social da época. Diz ele:

“Antioquia era uma cidade onde a família comum vivia uma vida pobre e sórdida em quartos apertados e sujos, onde pelo menos a metade das crianças morria no nascimento ou durante a infância, e onde a maioria das crianças que sobreviveram perderam ao menos um dos genitores antes de alcançar a maturidade. A cidade estava cheia de ódio e medo surgidos nos intensos antagonismos étnicos e exacerbados por um constante fluxo de estrangeiros”.

Por tudo isso, ficam evidentes as condições de vida, pobreza e miséria em que vivia boa parte da comunidade cristã que tinha inúmeras dificuldades e desafios, além de muitos serem estrangeiros, pois, com a destruição do Templo e de Jerusalém, por volta do ano 70, muitos judeus e judeo-cristãos foram morar em Antioquia.

Segundo Stegemann (2004, p. 144), a questão dos tributos mostra que “as estimativas oscilam entre 12% e 50% do produto social em receitas de impostos”. Tudo tinha imposto e, nesse sentido, a dominação romana era implacável. “Qualquer

falta de pagamento era considerada equivalente a uma rebelião, a que Roma habitualmente reagia com força punitiva” (HORSLEY; HANSON, 1995, p. 64). O povo já não agüentava mais tantos impostos e explorações econômicas. Uma revolta era evidente, gerando movimentos contrários a Roma.

“O banditismo pode aumentar em épocas de crise econômica, incitado pela fome ou elevada tributação, bem como em períodos de desintegração social, talvez resultante da imposição de um novo sistema político ou econômico-social” (HORSLEY; HANSON, 1995, p. 57).

O povo não conseguia pagar os altos impostos. E se houvesse guerra, tinha que fornecer alimentos ao exército romano.

O problema maior atinge praticamente 90% da população que estavam ligadas ao sustento tirado do campo. Stegemann (2004, p. 121) afirma que a atividade agrícola era “a espinha dorsal da economia da Antigüidade”. Isso vale tanto para Israel, como para todos os povos que faziam parte do Império Romano. Ocorre que os impostos eram altíssimos e os romanos não levavam em conta a questão da seca ou qualquer outra calamidade que pudesse surgir eventualmente. Com isso, os camponeses eram obrigados a entregar os impostos de qualquer jeito, o que os levava ao desespero, pois:

“Se uma família camponesa, após entregar 40 por cento ou mais de sua colheita, não tivesse o suficiente para sobreviver até a próxima colheita, teria de tomar emprestado cereais para alimentar-se ou para semear na próxima semeadura” (HORSLEY; HANSON, 1995, p. 65).

Começavam assim as dívidas e, não tendo como pagá-las, boa parte desses camponeses tinha que vender suas terras ou até mesmo se tornar escravos de tais dívidas de empréstimos, e a terra ia cada vez mais se concentrando nas mãos de poucos que se tornavam latifundiários. Os pobres cada vez mais pobres e, ainda,

sem terra, tinham que trabalhar como diaristas, e Mateus (20,1-16) relata muito bem isto: um patrão sai em diversos horários para contratar trabalhadores que estão na praça e lá tem vários deles “Porque ninguém os contratou” (Mt 20,7). Ocorre que, às vezes, também vários desses trabalhadores se tornavam arrendatários (meeiros) da sua própria terra ou de qualquer outra. Pior era quando os camponeses se tornavam escravos por dívida. Além de entregarem suas terras, eles, juntamente com toda a sua família, tinham que trabalhar em condições de escravos, e literalmente muitos deles passavam fome. Mas se engana, quando se pensa que somente os que se tornaram escravos por dívidas passavam fome. Stegemann (2004, p. 69) afirma que “a maioria da população rural da Antigüidade vivia na corda bamba da subsistência e da fome”.

Por tudo isso, ficam evidentes as condições miseráveis em que a maioria dos camponeses vivia, tanto na época de Jesus Cristo, como no período em que foi escrito o Evangelho de Mateus. Dentre os diversos textos em que o autor transmite essa realidade desesperadora, o Juízo Final (Mt 25,31-46) é um retrato fiel de como devem ser as relações solidárias de partilha dos bens para que os mais pobres possam ter o mínimo necessário para sobreviverem.

1.5 Apelo à Solidariedade: Mt 25,31-46

Diante da situação de pobreza e, muitas vezes, de miséria em que vivia a maioria dos camponeses - o que consistia em 90% da população do Império Romano -, o autor do Evangelho de Mateus faz um apelo dramático à solidariedade. Na verdade, a partilha dos poucos bens destes mais pobres significava, para muitos, uma questão de sobrevivência, de vida ou morte.

O que chama a atenção nesse texto é a questão do Juízo Final estar ligado diretamente ao presente e às boas obras em relação aos mais pobres, muito embora ele tenha uma pequena introdução e o seu último versículo conclusivo em sentido apocalíptico e alguns outros versículos.

Por que Mateus escreveu esse texto importantíssimo utilizando, como pano de fundo, a questão apocalíptica? Por que, ao se referir sobre o Juízo Final que supõe o futuro, colocou seus critérios básicos no presente? São perguntas que devem ser esclarecidas para um entendimento melhor de tal texto. Para que fique ainda mais claro, faz-se necessário obter uma pequena visão do que vem a ser a apocalíptica e qual a sua importância na época de Jesus e Mateus para depois esclarecer o objetivo desse Evangelho em colocar os critérios do Juízo Final no presente e não no futuro.

1.5.1 A questão da apocalíptica

Antes de entrar na questão da literatura apocalíptica, é preciso entender as circunstâncias e o momento histórico que gerou esse movimento de resistência. Embora já existam alguns escritos que foram denominados apocalípticos, tanto em Isaías, como em Zacarias, o fato é que há um certo consenso de que “o escrito apocalíptico mais antigo foi transmitido sob o nome de Daniel” (LOHSE, 2000, p. 60).

Com a reforma helenizante de Antíoco IV Epífanes a partir do ano 170 a.C., os judeus vivenciaram uma intensa crise enquanto povo e identidade. Detalhes dessa reforma se encontram no 1 Macabeus. De modo geral, encontra-se descrito:

“O rei prescreveu, em seguida, a todo o seu reino, que todos formassem um só povo, renunciando cada qual a seus costumes particulares. E todos os pagãos conformaram-se ao

decreto do rei. Também muitos de Israel comprazeram-se no culto dele, sacrificando aos ídolos e profanando o sábado. [...] e impedissem os holocaustos, o sacrifício e as libações no Santuário, profanassem sábados e festas, [...] construíssem altares, recintos e oratórios para os ídolos e imolassem porcos e animais impuros. Que deixassem, também, incircuncisos seus filhos [...] de tal modo que olvidassem a Lei e subvertessem todas as observâncias. Quanto a quem não agisse conforme a ordem do rei, esse incorreria em pena de morte” (1 Mc 1, 41-43.45.47-50).

Diante de tal reforma absurda, a situação dos judeus era a pior possível e desesperadora. Os representantes do rei Antíoco IV Epífanes invadiam as casas, rasgavam e queimavam os livros da Lei e mandavam matar quem procurava praticar a Lei, pois isto era contrário à reforma e ao decreto real.

“A reforma helenizante ordenada por Antíoco Epífanes causou uma intensa crise de fé para os judeus. Aceitar a reforma significaria abandonar a sua fé em Deus e sua obediência à Torá. Mas a resistência à reforma significaria enfrentar a morte do martírio. Qualquer das duas alternativas parecia levar ao fim inevitável da fé judaica. [...] Desesperados para entender sua situação aparentemente impossível, alguns judeus fiéis buscaram uma *revelação* divina (grego: *apokalypsis*, donde o nosso termo “apocalíptico”) para explicar por que as circunstâncias de sua vida se tinham tornado tão insuportáveis e que plano Deus tinha para libertá-los” (HORSLEY; HANSON, 1995, p. 33).

Esse tipo de literatura se espalhou rapidamente, pois era um modo de ter uma certa convicção de que Deus estava atento a tudo e que bons e maus teriam recompensas diferentes no Seu julgamento. A história não é só aqui e termina com a morte. Há a ressurreição dos justos e um outro mundo criado por Deus.

“O conjunto de motivos apocalípticos é pluriforme. Fazem parte dele concepções sobre a presença do tempo final e o aumento do mal ou de tempos de tribulação e catástrofes cósmicas, a expectativa da ressurreição, de um juízo final sobre todas as pessoas e de um novo éon; desenvolvem-se também concepções mitológicas de uma figura de juiz celestial como a do “Filho do Homem” e, mais tarde, também de figuras messiânicas de um Salvador” (STEGEMANN, 2004, p. 171-2).

Esse tipo de concepção apocalíptica, sem dúvida, levou muitos judeus a resistirem às mais diversas perseguições, buscando refúgio em uma libertação próxima na história ou tendo em mente a recompensa dos justos na vida eterna. De modo geral e abrangente, pode-se dizer que:

“Apocalipse é um gênero da literatura de revelação, com quadro narrativo em que uma revelação é transmitida por um ser celeste a um ser humano, revelando uma realidade transcendente, tanto temporal, na medida que visa à salvação escatológica, como espacial, porquanto inclui outro mundo, sobrenatural” (COLLINS *apud* BERGER, 1998, p. 268).

Depois do que foi dito sobre a apocalíptica e de sua importância, cabe agora analisar o objetivo de Mateus ter utilizado, em alguns versículos do texto do Juízo Final, este estilo de linguagem. Mas, antes de passar para o texto propriamente dito, é importante dizer que ele está incluso no bloco denominado “escatológico” (Mt 24—25). Sobre isto, D. Sim (*apud* CARTER, 2002, p. 581-2) argumenta que:

“O material apocalíptico de Mateus, conteúdo que desvela o estabelecimento final do império de Deus, tem cinco funções. (1) Os capítulos 24—25 continuam a compreensão dualística do mundo. Eles identificam, novamente, a comunidade de Mateus como a comunidade justa, e todos aqueles que se opuseram a ela e a Jesus como injustos. [...] (2) Os capítulos explicam as difíceis circunstâncias atuais de sofrimento que a comunidade de discípulos enfrenta em relação a outras

comunidades judaicas e ao império romano. [...] (3) Os capítulos oferecem, assim, esperança e encorajamento. O presente não é permanente. Requer fidelidade e vigilância no conhecimento de que o futuro glorioso de Deus é garantido. (4) Eles também posicionam consolação. Em vista deste futuro, vale suportar a angústia presente, custe o que custar. [...] (5) Os capítulos fomentam a solidariedade de grupo controlando comportamento apropriado, exigindo fidelidade e oferecendo recompensas ou castigos escatológicos”.

Com relação ao texto do Juízo Final (Mt 25,31-46), há muitos elementos apocalípticos e escatológicos, principalmente nestes versículos:

31-32a. E quando vier o Filho do homem em sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará sobre o trono da sua glória. E reunir-se-ão diante dele todas as nações;

34. Então dirá o rei aos da sua direita: Vinde, benditos do meu Pai, herdai o reino preparado para vós desde a criação do mundo;

41. E então dirá aos da sua esquerda: “afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e aos seus anjos”;

46. E irão estes para o castigo eterno, e os justos para a vida eterna.

A questão é saber por que Mateus quis utilizar, nesse texto, que tem vários gêneros literários, também o gênero apocalíptico. Possivelmente para chamar a atenção para a urgência da situação precária que vivia sua comunidade. Também o estilo apocalíptico despertava curiosidade e um certo temor, além de ser um alerta para resistir às tribulações e buscar a solidariedade. De acordo com o Texto, o Filho do Homem é o encarregado do julgamento, aquele que então dará o Reino de Deus aos que forem justos e praticarem as obras de justiça e misericórdia, e também irão para o “fogo eterno” os que praticarem o mal e não praticarem as obras de justiça e misericórdia aos “pequeninos”.

Porém, esse julgamento final tem um caráter tipicamente cristão. Isto se deve ao fato de que:

“Na apocalíptica judaica, a passagem do antigo para o novo mundo pode ser pensada sem a colaboração de uma figura messiânica. A esperança final dos cristãos, porém, define-se por sua fé no Messias crucificado e ressuscitado, que o esperam como aquele que está por vir. Por isso, as idéias apocalípticas assumidas pelas comunidades cristãs receberam um conteúdo novo a partir da cristologia, servindo assim ao desenvolvimento do anúncio cristão” (LOHSE, 2000, p. 58).

Jesus Cristo se identifica como sendo o “Filho do Homem”, atribuindo a si mesmo tal título que aparece trinta vezes no Evangelho de Mateus. Ocorre que, no texto do Juízo Final, este Filho do Homem é identificado ainda mais como sendo o próprio Jesus Cristo, ao dizer: “34. Então dirá o rei aos da sua direita: Vinde, benditos do meu Pai, herdai o reino preparado para vós desde a criação do mundo”. A expressão “benditos do meu Pai” transparece claramente Jesus como o Filho de Deus.

Mesmo o Juízo Final tendo um caráter futuro por se referir ao final dos tempos, o que fica em destaque são os critérios para tal julgamento que tem, por base, as obras de misericórdia praticadas em relação aos mais necessitados no presente.

1.5.2 A questão da partilha

A mensagem principal, o apelo essencial desse texto do Juízo Final, está na questão da partilha dos bens, ou seja, praticar as obras de justiça e misericórdia e ser solidário para com os mais pobres. O estilo apocalíptico foi um recurso utilizado

por Mateus para chamar a atenção de sua comunidade sobre a urgência dessa partilha. No entanto, deve ficar claro que o importante não é o Juízo Final em um futuro, mas num momento presente, e as obras de misericórdia e justiça são a razão principal de tal julgamento. De acordo com Carter (2002, p. 28):

“esta cosmovisão apocalíptica os provê de uma perspectiva cósmica nas suas experiências do presente e oferece ânimo e esperança no futuro de Deus. Então os justos terão a sua recompensa, e os malvados serão punidos. A ênfase constante sobre a responsabilidade futura visa a fortalecer a solidariedade do grupo e controlar suas práticas e condutas”.

O texto quer dar uma resposta para as dificuldades e perseguições do presente e dar uma esperança que, no futuro, os que permanecerem justos terão a recompensa e tomarão posse do Reino de Deus e serão chamados de “benditos”, enquanto os malvados e perseguidores, os que dominam, exploram e matam, irão para o “Fogo Eterno” preparado pelo diabo e serão chamados de “malditos”.

A realidade presente é que muitas pessoas estão passando por necessidades que as podem levar à morte. Nesse caso, “elas têm fome e sede, vestem apenas farrapos, encontram-se desprovidas de moradia e esperança. Dependem da ajuda de outros para o indispensável à vida” (STEGEMANN, 2004, p. 114).

As obras de justiça e misericórdia se referem ao cotidiano das pessoas e de suas necessidades biológicas básicas, quando o Juiz vai interrogar a todos e perguntar sobre a solidariedade para com os mais “pequeninos”. Tudo gira em torno destas obras: “Porque tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber, era estrangeiro e me recebestes. Nu e me vestistes, estive doente e me visitastes, preso e viestes ver-me” (Mt 25,35-36).

O apelo dramático aos cristãos e a todos é para a prática dessas obras. Analisando o contexto social da época, pode-se dizer que:

“as obras referem-se a situações extremamente concretas como a fome a saciar, a sede a desalutar, o estrangeiro a acolher, a nudez a vestir, o doente e o prisioneiro a visitar. Essas obras correspondem, para todos os efeitos, às obras de piedade proclamadas pelo Judaísmo e pelo Novo Testamento” (GENDRON, 1999, p. 77).

O inesperado e o surpreendente nesse texto é que o próprio Jesus Cristo (que aparece como Filho do Homem, pastor e rei) vai dizer aos justos: “Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40). E também aos injustos (malditos): “Em verdade vos digo: cada vez que não fizestes a um destes pequeninos, a mim não o fizestes” (Mt 25,45). Com isso, ficam evidentes a identificação e a presença de Jesus em todos os pobres e necessitados que são designados como “pequeninos”. Fazer ou deixar de fazer estas obras para com os mais pequeninos é fazer ou deixar de fazer ao próprio Jesus. Na verdade, é de se perceber que “os evangelhos revelam um povo sobrecarregado de dívidas e fome, atormentado pela paralisia física e social e em geral desesperado com as circunstâncias vividas” (HORSLEY, 2004, p. 112), mas nenhum texto revela isso tão claramente como este do Juízo Final, onde as obras de misericórdia e justiça são fundamentais para a manutenção de uma vida digna ou, pelo menos, com o mínimo necessário. Saldarini (2000, p. 269) afirma que “a fiel adesão a uma interpretação de todos os mandamentos de Deus, que enfatiza a justiça e a misericórdia é o centro da mensagem de Jesus e do modo de vida mateano”.

Esse texto é preciso e é um apelo à conversão. Amor "refere-se não a um sentimento ou a uma atitude, mas a práticas econômicas concretas na comunidade camponesa, como perdão de dívidas e partilha mútua e generosa de recursos” (HORSLEY, 2004, p. 132). Mateus deixa bem claro que a Palavra de Deus não é

teórica ou bonita, mas para ser vivida na prática do dia-a-dia, pois é cumprindo as obras de misericórdia e justiça que se pode construir o Reino de Deus.

Tratando-se da comunidade de Mateus, para terminar essa questão do texto em seu contexto, um outro fato muito importante ocorreu por volta do ano 85, quando os cristãos sofreram intensamente ao serem expulsos das sinagogas, pois perderam os privilégios religiosos da liberdade de culto que os romanos proporcionavam aos judeus e, o pior, tinham que prestar culto ao imperador. Como isto era uma idolatria, eles se recusavam a oferecer sacrifícios e incenso diante da imagem do imperador, bem como negar ou amaldiçoar Jesus. Em consequência, eram acusados de serem desleais, cometendo um delito político, o que ocasionava a morte. Outro fator agravante era que não mais se beneficiavam das sinagogas no que se refere à parte social como: ajuda aos pobres, viúvas, assistência médica e sepultamento, entre outros. Tudo isso exigia uma fé inabalável nos ensinamentos de Jesus.

CAPÍTULO II – ANÁLISE EXEGÉTICA DE MATEUS 25,31-46

Este capítulo é essencial nesta dissertação. Por isso, muitos autores que escreveram sobre o juízo final serão utilizados. Em relação à metodologia, será tomada por base a obra elaborada por Uwe Wegner: “Exegese do Novo Testamento”. No que se refere ao conteúdo, seguirá a seguinte estrutura:

1. Texto em grego;
2. Crítica textual;
3. Tradução;
4. Análise literária;
5. Análise das formas;
6. Análise da redação;
7. Análise do conteúdo;
8. Análise teológica.

O texto em grego a seguir foi tirado do *Novum testamentum graece*, de Nestle-Aland, em sua XXVII edição.

1 Texto em Grego

31. Ὄταν δὲ ἔλθῃ ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου ἐν τῇ δόξῃ αὐτοῦ καὶ πάντες οἱ ἄγγελοι μετ' αὐτοῦ, τότε καθίσει ἐπὶ θρόνου δόξης αὐτοῦ·
32. καὶ συναχθήσονται ἔμπροσθεν αὐτοῦ πάντα τὰ ἔθνη, καὶ ἀφορίσει αὐτοὺς ἀπ' ἀλλήλων, ὥσπερ ὁ ποιμὴν ἀφορίζει τὰ πρόβατα ἀπὸ τῶν ἐρίφων,
33. καὶ στήσει τὰ μὲν πρόβατα ἐκ δεξιῶν αὐτοῦ, τὰ δὲ ἐρίφια ἐξ εὐωνύμων.
34. τότε ἐρεῖ ὁ βασιλεὺς τοῖς ἐκ δεξιῶν αὐτοῦ· δεῦτε οἱ εὐλογημένοι τοῦ πατρός μου, κληρονομήσατε τὴν ἡτοιμασμένην ὑμῖν βασιλείαν ἀπὸ καταβολῆς κόσμου.
35. ἐπέινασα γὰρ καὶ ἐδώκατέ μοι φαγεῖν, ἐδίψησα καὶ ἐποτίσατέ με, ξένος ἦμην καὶ συνηγάγετέ με,
36. γυμνὸς καὶ περιεβάλετέ με, ἡσθένησα καὶ ἐπεσκεύασθέ με, ἐν φυλακῇ ἦμην καὶ ἤλθατε πρὸς με.
37. τότε ἀποκριθήσονται αὐτῷ οἱ δίκαιοι λέγοντες· κύριε, πότε σε εἶδομεν πεινῶντα καὶ ἐθρέψαμεν, ἢ διψῶντα καὶ ἐποτίσαμεν;
38. πότε δέ σε εἶδομεν ξένον καὶ συνηγάγομεν, ἢ γυμνὸν καὶ περιεβάλομεν;
39. πότε δέ σε εἶδομεν ἀσθενοῦντα ἢ ἐν φυλακῇ καὶ ἤλθομεν πρὸς σε;
40. καὶ ἀποκριθεὶς ὁ βασιλεὺς ἐρεῖ αὐτοῖς· ἀμὴν λέγω ὑμῖν, ἐφ' ὅσον ἐποιήσατε ἐνὶ τούτων τῶν ἀδελφῶν μου τῶν ἐλαχίστων, ἐμοὶ ἐποιήσατε.
41. τότε ἐρεῖ καὶ τοῖς ἐξ εὐωνύμων· πορεύεσθε ἀπ' ἐμοῦ [οἱ] κατηραμένοι εἰς τὸ πῦρ τὸ αἰώνιον τὸ ἡτοιμασμένον τῷ διαβόλῳ καὶ τοῖς ἀγγέλοις αὐτοῦ.
42. ἐπέινασα γὰρ καὶ οὐκ ἐδώκατέ μοι φαγεῖν, ἐδίψησα καὶ οὐκ ἐποτίσατέ με,
43. ξένος ἦμην καὶ οὐ συνηγάγετέ με, γυμνὸς καὶ οὐ περιεβάλετέ με, ἀσθενὴς καὶ ἐν φυλακῇ καὶ οὐκ ἐπεσκεύασθέ με.
44. τότε ἀποκριθήσονται καὶ αὐτοὶ λέγοντες· κύριε, πότε σε εἶδομεν πεινῶντα ἢ διψῶντα ἢ ξένον ἢ γυμνὸν ἢ ἀσθενῆ ἢ ἐν φυλακῇ καὶ οὐ διηκονήσαμεν σοι;
45. τότε ἀποκριθήσεται αὐτοῖς λέγων· ἀμὴν λέγω ὑμῖν, ἐφ' ὅσον οὐκ ἐποιήσατε ἐνὶ τούτων τῶν ἐλαχίστων, οὐδὲ ἐμοὶ ἐποιήσατε.

46. καὶ ἀπελεύσονται οὗτοι εἰς κόλασιν αἰώνιον, οἱ δὲ δίκαιοι εἰς ζωὴν αἰώνιον.

2 Crítica Textual

A crítica textual é importante no sentido de que se aproxime do texto mais original possível, pois,

“o Novo Testamento foi escrito em grego e em manuscritos cujos originais desapareceram. Esses manuscritos foram sucessivamente copiados no decorrer dos séculos, de modo que conhecemos milhares dessas cópias na atualidade” (WEGNER, 2001, p. 39).

O texto: “*Novum testamentum graece*”, de Nestle-Aland, em sua XXVII Edição, traz, em seu rodapé, as diferenças textuais em relação a outros manuscritos. Na verdade, quem faz exegese tem que decidir entre esta ou aquela palavra ou variante de acordo com suas convicções e argumentos.

Ao iniciar a crítica textual de Mt 25,31-46, o autor cita pequenas variações existentes em alguns versículos. Nesta exegese, as que se destacam são as seguintes:

No v. 39, há uma substituição simples de ἀσθενοῦντα para ἀσθενη nos mss maiúsculos: « A L W e 067; pelos mss minúsculos da família 1, 13 e 33 e texto majoritário. E o texto tal qual foi proposto é testemunhado pelos mss maiúsculos B D Θ e 0281 e por poucos mss como Clemente de Alexandria. O primeiro é traduzido pelo Léxico, como “fisicamente estar doente” e o segundo, como “fisicamente doente” (Léxico, p. 36). Neste caso, será utilizado o texto majoritário.

No v. 40, há uma omissão de τῶν ἀδελφῶν μου (meus irmãos), e, na seqüência, “mais pequeninos”. Assim, há no v. 40: τῶν ἀδελφῶν μου τῶν ἐλαχίστων e no v. 45: τῶν ἐλαχίστων (“mais pequeninos” somente). Aland nos diz que a omissão de τῶν ἀδελφῶν μου, principalmente no ms maiúsculo (45), os parênteses sinalizam que sua leitura apresenta pequenas divergências ou alterações em relação à variante ou texto em apreço. Depois, há os mss maiúsculos B* e 0128* que aparecem com o *, o que indica o texto original dos mss, diferenciando-o de correções existentes. Esta omissão aparece também no ms minúsculo 1424, nos códices latinos ff1 e ff2; partes em Clemente de Alexandria, Eusébio de Cesaréia e Gregório de Nissa. Conforme visto, a omissão acima aparece em poucos mss e, neste caso, será mantido “meus irmãos”.

Há também, neste v. 41, uma substituição maior: τὸ ἠτοιμασμένον (o preparado), presente no ms minúsculo F e poucos manuscritos. Enquanto ἠτοιμασεν ο πατηρ μου (o acréscimo “meu Pai”) está presente no ms maiúsculo D e ms minúsculo da família 1 e na maioria dos mss latinos antigos, na versão copta do médio Egito e testemunhas textuais como Irineu, tradução latina e Cipriano. O texto proposto por Aland é testemunhado pelo ms do papiro 45 e mss maiúsculos « A B L W Θ 067. 0128, pelos mss minúsculos da família 13 e 33, pelo texto majoritário dos mss latinos e a vulgata (lat), todos os mss da versão Siríaca e versão copta Boáirica e testemunhas textuais como: Eusébio de Cesaréia e Dídimo de Alexandria. Por ter base no texto majoritário e outros argumentos, será seguido o texto proposto.

3 Tradução Literal

A tradução será feita em dois momentos, ou seja, uma literal e outra final. A literal procura seguir o texto em grego, o que fica, gramaticalmente, um pouco “estranho” em português, e a final procura traduzir o texto em grego o mais fiel possível, levando-se em conta a crítica textual e sua compreensão para a nossa realidade brasileira.

31. Ὅταν δὲ ἔλθῃ ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου ἐν τῇ δόξῃ αὐτοῦ καὶ πάντες οἱ ἄγγελοι μετ’ αὐτοῦ, τότε καθίσει ἐπὶ θρόνου δόξης αὐτοῦ·

E quando vier o Filho do Homem na glória dele e todos os anjos com ele, então sentará sobre o trono da glória dele.

32. καὶ συναχθήσονται ἔμπροσθεν αὐτοῦ πάντα τὰ ἔθνη, καὶ ἀφορίσει αὐτοὺς ἀπ’ ἀλλήλων, ὥσπερ ὁ ποιμὴν ἀφορίζει τὰ πρόβατα ἀπὸ τῶν ἐρίφων,

E reunir-se-ão diante dele todas as nações, e separará eles uns dos outros, assim como o pastor separa as ovelhas dos bodes.

33. καὶ στήσει τὰ μὲν πρόβατα ἐκ δεξιῶν αὐτοῦ, τὰ δὲ ἐρίφια ἐξ εὐωνύμων.

E colocará as ovelhas do lado direito dele, e os bodes do lado esquerdo.

34. τότε ἔρεῖ ὁ βασιλεὺς τοῖς ἐκ δεξιῶν αὐτοῦ· δεῦτε οἱ εὐλογημένοι τοῦ πατρός μου, κληρονομήσατε τὴν ἡτοιμασμένην ὑμῖν βασιλείαν ἀπὸ καταβολῆς κόσμου.

Então dirá o rei aos da direita dele: para cá os benditos do meu pai, herdai o reino preparado para vós desde a criação do mundo.

35. ἐπείνασα γὰρ καὶ ἐδώκατέ μοι φαγεῖν, ἐδίψησα καὶ ἐποτίσατέ με, ξένος ἦμην καὶ συνηγάγετέ με,

Porque tive fome e destes para mim comer, tive sede e me destes de beber, estrangeiro era e me recebestes.

36. γυμνὸς καὶ περιεβάλετέ με, ἡσθένησα καὶ ἐπεσκεύασθέ με, ἐν φυλακῇ ἦμην καὶ ἦλθατε πρὸς με.

Nu e me vestistes, estive doente e me visitastes, dentro da prisão estava e viestes para mim.

37. τότε ἀποκριθήσονται αὐτῷ οἱ δίκαιοι λέγοντες· κύριε, πότε σε εἶδομεν πεινῶντα καὶ ἐθρέψαμεν, ἢ διψῶντα καὶ ἐποτίσαμεν;

Então responderão a ele os justos dizendo, Senhor, quando te vimos faminto e alimentamos, ou sedento e damos de beber?

38. πότε δέ σε εἶδομεν ξένον καὶ συνηγάγομεν, ἢ γυμνὸν καὶ περιεβάλομεν;

Quando então te vimos estrangeiro e recebemos, ou nu e vestimos?

39. πότε δέ σε εἶδομεν ἀσθενοῦντα ἢ ἐν φυλακῇ καὶ ἦλθομεν πρὸς σε;

Quando te vimos doente ou na prisão e fomos para ti?

40. καὶ ἀποκριθεὶς ὁ βασιλεὺς ἐρεῖ αὐτοῖς· ἀμὴν λέγω ὑμῖν, ἐφ' ὅσον ἐποιήσατε ἐνὶ τούτων τῶν ἀδελφῶν μου τῶν ἐλαχίστων, ἐμοὶ ἐποιήσατε.

E respondendo o rei dirá a eles: verdadeiramente digo a vós, sobre tanto quanto fizestes a um destes irmãos mais pequenos de mim, a mim fizestes.

41. τότε ἔρεϊ καὶ τοῖς ἕξ εὐωνύμων· πορεύεσθε ἀπ' ἐμοῦ [οἱ] κατηραμένοι εἰς τὸ πῦρ τὸ αἰώνιον τὸ ἡτοιμασμένον τῷ διαβόλῳ καὶ τοῖς ἀγγέλοις αὐτοῦ.

E então dirá aos da esquerda: “ide de mim malditos para o fogo eterno o preparado para o diabo e aos anjos dele”.

42. ἐπείνασα γὰρ καὶ οὐκ ἔδωκάτέ μοι φαγεῖν, ἐδίψησα καὶ οὐκ ἔποτίσατέ με,

Tive fome e não destes a mim comer, tive sede e não me destes de beber.

43. ξένον ἦμην καὶ οὐ συνηγάγετέ με, γυμνὸς καὶ οὐ περιεβάλετέ με, ἀσθενὴς καὶ ἐν φυλακῇ καὶ οὐκ ἐπεσκέψασθέ με.

Estrangeiro era e não me recebestes a mim, nu e não me vestistes, doente e dentro da prisão e não me visitastes.

44. τότε ἀποκριθήσονται καὶ αὐτοὶ λέγοντες· κύριε, πότε σε εἶδομεν πεινῶντα ἢ διψῶντα ἢ ξένον ἢ γυμνὸν ἢ ἀσθενῆ ἢ ἐν φυλακῇ καὶ οὐ διηκονήσαμεν σοι;

Então responderão eles dizendo: “Senhor, quando te vimos faminto ou sedento ou estrangeiro ou nu ou doente ou dentro da prisão e não servimos a ti?”

45. τότε ἀποκριθήσεται αὐτοῖς λέγων· ἀμὴν λέγω ὑμῖν, ἐφ' ὅσον οὐκ ἐποιήσατε ἐνὶ τούτων τῶν ἐλαχίστων, οὐδὲ ἐμοὶ ἐποιήσατε.

Então responderá a eles dizendo, verdadeiramente digo a vós, sobre tanto quanto não fizestes a um destes pequenos, não a mim fizestes.

46. καὶ ἀπελεύσονται οὗτοι εἰς κόλασιν αἰώνιον, οἱ δὲ δίκαιοι εἰς ζωὴν αἰώνιον.

E afastar-se-ão estes para a punição eterna, mas os justos para a vida eterna.

3.1 Tradução Final de Mateus 25,31-46

Para que se tenha uma boa tradução, é fundamental manter-se o mais fiel possível ao texto em grego. Mas não basta só isso, pois é necessário também fazer com que este texto seja compreensível em português e que ele mantenha sua mensagem original. Depois da crítica textual e várias reflexões, a tradução final fica assim:

31. E quando vier o Filho do Homem em sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará sobre o trono da sua glória.

32. E reunir-se-ão diante dele todas as nações, e ele separará uns dos outros, assim como o pastor separa as ovelhas das cabras.

33. E colocará as ovelhas à sua direita e as cabras à sua esquerda.

34. Então dirá o rei aos da sua direita: “vinde, benditos do meu Pai, herdai o reino preparado para vós desde a criação do mundo.

35. Porque tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber, era estrangeiro e me recebestes.

36. Nu e me vestistes, estive doente e me visitastes, preso e viestes ver-me.”

37. Então lhe responderão os justos dizendo: “Senhor, quando te vimos faminto e te alimentamos, ou sedento e te demos de beber?

38. Quando te vimos estrangeiro e te recebemos, ou nu e te vestimos?

39. Quando te vimos doente ou preso e fomos te ver?”

40. E respondendo o rei lhes dirá: “em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes.”

41. E então dirá aos da sua esquerda: “afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e aos seus anjos.

42. Porque tive fome e não me destes de comer, tive sede e não me destes de beber.

43. Era estrangeiro e não me recebestes, nu e não me vestistes, doente e preso e não me visitastes.”

44. Então responderão eles dizendo: “Senhor, quando te vimos faminto ou sedento ou estrangeiro ou nu ou doente ou preso e não te servimos?”

45. Então responderá a eles dizendo: “em verdade vos digo: cada vez que não fizestes a um destes pequeninos, a mim não o fizestes.”

46. E irão estes para o castigo eterno, e os justos para a vida eterna.

Num primeiro momento, foram feitas uma tradução literal dos versículos em grego e a interpretação logo abaixo, depois, a oficial e compreensível em português, procurando ser o mais fiel possível. Ao comparar esta tradução com um exegeta, em espanhol, Xabier Pikaza e a Bíblia de Jerusalém, as diferenças foram mínimas e, praticamente, insignificantes. São elas:

- vv. 32 e 33: ἐρίφων - a Bíblia de Jerusalém e o Léxico do N.T. de Gingrich e Danker (1993, p. 85) traduzem por “bode”. J. Jeremias (1976, P. 205) diz “que o pastor palestino não separa ovelhas e cabritos, mas ovelhas e cabras”, as ovelhas gostam de ar fresco, enquanto as cabras preferem ambiente mais quente. O mesmo argumento utiliza Gorgulho e Anderson (1990a, p. 55), levando-se em conta que a parábola reflete um ambiente pastoril palestino e não grego, cabra reflete melhor a realidade diária da vida dos rebanhos. Também Xabier Pikaza, Warren Carter (2002, p. 611) e a Bíblia do Peregrino traduzem tal termo por “cabras”.

- vv. 37 e 44: πεινῶντα, διψῶντα – estes dois verbos estão no particípio presente, ativo, masculino, acusativo, 2. p. sing., o que traduzindo seria: “faminto” e “sedento”. Já nos vv. 35 e 42, há: ἐπείνασα ἐδίψησα. Estes dois verbos estão no indicativo aoristo, ativo, 1 p. sing., o que seriam traduzidos por “fome” e “sede”. Na tradução final, como a de Xabier Pikaza, tais termos foram traduzidos de acordo com o tempo verbal, ou seja, nos vv. 37 e 44: “faminto e sedento” e, nos vv. 35 e 42: “fome e sede”, enquanto que, mesmo sendo em tempos verbais diferentes, a Bíblia de Jerusalém traduziu os quatro versículos de uma mesma maneira: “fome e sede”.
- v. 45 – a última parte deste versículo é traduzida, pela Bíblia de Jerusalém, como: “foi a mim que o deixastes de fazer”; por Xabier Pikaza como: “tampoco a mi me lo hicisteis”; e na tradução final: “a mim não o fizestes”. Pouca diferença, mas com o mesmo sentido.
- v. 46 – a última parte deste versículo é traduzida, pela Bíblia de Jerusalém, como: “enquanto os justos irão para a vida eterna”; por Xabier Pikaza como: “los justos, en cambio, a la vida eterna”; e na tradução final: “mas os justos para a vida eterna”. Praticamente idêntica e com o mesmo sentido.

4 Análise Literária

Depois da crítica textual e da tradução, um outro passo exegético importantíssimo é a análise literária. Uwe Wegner (2001, p. 325) diz que seu objetivo é “delimitar e estruturar o texto; verificar o texto quanto à sua coesão interna e quanto ao seu uso de fontes bíblicas ou extrabíblicas”.

Esta análise será desenvolvida em quatro momentos:

- a. delimitação do texto;
- b. análise de coesão;
- c. estrutura do texto;
- d. fontes bíblicas ou extrabíblicas.

4.1 Delimitação do Texto

O texto desta análise exegética é de Mateus 25,31-46, o qual também poderá simplesmente estar descrito como “Juízo Final”. Ele tem uma unidade literária autônoma e, ao mesmo tempo, está contido dentro de um conjunto literário maior, denominado: o Evangelho de Mateus.

De modo geral, Mateus escreve o seu Evangelho, tendo em vista a questão da lei (*torá*): que Jesus é o Messias esperado. E ele utiliza também a maneira de pensar e escrever dos judeus. Assim sendo, entendo que ele escreve todo o seu Evangelho utilizando um quiasmo concêntrico. Este esquema se faz presente em meu livro: “O Reino da Justiça e do Amor” (ALBERTIN, 2005, p. 30-2), e tem, por fio condutor, o Reino da justiça e do amor em oposição ao Reino do poder e da injustiça.

- a) Os capítulos 1 e 2 estão diretamente relacionados com o 28. Num primeiro momento, mostra o nascimento de Jesus e, ao mesmo tempo, Herodes (Reino do poder) que gera a morte de crianças inocentes (2,16). Jesus consegue viver e sua vida consistirá em anunciar o Reino de Deus e denunciar o Reino do poder. Este mata Jesus. Todavia, Deus o ressuscita (28) e novamente a vida vence a morte;

- b) os capítulos 3 e 4 iniciam a pregação sobre o Reino da justiça e do amor e, em consequência desta opção de vida, Jesus será condenado pelo Reino do poder que o leva à morte (26—27), terminando, assim, seu anúncio sobre tal Reino;
- c) os capítulos 5—7, sobre o sermão da montanha, estão ligados diretamente com os capítulos 24—25, que é o sermão escatológico. No primeiro, há as bases e o alicerce do Reino da justiça e do amor, que são totalmente contrários ao Reino do poder e da injustiça, enquanto que, no último, há o acabamento do julgamento que leva em conta as exigências do famoso sermão da montanha;
- d) nos capítulos 8—9, Jesus anuncia coisas novas sobre o Reino e, conseqüentemente, surgem os capítulos 19—23, onde fica evidente que este Reino está aberto para todos, mesmo aos que pertencem ao Reino do poder, mostrando que a conversão é fundamental para que se construa uma humanidade nova;
- e) o capítulo 10 nos fala da missão dos discípulos para a construção do Reino da justiça e do amor, enquanto que o capítulo 18 nos mostra a missão da comunidade (que são os novos discípulos de Jesus) para construir também tal Reino. Muito embora tenha que renunciar ao Reino do poder existente;
- f) nos capítulos 11—12, Jesus mostra os sinais visíveis do Reino da justiça e do amor, e nos capítulos 13,53—17, Jesus denuncia o Reino do poder e continua mostrando outros sinais de vida, o que leva a concluir que há uma ligação muito forte entre estes blocos;

- g) finalmente, no capítulo 13,1-52, Jesus conta várias parábolas sobre o que é o Reino de Deus. Aqui se tem a mensagem central do Evangelho de Mateus.

Para ficar mais clara essa divisão, pode utilizar-se o seguinte esquema resumido:

A 1—2 - Nascimento de Jesus: a vida vence a morte;

B 3—4 - Início do anúncio do Reino da justiça e do amor;

C 5—7- Sermão da Montanha: alicerce do Reino da justiça e do amor;

D 8—9 - Jesus anuncia coisas novas sobre o Reino da justiça e do amor;

E 10 - Missão dos discípulos na construção do Reino da justiça e do amor;

F 11—12 - Jesus mostra os sinais visíveis do Reino da justiça e do amor;

G 13,1-52 - A essência do Reino de Deus: as parábolas;

F'13,53-17 - Jesus denuncia o Reino do poder e mostra sinais da vida;

E'18 - Missão da comunidade na construção do Reino da justiça e do amor;

D'19—23 - O Reino aberto para todos: conversão para uma humanidade nova;

C'24—25 - Sermão escatológico: acabamento do Reino da justiça e do amor;

B'26—27 - Fim do anúncio do Reino da justiça e do amor;

A'28 - Ressurreição: a vida vence a morte.

A delimitação do Juízo Final dentro de um contexto literário maior, que é o Evangelho de Mateus, está contida no bloco denominado discurso ou sermão escatológico (24—25). A partir de agora, o objetivo é delimitar ainda mais este texto dentro desse discurso escatológico. Todavia,

“em vez de constituir uma parte separada o relato do último julgamento, em Mt 25,31-46, aparece assim no final de uma longa evocação, primeiramente em termos diretos (24,26-44), depois em forma de símbolo ou de parábola (24,45—25,30),

com uma mesma realidade fundamental, a saber, a manifestação final do Filho do homem” (GOURGUES, 2004, p. 189).

Para ficar ainda mais clara a delimitação deste texto, segue um esquema proposto por Gilberto Gorgulho e Ana Flora Anderson (1990a, p. 53-4), no que se refere ao Discurso Escatológico:

Introdução: Mt 24,1-3

- Mt 24,1-2: Jesus profetiza a destruição do Templo;
- Mt 24,3: os discípulos fazem três perguntas:
 - sobre a destruição do Templo;
 - sobre o *signal* da Vinda do Filho do Homem;
 - sobre o fim do mundo.

O discurso apocalíptico: Mt 24,4-31

- Mt 24,4-14: Jesus responde à pergunta sobre o fim do mundo;
- Mt 24,15-22: Jesus responde à pergunta sobre a destruição do Templo;
- Mt 24,23-31: Jesus responde à pergunta sobre o sinal da Vinda do Filho do Homem.

Conclusão: Mt 24,32—25,46

- A. A *Figueira*: a Parábola da Vinda do Filho do Homem – Mt 24,32-36.
- B. O Filho do Homem vem como nos dias de Noé (= a prática) – Mt 24, 37-39.
- C. O Filho do Homem vem como um ladrão (= de repente) – Mt 24,43-44.
- D. O FILHO DO HOMEM É RECEBIDO POR SEUS SERVOS FIÉIS E VIGILANTES – Mt 24,45-51.

C. O Filho do Homem vem como um esposo (= de repente) – Mt 25,1-13.

B. O Filho do Homem vem como quem julga os talentos (= a prática) – Mt 25,14-30.

A. O *Rebanho*: julgado pelo Filho do Homem, pastor – Mt 25,31-46.

Feita a delimitação do texto do Juízo Final, é importante também que seja feita a análise de coesão para se obter a sua estrutura.

4.2 Análise de Coesão

Para que se tenha um conhecimento melhor do texto, faz-se necessário um trabalho árduo e comparativo, onde se busca através do “exame de coesão de textos parte de observações sobre estilo, forma, conteúdo e pensamento teológico característico” (WEGNER, 2001, p. 99). Assim sendo, será feita a análise de coesão dos blocos entre si ou subdivisões e, como consequência, será possível chegar às palavras ou aos termos que determinam as “amarras” do texto.

4.2.1 Análise de coesão dos blocos

A) Primeiro bloco: vv. 31—33

Neste primeiro bloco, algumas palavras e expressões exercem grande importância ao longo de todo o texto. Talvez a mais enigmática e aquela que se repete ao longo do texto com significados diferentes seja:

υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου – Filho do Homem (31): Ele é o responsável para exercer o julgamento e será comparado ao pastor (32), rei (34.40) e será chamado de senhor

(37.44), neste caso, referindo-se a Jesus Cristo, pois, no v. 34, ele diz: “Vinde benditos de meu Pai”.

Outra expressão importante é:

θρόνου δόξης – trono de glória (31): quando o Filho do Homem vier para julgar se assentará em seu trono de glória. Trono lembra rei e este era o responsável para exercer o julgamento de qualquer causa no direito e na justiça. Aqui não é um julgamento comum, mas o último julgamento e o responsável pela sentença final de castigo eterno ou vida eterna. O Filho do Homem assume o significado de rei que vai julgar de acordo com as obras de misericórdia e justiça.

πάντα τὰ ἔθνη – todas as nações (32): significa que todos os povos, inclusive os judeus, devem se reunir na presença do Filho do Homem que, no julgamento, vai separar os justos dos ímpios.

πρόβατα – ovelhas – e ἐρίφων – bodes, cabritos ou cabras: estas expressões se repetem nos vv. 32 e 33. Estão no sentido figurado de separar os homens uns dos outros, assim como o pastor separa as ovelhas dos cabritos ou cabras à noite.

ποιμὴν – pastor (32): é o responsável para separar as ovelhas dos cabritos ou cabras e aquele que decide quais irão para o lado direito e quais irão para o lado esquerdo.

δεξιῶν – direita (33.34) – e ἐυωνύμων – esquerda (33.41): direita, no sentido de benditos e os justos, esquerda, no sentido de malditos e os ímpios.

Quatro verbos estão no indicativo do futuro: καθίσει – sentará (31), συναχθήσονται – reunirá (32), ἀφορίσει – separará (32) e στήσει – colocará (33).

B) Segundo bloco: vv. 34—45

Neste bloco, o que está em evidência são as obras de misericórdia e justiça. Aliás, tudo gira em torno delas, pois constituem a razão de ser do julgamento. O

critério para estar à direita e ser “benditos” se refere aos que praticaram tais obras, e os que estão à esquerda são os “malditos” e que não praticaram tais obras.

Surpreendentes são os 32 verbos, num total de 58, que estão no indicativo aoristo e todos se referem ou estão relacionados às obras de misericórdia e justiça, praticadas ou não aos mais “pequeninos”. São eles:

ἐπείνασα - tive fome (35.42);

ἐδώκατέ - destes (35.42);

φαγεῖν – comer (35.42);

ἐδίψησα – tive sede (35.42);

ἐποτίσατέ - destes de beber (35.42);

συνηγάγετέ - recebestes (35.43);

περιβάλετέ - vestistes (36.43);

ἠσθένησα – estive doente (36);

ἐπεσκεψασθέ - visitastes (36.43);

ἦλθατε – viestes (36);

εἶδομεν – vimos (37.38.39.44);

ἐθρέψαμεν – alimentamos (37);

ἐποτίσαμεν – demos de beber (37);

συνηγάγομεν – recebemos (38);

περιβάλομεν - vestimos (38);

ἦλθομεν – fomos (39);

ἐποιήσατε – fizestes (40.40.45.45);

διηκονήσαμεν – servimos (44).

Também cinco adjetivos se destacam:

ξένος, ξένον – estrangeiro: sendo que o primeiro está no nominativo e aparece nos vv. 35, 43 e 44, enquanto que o segundo está no acusativo e aparece no v. 38;

γυμνός, γυμνόν – nu: sendo que o primeiro está no nominativo e aparece nos vv. 36 e 43, enquanto o segundo está no acusativo e aparece nos vv. 38 e 44;

ἐλαχίστων – pequeninos: aparece nos vv. 40 e 45;

δεξιῶν – direita (34): são chamados de – εὐλογημένοι – benditos por estarem praticando as obras de misericórdia e justiça em relação aos mais “pequeninos”;

εὐωνύμων – esquerda (41): são chamados de – κατηραμένοι – malditos por não estarem praticando as obras de misericórdia e justiça em relação aos mais “pequeninos”.

Dois substantivos merecem destaque:

φυλακῆ - prisão ou preso: (36.39.43.44);

κύριε – Senhor: (37.44).

Também aparecem alguns advérbios neste bloco, os quais são importantes no sentido de destacar mudanças, são eles:

τότε – então (34.37.41.44.45): advérbio de tempo;

τότε – quando? (37.38.39.44): advérbio de tempo interrogativo;

οὐ οὐκ – não (42.42.43.43.43.44.45): advérbio de negação;

ἀμὴν – em verdade / verdadeiramente (40.45): advérbio de afirmação. Está no sentido conclusivo, onde o Filho do Homem vai se identificar com os mais “pequeninos” e esclarecer que, cada vez que fazemos ou deixamos de fazer estas obras de misericórdia em relação a estes, é a ele (Jesus) que fazemos ou deixamos de fazer.

C) Terceiro bloco: v. 46

No último bloco deste texto, há apenas 1 versículo: v. 46. O que se destaca nele é a sentença final e conclusiva do Filho do Homem àqueles que estão à sua esquerda por não praticarem as obras de misericórdia e justiça em relação aos pequeninos. E estes, no entanto, irão para o κόλασιν αιώνιον (castigo eterno), enquanto os justos que praticaram tais obras irão para a ζωὴν αιώνιον (vida eterna).

4.2.2 Coesão entre as subdivisões ou "amarras" do texto

Para fazer a coesão entre as subdivisões ou “para a constatação das 'amarras' no texto é, pois, indispensável que se procure verificar se há palavras ou expressões que se repetem e se esta repetitividade pode ser constatada ao longo de todo o trecho” (WEGNER, 2001, p. 93). Na verdade, há apenas 3 blocos, e o primeiro bloco do texto tem 3 versículos (31-33), o segundo é o maior (34-45) e o último, apenas 1 versículo (46). Além do mais, o primeiro está introduzindo a questão do julgamento e, no último, é dada a sentença. No segundo bloco, estão contidos os critérios de tal julgamento, com 12 versículos, e este constitui o maior bloco desta perícope. As expressões que mais se repetem e constituem o eixo central deste texto de Mateus giram em torno das obras de misericórdia e justiça em relação aos ἐλαχίστων (pequeninos). Como se vê, o primeiro bloco (vv. 31-33) é uma preparação para tal julgamento, o segundo bloco (vv. 34-45) são os critérios de tal julgamento, ou seja, as obras de misericórdia e justiça, e o terceiro bloco (v. 46) é a sentença, onde os “malditos”, que estão à esquerda, irão para o castigo eterno e os “benditos”, que estão à direita, irão para a vida eterna. Dentro do segundo bloco (vv. 34-45), há o advérbio de tempo que faz a ligação e amarra o texto - πότε (então) e no

sentido interrogativo (quando?) - (34.37.37.38.39.41.44.44.45). A dinâmica se processa em um “diálogo de revelação”, onde, num primeiro momento, há uma revelação enigmática seguida de uma pergunta e depois uma revelação esclarecedora. Assim, pode-se dizer que estas palavras, mesmo que seja mudado o tempo verbal, como fome para faminto, sede para sedento, ou até mesmo de comer para te alimentamos, e considerando que, no v. 44, os que estão à esquerda vão responder, de modo geral, dizendo a primeira necessidade e subentendendo (será colocado o versículo entre parênteses) a segunda, quando dizem “e não te servimos?”, levando-se em conta que, nos vv. 35-39, está a sentença no sentido positivo e, nos vv. 42-44, a sentença está no sentido negativo, estas constituem o alicerce e a razão de ser de todo o texto do Juízo Final:

fome / comer: ἐπέινασα/φαγείν – (35.37.42.44(44));

sede / beber: ἐδίψησα/ἐποτίσατε – (35.37.42.44(44));

estrangeiro / receber: ξένος/συνηγάγετέ - (35.38.43.44(44));

nu / vestistes: γυμνός/περιεβάλετε – (36.38.43.44(44));

doente / visitastes: ἡσθένησα/ἐπεσκεψασθε – (36.39(39).43(43).44(44));

preso / ver-me. φυλακῆν/ἦλθατε πρὸς με^s – (36.39.43.44(44)).

Nos vv. 40 e 45, quando Jesus diz: Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes (ou não fizestes), não se pode deixar de ressaltar estas mesmas obras:

Dois adjetivos interligam os 3 blocos, são eles: δεξιῶν e εὐωνύμων (direita e esquerda). Estes 2 adjetivos servem para separar os justos e os injustos e aparecem juntos no v. 33, no primeiro bloco, e depois o adjetivo direita aparece no v. 34 e esquerda no v. 41, ambos no segundo bloco, e aparecem subentendidos no v. 46, no terceiro bloco, quando os que estão à esquerda irão para o castigo eterno e os

que estão à direita, que são os justos, irão para a vida eterna. Mas não é só isto, a questão de estar à direita ou à esquerda constitui a razão de ser deste texto no que se refere ao julgamento. Isso se deve ao fato de que os que estão à direita são os “benditos”, em oposição aos que estão à esquerda, que são os “malditos”. Os que estão à direita são aqueles que praticam as obras de justiça e misericórdia aos mais pequeninos ou ao próprio Jesus.

No primeiro bloco, o que predomina são os 4 verbos no indicativo futuro: καθίσει (v. 31), συναχθήσονται ἀφορίσει (v. 32) e στήσει (v. 33), enquanto que, no segundo bloco, há 6 verbos também no indicativo futuro, sendo: ἐρεῖ (verbo dizer - dirá) que aparece em 34.40.41; ἀποκριθήσονται (verbo responder - responderão) que aparece em 37.44 e ἀποκριθήσεται (verbo responder - responderá) que aparece no v. 45. No terceiro bloco, só há 1 verbo: ἀπελεύσονται (afastar - afastar-se-ão) que aparece no v. 46, também no indicativo futuro.

A preposição aditiva καὶ (e) liga também todo o texto, aparecendo 4 vezes no primeiro bloco (vv. 31—33), ou seja, (31.32.32.33); 22 vezes no segundo bloco, sendo: (35.35.35.36.36.36.37.37.38.38.39.40.41.41.42.42.43.43.43.44.44) e 1 vez no terceiro bloco (v. 46). Num total de 27 vezes.

Em relação à sentença final, esta será dada pelo Filho do Homem - ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου - (31) que, ao longo do texto, assume a função de pastor - ποιμὴν - (32) que separa as ovelhas para a direita e os bodes para a esquerda e, na hora do julgamento, assume o papel de rei - βασιλεὺς - para julgar (34.40), muito embora tanto os que estão à direita (37), como os que estão à esquerda (44), chamá-lo-ão de κύριε (Senhor). No último bloco (46), aquele, que julga, dará a sentença, tanto para os justos que estão à direita e que irão para a vida eterna, como para os injustos que estão à esquerda e irão para o castigo eterno.

4.3 Estrutura do Texto

A estrutura de um texto é fundamental para o entendimento de suas subdivisões, bem como do gênero literário a que pertence. Assim sendo, após vários estudos referentes a Mateus 25,31-46, será apresentada esta estrutura - que é um pouco diferente da apresentada por Gourgues³ e parecida com a de Xabier Pikaza (1984, p. 14)⁴:

A) Preparação para o julgamento

31. E quando vier o Filho do Homem em sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará sobre o trono da sua glória.
32. E reunir-se-ão diante dele todas as nações, e ele separará uns dos outros, assim como o pastor separa as ovelhas das cabras.
33. E colocará as ovelhas à sua direita e as cabras à sua esquerda.

B) A razão de ser do julgamento

34. Então dirá o rei aos da sua direita: Vinde, benditos do meu Pai, herdai o reino preparado para vós desde a criação do mundo.

³ GOURGUES, no livro: *As parábolas de Jesus em Marcos e Mateus*, em sua página 191, apresenta esta estrutura:

I. Preparativos do julgamento (v. 31-33);

II. Julgamento

A. Sentença positiva (v. 34-36)

A'. Sentença negativa (v. 41-43)

B. Explicação (v. 37-40)

B'. Explicação (v. 44-45)

III. Execução do julgamento (v. 46).

⁴ Em sua página 14, apresenta esta estrutura:

1) 25,31ab: *venida del HH*, como introducción apocalíptica que enmarca el conjunto temporal de la escena.

2) 25,31c-33: *juicio como gesto del HH* [...],

3) 25,34-45: *juicio como palabra del HH* que explicita la razón de su gesto a través de dos conversaciones paralelas, también en ritmo de três tiempos: a) sentencia (25,34-35.41-43); b) pregunta (25,37-39.44); c) fundamentación de la sentencia (25,40.45).

4) 25,46: *conclusión* que expone el cumplimiento de la sentencia.

35. Porque tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber, era estrangeiro e me recebestes.

36. Nu e me vestistes, estive doente e me visitastes, preso e viestes ver-me.

C) Perguntas dos que estão à direita

37. Então Ihe responderão os justos dizendo: Senhor, quando te vimos faminto e te alimentamos, ou sedento e te demos de beber?

38. Quando te vimos estrangeiro e te recebemos, ou nu e te vestimos?

39. Quando te vimos doente ou preso e fomos te ver?

D) Resposta de Jesus

40. E respondendo o rei lhes dirá: Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes.

B') A razão de ser do julgamento

41. E então dirá aos da sua esquerda: "afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e aos seus anjos".

42. Porque tive fome e não me destes de comer, tive sede e não me destes de beber.

43. Era estrangeiro e não me recebestes, nu e não me vestistes, doente e preso e não me visitastes.

C') Pergunta dos que estão à esquerda

44. Então responderão eles dizendo: "Senhor, quando te vimos faminto ou sedento ou estrangeiro ou nu ou doente ou preso e não te servimos?"

D') Resposta de Jesus

45. Então responderá a eles dizendo: Em verdade vos digo: cada vez que não fizestes a um destes pequeninos, a mim não o fizestes.

A') Conclusão do julgamento

46. E irão estes para o castigo eterno, e os justos para a vida eterna.

Em relação a A - Preparação para o julgamento (vv. 31-33) - e A' - Conclusão do julgamento (v. 46) -, tais divisões ficam claras pelo modo que Mateus utilizou para falar sobre o Juízo Final.

Em relação a B e B' - A razão de ser do julgamento (vv. 34-36; 41-43) -, fica claro o motivo pelo qual se tem o julgamento. Começa com o v. 34 (τότε ἐρεῖ) e o v. 41 (τότε ἐρεῖ), onde há: “então dirá” (advérbio de tempo e verbo indicativo, futuro e ativo). É o rei ou o Filho do Homem ou, em outros termos, o próprio Jesus que dirá tanto aos que estiverem à direita (vv. 34-36), como aos que estiverem à esquerda (vv. 41-43), as obras de justiça e misericórdia são a razão de ser de tal julgamento, lembrando que os que estão à direita praticam estas obras e os que estão à esquerda não praticam tais obras.

Em relação ao C - Perguntas dos que estão à direita (vv. 37-39) e C' - Pergunta dos que estão à esquerda (v. 44) -, há: no v. 37 (τότε ἀποκριθήσονται) e, no v. 44, (τότε ἀποκριθήσονται), ou seja, “então responderão” (advérbio de tempo e verbo indicativo, futuro, passivo). O curioso é que esta resposta se dá através de perguntas nos vv. 37-39 e de uma pergunta no v. 44. Todas referentes às obras de justiça e misericórdia, com relação a Jesus presente nos necessitados.

E quem pergunta espera por uma resposta. Assim, em D, há a resposta de Jesus aos que estão à direita (v. 40): ἀμὴν λέγω ὑμῖν, ἐφ' ὅσον ἐποιήσατε ἐνὶ τούτων τῶν ἀδελφῶν μου τῶν ἐλαχίστων, ἐμοὶ ἐποιήσατε. (Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes). Em D', há a resposta de Jesus aos que estão à esquerda (v. 45): ἀμὴν λέγω ὑμῖν, ἐφ' ὅσον οὐκ ἐποιήσατε ἐνὶ τούτων τῶν ἐλαχίστων, οὐδὲ ἐμοὶ ἐποιήσατε. (Em verdade vos digo: cada vez que não fizestes a um destes pequeninos, a mim não o fizestes).

4.4 Fontes Bíblicas ou Extrabíblicas

Em relação ao uso das fontes utilizadas por Mateus, no que se refere ao Juízo Final, é um pouco complicado de se chegar a uma idéia clara delas. Primeiro porque não é uma “parábola”, pois, conforme se observa, este texto é composto de vários gêneros literários e não de apenas um.

Ainda sobre as fontes bíblicas utilizadas pelos evangelhos sinóticos, a teoria mais aceita hoje na pesquisa é a “teoria das duas fontes”, onde

“segundo ela, Marcos, o primeiro evangelho a ser escrito, serviu de fonte literária para Mateus e Lucas. Além de Marcos, Mateus e Lucas teriam usado ainda uma segunda fonte comum na elaboração dos seus evangelhos, denominada ‘fonte Q’, ou ‘fonte dos ditos’” (WEGNER, 2001, p. 108).

Em outros termos, quando se tem um texto escrito por Mateus ou Lucas, onde utilizaram, como fonte, o evangelho de Marcos ou a “fonte Q”, fica fácil deduzir a fonte utilizada com uma certa segurança. Agora, quando se tem um texto escrito exclusivamente por Mateus ou Lucas, há de se admitir que “o maior problema relacionado com a matéria exclusiva de Mt e Lc é que a pesquisa ainda não logrou chegar a um consenso sobre sua origem, se de tradição oral ou de tradição escrita” (WEGNER, 2001, p. 115).

O que se pode dizer sobre o texto do Juízo Final, mesmo sendo exclusivo de Mateus, é que há estudos e pesquisas que apontam para uma parábola na transmissão oral e na vida das comunidades primitivas, além, é óbvio, que teve o acréscimo teológico e a realidade da própria comunidade deste evangelista. Assim

sendo, Gilberto Gorgulho e Ana Flora Anderson (1990a, p. 51-60) apresentam a parábola em sua forma mais simples e mais original⁵, como sendo:

“Naquele tempo, o Pastor ajuntará e separará as ovelhas dos carneiros (cabritos). Colocará as ovelhas à direita e os carneiros à esquerda.

-- Ele dirá àqueles que estão à direita: Tive fome, sede, fui estrangeiro, estive nu, doente e prisioneiro.

v. 37 – Eles perguntarão: Quando?... (v. 38-39).

v. 40 – Ele dirá: Quem o fez para os mais pobres, foi a mim que o fez!

v. 41 – Ele dirá àqueles que estão à esquerda: Tive fome...

v. 44 – Eles perguntarão: Quando?

v. 45 – Ele responderá: Quando recusaram ajudar a um destes pobres, foi a Mim que recusaram ajudar.”

Essa parábola teria sido a fonte utilizada por Mateus no texto sobre o Juízo Final. Além, é claro, de ter ele utilizado fontes do A.T. ao acrescentar o v. 31 que, como se sabe, tem a ver com a citação de Zc 14,5, e o v. 46 que tem por base Dn 12,2. Pode-se dizer que, além disso, há a questão de “Javé os reunirá, e os separará. Essa terminologia muito cedo tornou-se um sinal dos tempos da salvação (Cf. Is 56,8; Zc 10,8; Mq 4,6; Jr 50,19)” (GORGULHO; ANDERSON, 1990a, p. 55).

Estas seriam algumas fontes utilizadas por Mateus ao redigir o texto do Juízo Final.

5 Análise das Formas

⁵ A parábola mais original está na p. 56.

A análise das formas é importante em um trabalho de exegese. “A *forma* de um texto é a soma de suas características de estilo, sintaxe e estrutura; isto é, sua configuração lingüística” (BERGER, 1998, p. 13). Daí porque é tão importante saber o processo pelo qual o texto foi elaborado e qual é a sua forma final. Até agora, foi percorrido um caminho metodológico para que se pudesse “determinar as formas que compõem este texto, não só isto, como também se faz necessário enquadrar estas em um determinado gênero literário, além de associar este ao seu “lugar vivencial” e conteúdo com a sua intenção”⁶. O texto do Juízo Final tem formas específicas, onde há vários gêneros literários e foi escrito tendo, por base, um “lugar vivencial”, onde se tem um conteúdo com uma determinada intenção por detrás. Da mesma forma, pode-se dizer que “o gênero é constituído pela relação existente entre conteúdo, forma e conseqüência de um texto” (BERGER, 1998, p. 20). Só o esquema que foi utilizado na estrutura não é suficiente para determinar, com detalhes, os gêneros literários. Isto se deve ao fato de que, na estrutura, foi adotado o texto como um julgamento, ou seja: A) Preparação para o julgamento (vv. 31-33); B) A razão de ser do julgamento (vv. 34-36); C) Perguntas dos que estão à direita (vv.37-39); D) Resposta de Jesus (vv. 40); B’) A razão de ser do julgamento (vv. 41-43); C’) Pergunta dos que estão à esquerda (v. 44); D’ Resposta de Jesus (v. 45); A’) Conclusão do julgamento (v. 46).

A abordagem das diversas formas que compõem este texto e os seus gêneros literários será apresentada em detalhes. Num primeiro momento, a pretensão é expor as formas e os gêneros literários do texto em si, sem nenhuma explicação. Logo após, o objetivo é explicar o “lugar vivencial”, seu conteúdo e intenção.

⁶ Confere com os métodos empregados descritos por Uwe Wegner em seu livro: Exegese do Novo Testamento, p. 328. Klaus Berger, em seu livro: As formas literárias do Novo Testamento, p. 14, vai falar que o estudo das formas literárias de um texto ajuda a conhecer sua relação com a *ação* e com a *realidade*; e como este aponta para o interesse especial de seus destinatários.

Fazendo uma “radiografia” de Mateus 25,31-46, onde se percebem as formas e os gêneros literários, há:

31. E quando vier o Filho do Homem em sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará sobre o trono da sua glória.

32a. E reunir-se-ão diante dele todas as nações,

Aqui (vv. 31-32a), Mateus utiliza a linguagem apocalíptica para introduzir o modo pelo qual se dará o julgamento.

32b. e ele separará uns dos outros, assim como o pastor separa as ovelhas das cabras.

33. E colocará as ovelhas à sua direita e as cabras à sua esquerda.

Nestes versículos (32b-33), percebe-se claramente o uso de uma “parábola”.

34. Então dirá o rei aos da sua direita: Vinde, benditos do meu Pai, herdai o reino preparado para vós desde a criação do mundo.

35. Porque tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber, era estrangeiro e me recebestes.

36. Nu e me vestistes, estive doente e me visitastes, preso e viestes ver-me.

37. Então lhes responderão os justos dizendo: Senhor, quando te vimos faminto e te alimentamos, ou sedento e te demos de beber?

38. Quando te vimos estrangeiro e te recebemos, ou nu e te vestimos?

39. Quando te vimos doente ou preso e fomos te ver?

40. E respondendo o rei lhes dirá: Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes.

41. E então dirá aos da sua esquerda: “afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e aos seus anjos”.

42. Porque tive fome e não me destes de comer, tive sede e não me destes de beber.

43. Era estrangeiro e não me recebestes, nu e não me vestistes, doente e preso e não me visitastes.

44. Então responderão eles dizendo: “Senhor, quando te vimos faminto ou sedento ou estrangeiro ou nu ou doente ou preso e não te servimos?”

45. Então responderá a eles dizendo: Em verdade vos digo: cada vez que não fizestes a um destes pequeninos, a mim não o fizestes.

Do versículo 34 ao 45, há o que K. Berger (1998, p. 230) chama de “epidícticos”, onde ele denomina de “diálogo de revelação”. Assim, tem-se: “A: a ‘primeira’ revelação, enigmática, precisa de esclarecimento (34-36.41-43). B: a não-compreensão humana se manifesta - pergunta, censura, pedido – (37-39.44). C: segue-se então a ‘segunda’ revelação, esclarecedora” (40.45). Lembrando que, no v. 34, há uma alegoria, onde o pastor, do v. 32, passa a ser agora “rei”, o mesmo acontece nos vv. 40 e 45. Os versículos 34 e 41 possuem também o gênero apocalíptico.

46. E irão estes para o castigo eterno, e os justos para a vida eterna.

Neste v. 46, há novamente a linguagem apocalíptica para concluir o Juízo Final, assim como foi o mesmo para dar início à sua descrição. Mateus começa e termina utilizando o estilo apocalíptico. Há de se ter em mente que este texto se encontra dentro do bloco do “sermão escatológico”.

Mateus, com este texto, pode ter aproveitado para chamar a atenção da comunidade pela realidade de pobreza existente. Com isto, utilizou uma linguagem apocalíptica para mostrar a sua urgência, além de utilizar a forma de julgamento do Filho do Homem para contrapor ao imperador e mostrar que o “julgamento final”

compete a Deus e não aos homens, além de mostrar que o critério de tal julgamento são as obras de caridade, tão presentes e consideradas fundamentais para todo judeu.

Alguns biblistas dizem que este texto não pode ser classificado neste gênero ou em qualquer outro gênero de modo exclusivo, muito embora Gilberto Gorgulho e Ana Flora Anderson (1990a, p. 51-60) se refiram a este texto, usando-o como sendo uma “parábola”, deixando claro que ele sofreu influência do gênero de alegoria, tonalidade apocalíptica e teologia redacional. Pode-se dizer que:

“Mt 25,31-46 testemunha, do ponto de vista do gênero literário, uma espécie de ‘inconstância’. Espécie de gênero híbrido possuindo alguma coisa da parábola, do relato exemplar e da alegoria – e possuindo por acréscimo elementos de tipo apocalíptico, - não se deixa classificar em nenhuma dessas três categorias” (GOURGUES, 2004, p. 193).

Se se analisar bem este texto, há um “constante vaivém do fictício ao real” (GOURGUES, 2004, p. 192).

Nesta mesma linha, segundo Xabier Pikaza (1984, p. 19), Mt 25,31-46 constitui, dentro do N.T., um caso a parte e que não tem um gênero preciso, pois, há “parábola del pastor, alegoría escatológica del rey, norma judicial, imagen apocalíptica”.

Klaus Berger (1998, p. 275) classifica este texto dentro do que ele chama de “gêneros epidícticos”, onde se utiliza também uma linguagem apocalíptica e, de um modo particular, diz: “Surpreendentemente, mas com influência histórica tanto maior, os únicos *cenários de julgamento* no NT são Mt 25,31-46 (um grupo à direita, outro à esquerda) e Ap 21,11-15”. E também “diálogo de revelação”, conforme visto logo acima.

Klaus Berger (1998, p. 41-2), ao se referir sobre as parábolas, cita J. Jeremias, onde este afirma que: “Cada parábola foi pronunciada numa situação concreta da vida de Jesus, sendo isso o que constitui seu sentido original. De acordo com determinadas leis da *reformulação*, a parábola foi depois adaptada à *situação da comunidade*”. Berger vai ampliar ainda mais esta visão e diz que: “O entrelaçamento de imagem e realidade que envolve o leitor é uma característica peculiar de todos os gêneros do NT, e não apenas das parábolas”. O fato é que muitos autores, dentre eles também Berger, admitem que as parábolas retratam uma realidade existente. Nada melhor que dizer que “as parábolas são comparações feitas a partir da vida concreta. Jesus fala a partir da realidade da vida dos camponeses da Galiléia. As imagens usadas refletem o processo de trabalho agrícola e pastoril” (GORGULHO; ANDERSON, 1990b, p. 43). Não só isto, ao percorrer as parábolas de Jesus, observa-se que ele fala de imagens concretas da vida do povo na pesca, que era uma fonte de renda para muitos pobres na Palestina. Gorgulho e Anderson (1990b, p. 44) mostram que há várias parábolas sobre a circulação da mercadoria e sobre a dívida, dentre elas, podem ser citadas: administrador infiel, talentos, rico e pobre e outras. Na questão da vida social, há referências ao trabalho escravo, assalariado, endividados, há o administrador do trabalho, servos fiel e infiel, a questão do pastor e do mercenário. Na questão da vida política, também abordada, há os vinhateiros maus, joio no trigo, rico avarento, fariseu e publicano, o bom samaritano e outros. O que tudo isto tem a dizer? Muita coisa, tanto para refletir sobre a questão do Reino de Deus, como para entender a realidade social presente na Palestina, na Antioquia, Ásia Menor e regiões próximas, de modo particular, os que sofriam o peso da opressão exercido pelo Império Romano. No início deste trabalho, no primeiro capítulo, foi abordada a questão do texto em seu contexto, onde ficaram bem claras a

realidade difícil e a opressão vivida pelos primeiros cristãos e seguidores de Jesus, além de todos os outros pobres.

A história diz como era a vida social na Galiléia e Antioquia e de toda aquela região. Possivelmente, o Evangelho de Mateus tenha sido escrito na Antioquia, por volta do ano 85 d.C. De modo geral, o povo vivia sob o jugo e opressão do Império Romano. Um povo massacrado culturalmente e restrito em sua liberdade de ser e agir. A sobrevivência era a luta diária. Com a guerra judaica, que iniciou no ano 66, e com a destruição do Templo, por volta do ano 70, muitos judeus e muitos cristãos tiveram que sair da Palestina e viver em outras regiões próximas, mas, de modo geral, a maioria foi tentar viver na Antioquia, que era a capital da província romana da Síria, uma cidade que era o ponto de convergência para várias rotas comerciais, pois ficava por volta de 20 km do Mar Mediterrâneo e possuía um porto que era responsável por grandes transações comerciais e econômicas e que necessitava de mão-de-obra barata. Tinha uma densidade populacional intensa. “Com tal densidade de população, a privacidade era mínima, a exposição intensa e o conflito iminente” (CARTER, 2002, p. 37). Não bastasse isso, o Império Romano cobrava de suas províncias e

“cidades como Antioquia taxas, pedágios e impostos sobre bens e atividades. Taxas eram calculadas sobre a base de um censo e eram coletadas sobre o valor da terra, sobre o intercâmbio e circulação de bens, por cabeça, e sobre o uso de instalações públicas” (CARTER, 2002, p. 67).

Pagava-se imposto para tudo e o povo não agüentava tal tributo, o que enriquecia a elite dominante e empobrecia multidões.

Não bastasse tudo isso, devido à expulsão dos cristãos das sinagogas, por parte dos judeus, em torno do ano 85, os cristãos não mais se beneficiavam da liberdade de culto que o Império Romano proporcionava aos judeus. Com isto,

tinham que prestar culto ao imperador e amaldiçoar Jesus. Isto ocasionou uma grande perseguição aos cristãos que se negavam adorar o imperador e a negar Jesus, muitos foram mortos. Mas, como se ainda não fosse suficiente tudo isso, os cristãos também não mais se beneficiavam dos benefícios sociais das sinagogas, ou seja, ajuda financeira e alimentícia aos pobres, viúvas e órfãos; não tinham mais a assistência médica tão necessária à vida e nem mesmo podiam, no momento da morte, ter uma sepultura digna que as sinagogas ofereciam aos mais pobres.

Vivendo neste “mar” de dificuldades, pelo que tudo indica, levando muitos (não todos) cristãos a construírem “uma comunidade inclusiva, adotando, no caos urbano fragmentado de Antioquia, uma práxis de misericórdia indiscriminada, respondendo ativamente às necessidades sem preocupar-se com limites étnicos, sociais ou de gênero” (CARTER, 2002, p. 76). Devido a essa “realidade vivencial” e tendo, por base, os ensinamentos de Jesus, Mateus escreveu o seu Evangelho e, de um modo particular, o Juízo Final, pois o seu interesse ou objetivo era exatamente a “sobrevivência” de sua comunidade. Era o “pão de cada dia”, a comida, a bebida, o acolhimento dos estrangeiros, vestir os nus, cuidar dos doentes e presos. Tudo isso era mais que urgente. Daí porque este texto começa e termina de maneira apocalíptica (vv. 31 e 46), mostrando a necessidade de urgência da situação real desta comunidade. Mateus, possivelmente, reformulou e adaptou a “parábola das ovelhas e cabritos” e, de acordo com sua comunidade e as suas necessidades, introduziu os critérios do julgamento como obras de misericórdia e justiça, que, tanto os judeus como os cristãos, julgavam de suma importância, ou seja:

"Porque tive fome e me destes de comer;
 tive sede e me destes de beber;
 era estrangeiro e me recebestes;
 Nu e me vestistes;

estive doente e me visitastes;
preso e viestes ver-me" (Mt 25,35-36).

Com isto, é o próprio Jesus que diz: "Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes" (v. 40), ou "a mim não o fizestes" (v. 45) para aqueles que não praticam estas obras. Pelo que tudo indica, alguns cristãos e alguns judeus da comunidade de Mateus não estavam partilhando os seus bens. Com efeito, em várias outras passagens de seu Evangelho, encontra-se o apelo dramático de partilhar o "pão". Dentre outras, podem ser citadas: 14,13-21; 15,32-39; 16,8-10. Na multiplicação dos pães, é Jesus quem diz: "Dai-lhes vós mesmos de comer" (14,16). Estava evidente que era a comunidade que deveria partilhar os seus bens com os mais necessitados. Mateus também complementa estes ensinamentos sobre a partilha dos bens e do pão ao dizer: "Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados" (Mt 5,6). Por tudo isto, o texto do Juízo Final exerceu um papel importantíssimo na vida desta comunidade.

Tendo em vista os vários gêneros literários presentes no Juízo Final e a realidade social da comunidade de Mateus, faz-se necessário agora, após esta análise da configuração lingüística, descrever o processo de redação utilizado por Mateus, bem como seus interesses, estilo e teologia.

6 Análise da Redação

Para se fazer exegese correta de um texto dentro dos evangelhos, deve-se ter, em mente, o texto escrito por este ou aquele evangelista. Ao que tudo indica, antes

da década de 40 (1940), havia apenas o estudo crítico-literário de perícopes isoladas, conforme diz Uwe Wegner (2001, p. 122):

“Se antes os evangelistas eram entendidos mais como transmissores neutros ou meros compiladores de tradições sobre a vida e obra de Jesus de Nazaré [...] os evangelistas eram também autores com características bem próprias. Como tais, eles dispuseram e redigiram o seu material sobre Jesus com interesses bem definidos e com vocabulário, estilo e teologia peculiares”.

No início, havia o material que a própria comunidade transmitia, de modo geral, pela via oral sobre os ensinamentos de Jesus, ou até mesmo em pequenos escritos, o que Wegner chama de “pré-textos”.

Pode-se deduzir, com isso, que

“os textos neotestamentários percorreram um longo caminho antes de chegarem à forma atual. Foram recolhidas e unificadas diversas tradições heterogêneas. A versão final dos textos remonta a uma reelaboração do texto atribuída à instância que chamamos ‘o redator’” (EGGER, 1994, p. 179).

Após esta explicação inicial sobre a redação, será feita agora a análise redacional do texto Mt 25,31-46, sobre o Juízo Final.

Em primeiro lugar, há de se remeter ao estudo feito anteriormente sobre a “delimitação do texto”, dentro da análise literária. Na verdade, foi uma escolha pessoal, redacional ou até mesmo teológica para se colocar este texto onde está. Conforme visto, ele se encontra no final do quinto discurso escatológico e apocalíptico. Ao que tudo indica, foi colocado nesta seção para mostrar a urgência de se cumprir tais obras e, ao mesmo tempo, para provocar admiração, espanto e porque não curiosidade em saber o que vai acontecer após a morte, num outro mundo.

Nos vv. 31 e 32a:

31. E quando vier o Filho do Homem em sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará sobre o trono da sua glória.

32a. E reunir-se-ão diante dele todas as nações,

O importante aqui é demonstrar as tradições que serviram de base para que Mateus pudesse escrever essa introdução. Em relação à expressão “Filho do Homem”, o que mais chama a atenção é a sua fonte original, onde o profeta Daniel diz:

“Eu continuava contemplando, nas minhas visões noturnas, quando notei, vindo sobre as nuvens do céu, um como Filho de Homem. Ele adiantou-se até ao Ancião e foi introduzido à sua presença. A ele foi outorgado o império, a honra e o reino, e todos os povos, nações e línguas o serviram. Seu império é império eterno que jamais passará, e seu reino jamais será destruído” (Dn 7,13-14).

Isso leva a entender que Mateus utilizou a tradição profética de Daniel e, principalmente, sua linguagem apocalíptica para iniciar o seu texto sobre o Juízo Final, embora um outro profeta, que se refere ao combate escatológico, diga: “E lahweh, meu Deus, virá, todos os santos com ele” (Zc 14,5). Há também uma outra passagem que diz: “todos os santos estão em tua mão. Eles se prostaram aos teus pés e correram sob a tua direção” (Dt 33,3).

Em relação à expressão “trono de glória”, vale dizer que é uma expressão enquanto tal, rara no A.T., o mesmo não se pode dizer da expressão “trono”, que aparece muitas vezes ao longo de todo o A.T. “Trono de glória” aparece em Jeremias 14,21: “Não nos desprezes por causa do teu Nome. Não desonres o trono de tua glória. Lembra-te! Não rompas a tua aliança conosco”. Sentar-se no trono designa tomar posse e ter poder. O rei senta-se no trono. Deus tem o seu trono de

glória e poder, a ele pertencem todas as nações. Num ambiente escatológico, quer dizer que vai acontecer o julgamento, pois, “na Antiguidade, o exercício do julgamento constituía uma parte importante da função real, assim como a preocupação com os pobres e a proteção dos mais carentes” (GOURGUES, 2004, p. 195).

32b. e ele separará uns dos outros, assim como o pastor separa as ovelhas das cabras.

33. E colocará as ovelhas à sua direita e as cabras à sua esquerda.

Aqui, entra a tradição do profeta Ezequiel sobre a questão do pastor e das ovelhas. O “Filho do Homem” é comparado ao pastor que separa as ovelhas das cabras.

“Com efeito, assim diz o Senhor Iahweh: Certamente eu mesmo cuidarei do meu rebanho e dele me ocuparei. Como o pastor cuida do seu rebanho, quando está no meio das suas ovelhas dispersas, assim cuidarei das minhas ovelhas e as recolherei de todos os lugares por onde se dispersaram em dia de nuvem e de escuridão. Eis que julgarei entre ovelha e ovelha, entre carneiros e bodes” (Ez 34,11-12.17).

Ocorre que o Filho do Homem vai colocar as ovelhas à direita e as cabras à esquerda. Vai ter a separação. Gilberto Gorgulho e Ana Flora Anderson (1990a, p. 55) mostram que a terminologia pastoril é empregada na *forma passiva* que mostra que o sujeito da ação é Deus que reunirá e separará e que esta terminologia se tornou um sinal dos tempos da salvação. Por outro lado, Warren Carter (2002, p. 612) diz que: o lado direito era um lugar de honra e bênção e o lado esquerdo podia ser considerado como o lado negativo ou amaldiçoado. Lembrando que a palavra “esquerdo”, em latim, é *sinistro*.

Os vv. 32b-33, possivelmente, foram tomados de uma parábola que teria sido contada por Jesus sobre “as ovelhas e os cabritos”, onde Mateus a teria reformulado e a adaptado de acordo com a realidade de sua comunidade. Seja como for, a tradição de Ezequiel 34 é inegável.

Nos vv. 34-39, há os critérios do julgamento para os que estão à direita, que são as obras de misericórdia e justiça que estes fizeram e, no v. 40, a identificação de Jesus com os mais pequeninos. Nos vv. 41-44, há estes mesmos critérios para os que estão à esquerda e que não fizeram as obras de misericórdia e justiça aos mais pequeninos. No v. 45, a identificação de Jesus também com estes pequeninos.

As obras que fazem parte dos critérios de julgamento são:

"Porque tive fome e me destes de comer;
tive sede e me destes de beber;
era estrangeiro e me recebestes;
Nu e me vestistes;
estive doente e me visitastes;
preso e viestes ver-me" (Mt 25,35-36).

Os que estão à direita são chamados de “benditos”, pois praticam tais obras (vv. 34-39). No capítulo 38 de Deuteronômio, encontra-se uma relação de bênçãos e também de maldições. Entre os malditos estão aqueles à esquerda que não praticam as obras acima citadas (vv. 41-44). A questão de bênçãos e maldições era comum nos tratados orientais e no código deuteronomista.

Ainda em relação a estas obras de caridade em favor dos mais pobres e necessitados, não há nenhuma novidade dizer que elas estão presentes ao longo de todo o A.T. Dentre algumas passagens, pode ser citado o profeta Isaías, quando se refere ao verdadeiro jejum que agrada a Deus, o qual consiste em: “repartir o teu pão com o faminto, em recolheres em tua casa os pobres desabrigados, em vestires

aquele que vês nu” (Is 58,7); Ezequiel, ao se referir a quem é justo, diz que “[...] dá o seu pão ao faminto e veste ao que está nu” (Ez 18,7);

“Estende tua mão ao pobre para que tua bênção seja perfeita. Que tua generosidade atinja todos os viventes, mesmo aos mortos não recuses a tua piedade. Não fujas dos que choram, aproxima-te dos que estão aflitos, não temas visitar doentes, porque serás amado por isso” (Eclo 7,32-35);

“Dá de teu pão aos que têm fome, e de tuas roupas aos que estão nus. Dá esmola de tudo o que tens em abundância” (Tb 4,16).

J. Jeremias (1976, p. 206) diz que tanto textos egípcios, como rabínicos e muitos outros abordam estas obras de “misericórdia”, ressalta, porém, que visitar os presos não fazia parte das obras de misericórdia judaica e que, no livro dos mortos (Egito), o falecido diz: “Eu agradei a Deus por aquilo que ele ama: dei pão aos famintos, água aos sedentos, roupa aos nus...”

Aqui, Mateus utiliza a tradição israelita e das exigências do judaísmo para demonstrar o papel fundamental que estas exercem na vida dos judeus e dos cristãos. Estas “de un modo muy preciso evocan el mensaje de Israel las obras de servicio, propias de la ética religiosa del judaísmo intertestamentario” (PIKAZA, 1984, p. 22).

Ainda sobre a questão de bênção e maldição, praticar ou não estas obras de caridade (misericórdia e justiça), a própria pessoa tem liberdade em escolher praticá-las ou não. No capítulo 30 do livro de Deuteronômio, pode-se perceber tal opção, a ponto de lahweh dizer: “Hoje tomo o céu e a terra como testemunhas contra vós: eu te propus a vida ou a morte, a bênção ou a maldição” (Dt 30,19).

Já os vv. 40 e 45, onde o rei (Filho do Homem, o Pastor, Jesus ou Senhor) se identifica como sendo um “destes mais pequeninos” ou na própria afirmativa de Jesus: “Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um destes meus irmãos

mais pequeninos, a mim o fizestes” (v. 40) ou “a mim não o fizestes” (v. 45), isto é tipicamente cristão, do próprio Jesus, pois

“El evangelio sabe que Jesús habla de un Dios que acoge a los pequeños, busca a los perdidos, se complace en el perdón, ofrece el reino y asume como suya la suerte de los pobres: con ellos sufre, para ellos actúa, con ellos espera” (PIKAZA, 1984, p. 23).

46. E irão estes para o castigo eterno, e os justos para a vida eterna.

Aqui, Mateus utiliza esta passagem: “E muitos dos que dormem no solo poeirento acordarão, uns para a vida eterna e outros para o opróbrio, para o horror eterno” (Dn 12,2). Ele faz uso da tradição apocalíptica para concluir o Juízo Final, assim como o fez para dar início à sua descrição.

É evidente que há, na redação final, os interesses “teológicos” e “vivenciais” tanto de Mateus, como de sua comunidade. Sua teologia redacional tem um esquema bem definido:

“* O Filho do Homem (v. 31): 24,27.30.37.39.44;

* todas as nações (v. 32): 24,9.14;

* Filho do Homem, Glória (v. 31): 24,30-31;

* herdar o Reino (v. 34): 25,21-23;

* o fogo eterno (v. 41): 24,51: 25,30;

* Mateus tem a formulação ‘meu Pai’ (v. 34), ‘meus irmãos’ (v. 40), ‘em verdade...’ (vv. 40.45), ‘os justos’ (vv. 37.46)” (GORGULHO; ANDERSON, 1990a, p. 55-6).

No bloco do discurso escatológico de Mateus, a conclusão com o Juízo Final revela entre outras coisas a necessidade da fé, de um amor comprometido e uma esperança viva na Palavra de Deus. A vigilância é um tema presente neste bloco que, de uma certa forma, aponta para a escatologia e o fim último do homem. Sobretudo, “é no ato de amor aos Pequeninos que encontramos a presença de

Jesus Cristo, o Emanuel. – Deus é Rei, o Redentor dos pobres (cf. Pr 23,11; Jó 19,25) que julga sem distinções” (GORGULHO; ANDERSON, 1990a, p. 56).

É na prática do amor ao próximo que se ama a Deus que está presente em cada pessoa, de um modo especial, nos pequeninos.

7 Análise do Conteúdo

De acordo com Wegner (2001, p. 248),

“A análise de conteúdo é considerada, com razão, o ‘coração’ da exegese. Seu interesse precípua reside na resposta a três perguntas básicas:

- **O que** está escrito?
- **Como** entendê-lo?
- O que implica?”

Em relação ao texto escrito, o que ele contém em forma de conteúdo, já está sendo objeto de reflexão e estudo ao longo dessa exegese. Agora, o objetivo será procurar entendê-lo, levando em conta os vocábulos, bem como os seus significados na época de Jesus. Para isto, faz-se necessária a análise semântica destes termos que aparecem no texto.

7.1 Análise Semântica

Em relação à exegese de um texto bíblico, é fundamental que se tenha uma correta compreensão do significado de algumas palavras contidas nele. No que diz

respeito ao Juízo Final, algumas palavras merecem uma análise semântica, sem a qual não se conseguirá entender o seu significado profundo. São elas:

7.1.1 Filho do Homem

A expressão “Filho do Homem” aparece por volta de 120 vezes no Antigo Testamento, sendo que 96 estão em Ezequiel (STURZ *apud* COENEN; BROWN, 2000, p. 2356). Porém, o sentido desta expressão designa homem ou indivíduo, “embora pareça subentender a identificação de Ezequiel com a humanidade em contraste com Deus” (STURZ *apud* COENEN; BROWN, 2000, p. 2357).

Todavia, a expressão que mais nos chama a atenção é a do profeta Daniel, que diz:

“Eu continuava contemplando, nas minhas visões noturnas, quando notei, vindo sobre as nuvens do céu, um como Filho de Homem. Ele adiantou-se até ao Ancião e foi introduzido à sua presença. A ele foi outorgado o império, a honra e o reino, e todos os povos, nações e línguas o serviram. Seu império é império eterno que jamais passará, e seu reino jamais será destruído” (Dn 7,13-14).

Fica bem claro que este ser é bem diferente dos outros citados em passagens do A.T. Ele tem aspectos de um ser divino e transcendental e que tem um império eterno.

“O Filho do Homem se identifica de algum modo com os santos do Altíssimo; mas o sentido coletivo (igualmente messiânico) prolonga o sentido pessoal, sendo o filho do Homem ao mesmo tempo o chefe, o representante e o modelo do povo dos santos” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1568).

Por outro lado, percebe-se que a expressão “um como um Filho de um Homem” é mais complicada de se entender do que se imagina. O livro de Daniel foi escrito em linguagem apocalíptica, portanto, de difícil definição por usar diversas imagens e símbolos e dar margem para muitas interpretações. Segundo consta, “é muito provável que a parte do livro escrita em aramaico (2—7) seja mais antiga, que a parte escrita em hebraico (cap. 1 e 8—12)” (SOUSA, 1997, p. 72). Assim sendo,

“o DanA pretende mostrar aos leitores do movimento apocalíptico que a esperança deve estar fundamentada em Deus (2,20-23), que estabelecerá a justiça, levantando um entre os homens, que regerá com justiça em favor dos mais sofridos” (SOUSA, 1997, p. 77).

No Novo Testamento, Jesus utiliza esta expressão “Filho do Homem” referindo-se a si mesmo. Neste sentido, pode-se dizer que Jesus, no Evangelho de Mateus, quando está sendo interrogado pelo Sinédrio se era o Messias, o Filho de Deus, vai dizer claramente: “é como você acabou de dizer. Além disso, eu lhes digo: de agora em diante, vocês verão o Filho do Homem sentado à direita do Todo Poderoso, e vindo sobre as nuvens do céu” (Mt 26,64). Nessa passagem, fica evidente que Jesus

“reconhece categoricamente que é o Messias, como já aceitara antes a confissão dos seus íntimos (Mt 16,16); mas revela-se mais claramente, apresentando-se não como o Messias humano tradicional, mas como o ‘Senhor’ [...]” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1753).

Só no Evangelho de Mateus, esta expressão aparece 30 vezes⁷; em Marcos, 14 vezes; Lucas, 25 vezes; e João, 13 vezes. Num total de 82 vezes. É complicado definir o que Jesus queria dizer ao referir-se a si mesmo como Filho do Homem. Em

⁷ (8,20; 9,6; 10,23; 11,19; 12,8.32.40; 13,37.41; 16,13.27.28; 17,9.12.22; 19,28; 20,18.28; 24,27.30.30.37.39.44; 25,31; 26,2. 24.24.45; 26,64).

momento algum dos evangelhos, ele define ou explica este termo. Em Mateus 16,13-23, quando Jesus chega à região de Cesaréia de Filipe e pergunta aos seus discípulos: “Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?”. E depois pergunta aos discípulos: “E vocês quem dizem que eu sou?”. Pedro responde: “Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo” (Mt 16,16). Jesus elogia Pedro pela resposta dizendo que ela não foi revelada por um ser humano, mas pelo próprio Pai que está no céu. Com isto, podemos deduzir, de acordo com o Evangelho de Mateus, que Jesus admite que é o Messias, que é o Filho de Deus.

Ainda em relação ao “Filho do Homem”, o Evangelho de Mateus apresenta algumas características dessa expressão no que se refere à pessoa de Jesus. Neste sentido, o Filho do Homem...

- tem poder na terra de perdoar os pecados (9,6);
- é senhor do sábado (12,8);
- semeia a boa semente (13,37);
- será entregue às mãos dos homens e eles o matarão, mas no terceiro dia ressuscitará (17,22-23);
- não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida como resgate (20,28);
- virá sobre as nuvens do céu como poder e grande glória (24,30);
- será entregue para ser crucificado (26,2).

A expressão Filho do Homem “acentua a identificação de Cristo com a humanidade e combina características tanto de sofrimento como de glória” (MARTENS *apud* HARRIS *et al*, 1998, p. 191).

Além dessas passagens, uma outra é considerada essencial para que a missão do Filho do Homem como o Messias, dentro da visão teológica de Mateus,

seja compreendida. Como já dito anteriormente, Jesus se apresenta não como o Messias humano tradicional, esperado pelos judeus, ou seja, aquele “rei” descendente de Davi, que vai acabar com os inimigos de Israel e que terá um trono real para sempre (2 Sm 7,13-16), mas como o rei do amor e do serviço, aquele que quer construir o “reino de Deus e sua justiça” (Mt 6,33). Nesse caso, tem-se a narrativa do Juízo Final ou último julgamento (Mt 25,31-46): “Quando o Filho do Homem vier em sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará no trono de sua glória. E serão reunidas em sua presença todas as nações” (Mt 25,31-32).

Num primeiro momento, o Filho do Homem se identifica ao pastor, figura tão presente na realidade israelita. Deus é o pastor, e o povo as suas ovelhas. Depois passa a ser o rei que julga de modo justo. Os que praticam o bem ficarão à direita e os que praticam o mal, à esquerda. O critério do julgamento é simples: dar de comer, beber, acolher o peregrino, vestir o nu, visitar os doentes e cuidar dos presos (Cf. Mt 25,35-36). O rei deixará bem claro: “Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40). Da mesma forma, se se deixa de praticar o bem aos mais pobres, estar-se-á deixando de praticá-lo ao próprio Jesus (Mt 25,45).

O Filho do Homem aparece só uma vez no Juízo Final (v. 31), porém com várias características: Filho do Homem que vem em sua glória, com os anjos e sentado no trono da glória (v. 31); Filho do Homem que separa os homens uns dos outros, assim como o pastor que separa as ovelhas dos bodes; Filho do Homem que assume a função de um rei e é chamado de Senhor (vv. 34, 37, 40, 44); Filho do Homem que se identifica com os mais pequeninos (pobres) (vv. 40, 45).

Este texto, que se encontra exclusivamente em Mateus, possibilita interpretar o Filho do Homem como Juiz. Ele exerce o julgamento e não Deus Pai. Ele é o rei do

amor e do serviço e não um rei político que domina e explora os mais necessitados. O surpreendente é que ele se identifica com os mais pequeninos (pobres). Isto fica evidente nos versículos 40 e 45. Ao ser interrogado pelos justos de quando eles lhe deram de comer, quando ele estava com fome, de beber, quando ele estava com sede, de recolher, quando ele era forasteiro, de vestir, quando ele estava nu, de vê-lo, quando ele estava doente e preso, a resposta é também surpreendente: “Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40). O mesmo vai acontecer aos que estiverem à esquerda e que não fizeram isto aos pequeninos, também eles vão perguntar ao rei, quando não o fizeram. Ele dirá: “Em verdade vos digo: cada vez que não fizestes a um destes pequeninos, a mim não o fizestes” (Mt 25,45).

Tudo isso leva a dizer que não se pode transformar este texto “em simples parábola; também não devemos tomá-lo como uma descrição ‘cinematográfica’ do julgamento. O acento recai sobre o amor ao próximo, valor moral supremo” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1750). O amor aos mais pequeninos é o critério máximo do julgamento.

Em relação ao Filho do Homem nos evangelhos sinóticos, seria bom dar uma pequena visão desta expressão no que eles têm em comum. A Bíblia de Jerusalém auxilia muito nesta questão, pois sempre coloca as passagens e suas referências nos outros evangelistas. Assim:

- sobre a vinda gloriosa do Filho do Homem: “Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem e *todas as tribos da terra baterão no peito e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória*” (Mt 24,30); “E verão o Filho do Homem vindo entre nuvens com grande poder e glória” (Mc 13,26);

“E, então verão o Filho do Homem vindo numa nuvem com poder e grande glória” (Lc 21,27);

- ao ser interrogado pelo Sumo Sacerdote se era o Cristo (Messias), Filho de Deus, no Sinédrio: “Jesus respondeu: ‘Tu o disseste. Aliás, eu vos digo que, de ora em diante, vereis o *Filho do Homem sentado à direita do Poder e vindo sobre as nuvens do céu*’” (Mt 26,64); “Jesus respondeu: ‘Eu sou. E vereis o *Filho do Homem sentado à direita do Poderoso e vindo com as nuvens do céu*” (Mc 14, 62); “Mas, doravante, o *Filho do Homem estará sentado à direita do poder de Deus*” (Lc 22,69).

Conforme se observa, a frase em itálico está em Daniel 7,13. No processo da Paixão, Jesus retoma o profeta Daniel para referir-se a si mesmo, como o Filho do Homem. Por falar em Paixão, os três evangelistas têm passagens em comum. Serão citadas estas:

- anúncio da Paixão: “O Filho do Homem será entregue às mãos dos homens e eles o matarão, mas no terceiro dia ressuscitará” (Mt 17,22-23); “O Filho do Homem será entregue às mãos dos homens e eles o matarão e, morto, depois de três dias ele ressuscitará” (Mc 9, 31); “O Filho do Homem será entregue às mãos dos homens” (Lc 9,44);

- em relação ao perdão dos pecados: “Pois bem, para que saibais que o Filho do Homem tem poder na terra de perdoar os pecados... disse então ao paralítico: ‘Levanta-te, toma tua cama e vai para casa’” (Mt 9,6); “Pois bem, para que saibais que o Filho do Homem tem poder de perdoar pecados na terra, eu te ordeno – disse ele ao paralítico – levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa” (Mc 2,10-11); “Pois bem! Para que saibais que o Filho do Homem tem o poder de perdoar os pecados na terra, eu te ordeno – disse ao paralítico – levanta-te, toma tua maca e vai para tua casa” (Lc 5,24);

- veio para servir, não ser servido: “Desse modo, o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida como resgate por muitos” (Mt 20,28); “Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mc 10,45); “Eu, porém, estou no meio de vós como aquele que serve!” (Lc 22,27);

- como senhor do sábado: “Pois o Filho do Homem é Senhor do sábado” (Mt 12,8); “de modo que o Filho do Homem é senhor até do sábado” (Mc 2,28); “O Filho do Homem é senhor do sábado” (Lc 6,5).

É evidente que há muitas outras passagens em comum nos sinóticos, como há outras passagens diferentes. Aqui, são citadas algumas para demonstrar versículos idênticos nos sinóticos.

Em João, há treze passagens que se referem ao Filho do Homem, dentre as quais são citadas aqui três: “e lhe deu o poder de exercer o julgamento, porque é Filho do Homem” (Jo 5,27); “Em verdade, em verdade, vos digo: Vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem” (Jo 1,51); “Em verdade, em verdade, vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes seu sangue, não tereis a vida em vós” (Jo 6,53).

Em Atos dos Apóstolos, no que se refere ao apedrejamento de Estêvão, há esta passagem, onde o próprio Estêvão diz: “Eu vejo os céus abertos, e o Filho do Homem, de pé, à direita de Deus” (At 7,56).

Em Hebreus, toma uma citação do Salmo 8,5: “*Que é o homem, para que dele te lembres? Ou o filho do homem, para que o visites?*” (Hb 2,6).

No Apocalipse, há duas passagens: “E, no meio dos candelabros, *alguém semelhante a um filho de Homem*, vestido com uma túnica longa e cingido à altura do peito com um *cinto de ouro*” (Ap 1,13); “Depois disso, olhei: *havia uma nuvem*

branca, e sobre a nuvem alguém sentado, semelhante a um Filho de Homem, com uma coroa de ouro na cabeça e nas mãos uma foice afiada” (Ap 14,14).

Esta foi uma visão geral de algumas citações que aparecem com a expressão “Filho do Homem” no Novo Testamento, o que permite entrar, um pouco mais a fundo neste termo, e saber o quanto é complexo definir o significado desta expressão.

Paulo não utiliza a expressão “Filho do Homem” em suas cartas e escritos. Alguns motivos: os gregos eram considerados um povo muito religioso, com uma diversidade de mitos sobre deuses e deusas. Os deuses gregos eram considerados imortais e celestiais, mas não eram eternos. Isso porque existe diferença entre imortalidade e eternidade, enquanto a primeira supõe um nascimento e não supõe a morte, pois é imortal; a segunda supõe que algo, para ser eterno, não pode ter começo, nem meio e nem fim e é a transcendência. Parmênides foi o primeiro a dizer que: “Se nasce, morre”, e a morte começa com o nascimento. Se não morre é porque não nasceu. Isto acaba com vários mitos sobre deuses e questiona a sua própria imortalidade, uma vez que quem nasce, automaticamente, morre.

Na verdade, só uma vez, Paulo vai utilizar uma expressão parecida com Filho do Homem, em Corinto, quando diz: “Assim está escrito: o primeiro *homem*, Adão, *foi feito alma vivente*; o último Adão tornou-se espírito que dá a vida. [...] O primeiro homem tirado da terra, é terrestre. O segundo homem vem do céu” (1 Cor 15,45.47).

Paulo só não utilizou a expressão “Filho do Homem” porque esta seria interpretada de maneira errônea pela cultura grega. “Os gregos, pois, teriam interpretado literalmente ‘Filho’ e ressaltado indevidamente Sua humanidade” (STURZ *apud* COENEN; BROWN, 2000, p. 2359). A expressão “Filho do Homem” aparece no apócrifo de Enoque Etíope, em seus capítulos 31—71, que, “segundo geralmente se aceita, foram escritos entre 40 a.C. e 70 d.C.” (STURZ *apud* COENEN;

BROWN, 2000, p. 2357). Embora possa admitir que Mateus tenha utilizado imagens apocalípticas de Enoque, não se pode admitir que ele tenha utilizado o termo “Filho do Homem”. Isto porque

“O Filho do Homem em Enoque está ligado com Deus: ‘Pois negaram o Senhor dos Espíritos e Seu unguido’, 48:10. Mesmo assim, nunca é confundido com Deus nem chamado de Deus. Um elemento final que proíbe a crença na interpolação cristã é que o próprio Enoque é transformado naquele Filho do Homem” (STURZ *apud* COENEN; BROWN, 2000, p. 2358).

Mas é, sobretudo, nas cenas de julgamento, que estão presentes no primeiro livro de Enoque (37—71), que são encontrados muitos pontos em comum de Mateus com Enoque.

“A partir da terceira Parábola (58—69), não é somente o Eleito mas, explicitamente, como em Mt 25,31, o Filho do Homem que ocupa o lugar para o julgamento em seu trono de glória: ‘A metade entre eles olhará a outra metade e ficarão apavorados; abaixarão o rosto e a dor os apanhará, quando eles virem este Filho do Homem sentado no trono de sua glória’; ou ainda: ‘Ele se sentou em seu trono de glória e a soma do julgamento foi dada a este Filho do Homem. (...) A partir de então, não haverá mais nada de corruptível, porque este Filho do Homem aparecerá e se sentará em seu trono de glória’” (GOURGUES, 2004, p. 197-8).

Por tudo isto, fica claro que a figura do Filho do Homem, em si e de seu significado em Enoque, não exerceu influência decisiva em Mateus. O mesmo não se pode afirmar em relação às imagens apocalípticas e à questão do julgamento. Estas parecem ter influenciado os escritos de Mateus conforme visto logo acima.

7.1.2 Glória

A palavra glória - δόξα - é muito importante no que se refere a Deus.

Nas tradições do Êxodo, “a glória de Iahweh é descrita em termos que sugerem a coluna de nuvem e a coluna de fogo” (MACKENZIE, 1984, p. 388). Isto fica claro nesta passagem que se refere às tábuas da Aliança:

“A glória de Javé pousou sobre o monte Sinai e a nuvem o cobriu durante seis dias. No sétimo dia, Javé chamou Moisés do meio da nuvem. A glória de Javé aparecia aos olhos de Israel como fogo consumidor no topo da montanha” (Ex 24,16-17).

Pode-se dizer que, “acima de tudo, porém, *doxa* expressa a glória e poder de Deus” (AALEN *apud* BROWN; COENEN, 2000, p. 899), o que se torna evidente em diversas passagens do A.T., principalmente no Salmo 24,10, que diz: “Quem é esse Rei da glória? É Javé dos Exércitos! Ele é o Rei da glória!” e “Eu sou Javé: esse é meu nome. Não vou dar para outro a minha glória, nem vou ceder minha honra para os ídolos” (Is 42,8).

O termo glória “*doxa* se acha 165 vezes no NT” (AALEN *apud* BROWN; COENEN, 2000, p. 900).

“A glória, portanto, se manifesta no NT, assim como no AT, na operação do poder e salvação divinos na ‘história da salvação’. Aparece, sobretudo, em Cristo e na Sua obra de salvação” (AALEN *apud* BROWN; COENEN, 2000, p. 902). Isto fica mais claro em Mt 17,2-5, no episódio da transfiguração.

“[...] Assim como a glória de Deus se refletia sobre o rosto de Moisés após a teofania do Sinai (Ex 34,29.35), também o rosto de Cristo resplandece por ocasião da transfiguração (análoga à teofania do Sinai; *cf.* Mt 17,1+), e seus discípulos puderam assim ver o reflexo de sua glória [...]” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1843).

Diversas outras passagens do Evangelho de Mateus falam sobre a glória de Jesus, dentre elas, são destacadas: “Porque o Filho do Homem virá na glória do seu Pai, com os seus anjos, e então retribuirá a cada um de acordo com a própria conduta” (16,27); “[...] e verá o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e glória” (24,30); “Quando o Filho do Homem vier em sua glória, acompanhado de todos os anjos, então se assentará em seu trono de glória” (25,31).

Esta última passagem pertence ao texto desta exegese. Observa-se que aparece a palavra glória e trono de glória. Sobre esta, será feita também a análise semântica logo a seguir.

Além de tudo, o que foi descrito acima, glória pode ser entendida no sentido de ter dinheiro, poder e prestígio social ou fama. Daí porque foi mencionado o significado de glória no que se refere a Deus, e agora será abordada, de modo breve, no sentido mais humano. Isso fica claro, quando Jesus diz: “é que eles preferiram a glória humana à glória que vem de Deus” (Jo 12,43). Sobre os lírios do campo, vai dizer: “nem o rei Salomão, em toda a sua glória, jamais se vestiu como um deles” (Mt 6,29).

O conceito de glória, em Paulo, é complexo e, apenas pincelando, pode-se dizer que,

“nos escritos de Paulo, o conceito de glória, quando referido aos cristãos, recebe uma elaboração nova e original. Os cristãos têm a esperança de compartilhar da glória de Deus (Rm 5,2). Serão glorificados com Cristo pela participação em sua paixão (Rm 8,17), e através desta participação em sua paixão, a glória de Deus será revelada neles (Rm 8,18). Esta glória confere perfeita liberdade aos cristãos (Rm 8,21); a passagem do cristão à glória termina o processo de previsão,

predestinação e justificação (Rm 8,30). O cristão, como Cristo, ressurgirá para a glória (1 Cor 15,40). Ele será semelhante ao glorioso corpo de Jesus Cristo (Fl 3,21)” (MACKENZIE, 1984, p. 389).

Conforme dito anteriormente, também em Paulo, pode ser falado de uma glória humana, no sentido de ter poder, riqueza e fama, onde Paulo diz aos cristãos: “quer vocês comam, ou bebam, ou façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus” (1 Cor 10,31). Paulo diz claramente que não procura os seus interesses pessoais (Cf. 1 Cor 10,33) e nem faz as coisas para receber elogios dos homens (1 Ts 2,6).

7.1.3 Trono da glória

A expressão trono da glória - θρόνου τῆς δόξης -, ou simplesmente trono, tem suas raízes no “trono real, no seu sentido mais restrito, deriva do oriente. Assentar-se no trono denota a exaltação exclusiva do soberano absoluto, sua total superioridade em comparação com aqueles que lhe são sujeitos” (BLENDINGER *apud* BROWN; COENEN, 2000, p. 1702). É evidente que este modo de conceber “trono” é diferente no que se refere a Deus. “Naturalmente, no AT, o trono representa o poder e a justiça de Deus, que nunca se pode simplesmente identificar com o poder do rei” (BLENDINGER *apud* BROWN; COENEN, 2000, p. 1702). Ter um trono ou assentar-se nele era símbolo de ter e obter posse do poder. Javé é um rei diferente, no sentido de ser um rei da justiça e do amor. Vê-se em Jeremias 14,21: “Não nos desprezes por causa do teu Nome. Não desonres o trono de tua glória. Lembra-te! Não rompas a tua aliança conosco” ou “Um trono de glória, sublime desde a origem, é o lugar de nosso santuário” (Jr 17,12).

A palavra trono aparece 41 vezes no Apocalipse e 14 vezes no restante do N.T. (BLENDINGER *apud* BROWN; COENEN, 2000, p. 1704). O “trono da glória que pertence a lahweh no AT é atribuído a Jesus nos sinóticos” (MACKENZIE, 1984, p. 389). Em relação ao desprendimento dos discípulos que estão seguindo Jesus, ele promete: “Eu garanto a vocês: no mundo novo, quando o Filho do Homem se sentar no trono de sua glória, vocês, que me seguiram, também se sentarão em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel” (Mt 19,28). Mas, no que se refere ao julgamento final ou último julgamento, a passagem mais clara sobre o modo pelo qual o Filho do Homem (Jesus) irá julgar, bem como os seus critérios, é encontrada unicamente no Evangelho de Mateus, capítulo 25 e nos versículos 31 ao 46. No Juízo Final, há: “Quando o Filho do Homem vier em sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória” (Mt 25,31). Sentar no trono da glória é só o início do julgamento, significa que Jesus tem o poder de julgar e é ele quem vai julgar, não Deus Pai.

7.1.4 Nações, gentios ou povos?

A palavra - ἔθνη - em grego e a maneira como foi utilizada no texto dá margens a algumas interpretações. O próprio Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, p. 1733, a traduz por: “nação”, “povo”, “bárbaro”, “pagãos” e “gentios”. Ela é complexa e, de acordo com esta análise semântica, o ideal será chegar a uma tradução fiel ao pensamento grego, escolhendo a melhor palavra, em português, para traduzi-la.

Começando pelo A.T., pode-se dizer que a palavra *ethnos* se deriva de *ethos*, no sentido de costume, hábito e maneira específica própria de um grupo ou de um

povo. Esta palavra aparece na LXX cerca de 1000 vezes e traduz o hebraico *gôy* ou *gôyim* no sentido de “gentios”, lembrando, pois, que a palavra “gentio”, em português, deriva do latim *gens*, “nação”. Apenas em 130 casos, é tradução de ‘*am*’ em hebraico ou *laos* em grego. Neste contexto, está ligada sua definição a qualquer nação ou a todas elas, fora a nação judaica e em 130 vezes no sentido de “povo”.⁸

O que leva a concluir que “Israel é o povo da própria possessão de Deus (Êx 19,5-6), enquanto o restante da humanidade fora de Israel é chamado de *ethne*, as ‘nações’” (BIETENHARD *apud* BROWN; COENEN, 2000, p. 1734).

Ainda no que se refere ao A.T., pode-se dizer que, a partir de Esdras ou no pós-exílio, Israel se autodenominava “puro” e os gentios e outras nações, “impuros”. Estes também eram vistos pelos judeus como imorais e idólatras. Embora em algumas passagens bíblicas dos profetas “no tempo do fim, as nações virão ao monte Sião e ali participarão da salvação” (BIETENHARD *apud* BROWN; COENEN, 2000, p. 1734). Isto fica claro nesta passagem:

“No final dos tempos, o monte do Templo de Javé estará firmemente plantado no mais alto dos montes, e será mais alto que as colinas. Para lá correrão todas as nações. Para lá irão muitos povos, dizendo: ‘Venham! Vamos subir à montanha de Javé, vamos ao Templo do Deus de Jacó, para que ele nos mostre seus caminhos, e possamos caminhar em suas veredas’. Pois de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra de Javé. Então ele julgará as nações e será o árbitro de povos numerosos” (Is 2,2-4a).

No N.T., *ethnos* aparece por volta de 162 vezes. Só no Evangelho de Mateus, esta palavra aparece 15 vezes. Assim: “Galiléia das nações!” (4,15); “De fato, são os gentios que estão à procura de tudo isso” (6,32); “Não tomeis o caminho dos

⁸ Este parágrafo foi baseado nas informações do DICIONÁRIO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA DO ANTIGO TESTAMENTO, p. 1734.

gentios” (10,5); “Para dar testemunho perante eles e perante as nações” (10,18); “E ele anunciará o Direito às nações” (12,18); “E no seu nome as nações porão sua esperança” (12,21); “E o entregarão aos gentios para ser escarnecido” (20,19); “Sabeis que os governadores das nações as dominam” (20,25); “O reino de Deus vos será tirado e confiado a um povo” (21,43); “Pois se levantará nação contra nação” (24,7); “E sereis odiados de todos os povos” (24,9); “Como testamento para todas as nações” (24,14); “E serão reunidas em sua presença todas as nações” (25,32); “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos” (28,19).

Das 15 vezes que aparece *ethnos* neste evangelho, 10 vezes são traduzidas por nações, 3 vezes como gentios e 2 vezes como povo(s). Isto de acordo com a tradução da Bíblia de Jerusalém.

Nos escritos paulinos, o que fica claro é que Paulo, “o apóstolo dos gentios”, mostra que estes são chamados a serem cristãos, independentemente da lei dos judeus. “Pois aquele que operava em Pedro para a missão dos circuncisos operou também em mim em favor dos gentios” (Gl 2,8). Paulo deixa claro seu modo de pensar ao dizer:

“Vós todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus, pois todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3,26-28).

Por tudo isto, é evidente que

“não pode haver divisão alguma entre cristãos e gentios. As igrejas paulinas consistem tanto daqueles que nasceram judeus, quanto daqueles que nasceram gentios, e os dois grupos pertencem ao povo de Deus mediante a fé em Jesus Cristo” (BIETENHARD *apud* BROWN; COENEN, 2000, p. 1737).

De modo geral, pode-se dizer que a palavra *ethnos*, em sua maioria, é traduzida por “nações” e pode também significar que “os ethne são todos os povos, conforme deixa claro o epíteto *panta*, ‘todos’” (BIETENHARD *apud* BROWN; COENEN, 2000, p. 1736). Isto pode ser comprovado em diversas passagens da Bíblia e, de um modo particular, em Mateus 24,9; 28,19.

Depois desta análise semântica, fica claro que todas as nações significam a totalidade dos povos ou todos os povos.

7.1.5 Ovelhas e bodes ou cabritos ou cabras?

No texto da exegese, objeto deste estudo, uma outra expressão também é complexa e de difícil tradução: τὰ πρόβατα ἀπὸ τῶν ἐρίφων, que aparece em Mt 25,32, e τὰ μὲν πρόβατα ἐκ δεξιῶν αὐτοῦ, τὰ δὲ ἐρίφια ἐξ ἐνωπύμων, no versículo seguinte (Mt 25,33). A questão é definir o significado de ἐρίφων, pois, no texto, fica claro que πρόβατα significa “ovelha”.

Mas é necessário também escrever sobre a importância e o significado de ovelha. Este animal era típico e importantíssimo, como fonte de alimentação e na economia do povo de Israel.

Jeremias diz: “Ai dos pastores que perdem e dispersam as ovelhas do meu rebanho – oráculo de Iahweh!” (Jr 23,1). Nessa passagem, as ovelhas são identificadas como o “povo de Israel” que tem, em Javé, o supremo pastor. Importante também é todo o capítulo 34 de Ezequiel que aborda a questão do rebanho de ovelhas e o pastor:

“Com efeito, assim diz o Senhor Iahweh: Certamente eu mesmo cuidarei do meu rebanho e dele me ocuparei. Como o pastor cuida do seu rebanho, quando está no meio das suas

ovelhas dispersas, assim cuidarei das minhas ovelhas e as recolherei de todos os lugares por onde se dispersaram em dia de nuvem e de escuridão” (Ez 34,11-12).

O Salmo 95,7, quando o povo vai se referir sobre Javé, diz: “Porque ele é o nosso Deus, e nós somos o seu povo, o rebanho que ele conduz”. Assim,

“o povo de Israel, portanto, ao chamar-se a si mesmo de ‘ovelhas’ de Deus, estava reconhecendo, em primeiro lugar que, deixado por si só, era indefeso, que estava confiando na orientação do seu próprio bom Pastor, o próprio Javé” (TUENTE *apud* BROWN; COENEN, 2000, p. 431).

No N.T., fica ainda mais clara a importância da ovelha nos ensinamentos de Jesus, e ele mesmo se autodenomina: “Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas me conhecem, [...] Eu dou minha vida pelas minhas ovelhas. [...] haverá um só rebanho, um só pastor” (Jo 10,14-16). Ovelha aparece 11 vezes no Evangelho de Mateus.⁹

“Fica claro, pelo uso que Jesus faz das ovelhas nas Suas parábolas e no Seu ensino, que Seus contemporâneos sabiam muito bem quão completamente perdida a ovelha ficava, se fosse deixada a si mesma, sem os cuidados de um pastor (Lc 15,4). Sabiam que a grande necessidade da ovelha era a proteção amorosa e abnegada (Mt 12,11; Lc 15,4), e este fato básico fica por detrás do uso que Jesus fez da metáfora. A ovelha sem o pastor é ‘afлита e indefesa’ (Mt 9,36), ‘desgarra’ (1 Pd 2,25) e fica ‘perdida’ (Mt 10,6; 15,24). Jesus, ao seguir o uso vetero-testamentário e comparar Seu povo com um rebanho de ovelhas sem pastor (Mc 6,34; cf. Nm 27,17; 1 Rs 22,17), chama atenção ao fato de que estão no caminho da destruição certa, a não ser que apareça um meio de salvação” (TUENTE *apud* BROWN; COENEN, 2000, p. 431).

⁹ 7,15; 9,36; 10,6.16; 12,11.12; 15,24; 18,12; 25,32.33; 26,31.

Todavia, Jesus é o bom pastor que vai proteger e salvar o seu povo e suas “ovelhas”.

Em relação ao significado de ἐρίφων, na primeira tradução, foi utilizado “bode”, isto porque, conforme tradução do Léxico do N.T. Grego/Português, p. 85, a palavra ἐρίφων significa “bode” em Mt 25,32-33. Mas há muitas controvérsias de tal significado. Então, tomando algumas traduções das bíblias no que se refere a Mateus 25,32, há: “Como o pastor separa as ovelhas dos bodes” (Bíblia de Jerusalém); “Como o pastor separa as ovelhas das cabras” (Bíblia do Peregrino); “Como o pastor separa dos cabritos as ovelhas” (Bíblia Almeida revista e atualizada); “Como o pastor separa as ovelhas dos cabritos” (Bíblia: TEB, Pastoral e CNBB).

ἐρίφων é traduzido, em diversas passagens, por cabritos. Se for tomada a nota de rodapé da Bíblia TEB (1994, p. 1908), que a traduz por cabritos, “tal é o sentido da palavra grega”. Ocorre que há dois outros argumentos mais fortes no sentido de traduzir tal palavra por cabra. Isto porque, quando se refere ao rebanho, “a imagem supõe uma prática sírio-palestina (não greco-romana) de um rebanho/manada misturado de ovelhas e cabras (no qual ambas são valiosas)” (CARTER, 2002, p. 611). Aqui fica claro que, se for tomada esta palavra no sentido grego, a tradução correta é cabrito, conforme visto acima. Agora, se for tomada no sentido sírio-palestinense, o sentido é cabra. Mas, para ficar ainda mais claro, será utilizado um argumento de Joachim Jeremias (1976, p. 205) que diz:

“O pastor palestino não separa ovelhas e cabritos (isto é, animais machos e fêmeas), mas ovelhas e cabras. Na Palestina, o comum é o rebanho misturado; ovelhas e cabras são apascentadas durante todo o dia juntas, e à tarde o pastor separa as ovelhas das cabras. As cabras são levadas para uma caverna, porque precisam à noite de ambiente quente. As

ovelhas, que gostam de ar fresco à noite, são deixadas no curral ao ar livre.”

Por todos os argumentos acima, principalmente, o de Joachim Jeremias e o de Gorgulho e Anderson (1990a, p. 55) e levando em conta que, mesmo estando escrita em grego, a parábola revela o ambiente sírio-palestino, onde o costume local dos pastores, na época de Jesus Cristo, quando se tinha um rebanho misturado, era separar ovelhas e cabras, e não animais machos e fêmeas, como ovelhas e cabritos, além do argumento de Warren Carter e da tradução da Bíblia do Peregrino, a opção é utilizar-se, nos vv. 32 e 33, “ovelhas e cabras”, seguindo também a mesma linha feminina, conforme disse Jeremias.

7.1.6 Fome

A palavra *πεινάω* refere-se a “ter fome” e aparece por volta de 50 vezes no A.T. e 25 vezes no N.T. Esta é a expressão correta, conforme o texto do Juízo Final. Não se pode deixar de mencionar uma palavra semelhante: *λιμός* que significa “fome” e aparece mais de 100 vezes no A.T. e 12 vezes no N.T.

Em relação à questão de ter fome, dispensa maiores comentários, visto fazer parte da experiência humana. “O comer e o beber são atos básicos da vida humana. No mundo do Oriente Antigo, que sofria grandemente de fomes e secas, assumiam uma importância especial” (BAUDER *apud* BROWN; COENEN, 2000, p. 846). Isso porque a região da Palestina possui terras desérticas e terrenos não apropriados à agricultura, da mesma forma que possui terras boas ao cultivo, como na região da Galiléia. De modo geral, as terras cultiváveis e próprias para a agricultura, na época de Jesus, não eram suficientes para manter, com dignidade, o sustento de toda a população. Além do mais, a questão da seca ou falta de chuva,

ou até mesmo a questão de várias pragas ou ataques de gafanhotos também comprometiam a colheita e, com a escassez de alimentos, conseqüentemente, vinha a fome. Fome esta que Filo diz ser a “mais insuportável de todos os males” (FILO *apud* BROWN; COENEN, 2000, p. 848).

Já que o comer e o beber fazem parte das necessidades básicas da vida humana e que se constituem como um mal insuportável, pode-se dizer que “a fome e a sede são ocasiões para o exercício do amor. Satisfazê-las para outras pessoas se inclui entre as obras de misericórdia que ficam sendo um padrão na ocasião do julgamento do mundo (Mt 25.35.37.42)” (BAUDER *apud* BROWN; COENEN, 2000, p. 849). Daí porque Jesus vai dizer: “Tive fome e me destes de comer ou não me destes de comer” (Cf. Mt 25,35.42), além de se identificar com os mais pequeninos, onde tudo aquilo “que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes, ou a mim não o fizestes” (Cf. Mt 25,40.45).

Um outro texto que deixa clara essa exortação de Jesus em relação à necessidade de dar pão a quem tem fome se refere às multidões no deserto, onde os discípulos estão preocupados e lhe pedem para despedi-las. Jesus responde: “Não é preciso que vão embora. Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14,16). Aqui entra a partilha em oposição ao egoísmo que quer tudo só para si. Onde há partilha, todos comem e ficam saciados e ainda sobra muito.

Dar de comer a quem estava com fome era tão importante que ninguém podia ser excluído nem mesmo o inimigo, o que leva Paulo a dizer: “mas, se o seu inimigo tiver fome, dê-lhe de comer; se tiver sede, dê-lhe de beber” (Rm 12,20).

Mas o significado de “ter fome” vai além do que vem a ser literalmente. Mateus 5,6 também descreve a questão da fome e sede de justiça: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados”. Da mesma

forma que se tem fome e é necessário ter alimento, no sentido de satisfazer uma necessidade humana básica, deve-se ter fome e sede de justiça para que se possa construir um mundo novo com dignidade e paz. Por outro lado: “Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4,4). Por tudo isso, fica evidente a presença do alimento material para saciar a fome dos que necessitam e também há uma outra necessidade importantíssima: ter fome e sede de “justiça” para a construção de um mundo novo de acordo com a vontade de Deus. Tanto o pão em abundância como a justiça são essenciais para que o Reino de Deus aconteça.

7.1.7 Estrangeiro

A palavra ξένος aparece 21 vezes no A.T. e 14 vezes no N.T., sendo que 4 estão no texto do Juízo Final e significa “estrangeiro”, “estranho”. Sua raiz tem vinculação com o latim *hostis*, no sentido de “inimigo”. “Na sociedade primitiva, o estranho é basicamente um inimigo, por ser desconhecido [...] nunca tinha direitos” (BIETENHARD *apud* BROWN; COENEN, 2000, p. 745).

Em Israel, a lei era muito clara em relação aos estrangeiros. Eles deveriam ser tratados com dignidade e não podiam ser afligidos (Ex 22,20), desfrutavam do descanso do sábado, como todo israelita (Ex 20,10), beneficiavam-se também da lei da hospitalidade, além da concepção de que Javé “faz justiça ao órfão e à viúva, e ama o estrangeiro, dando-lhe pão e roupa. Portanto, amareis o estrangeiro, porque fostes estrangeiros na terra do Egito” (Dt 10,18-19).

De estrangeiro no Egito para um “povo livre” em Canaã, assim foi Israel. Ele, melhor do que ninguém, sentiu a luta pela sobrevivência e maus tratos em um país

estranho, agora, como nação, deveria tratar bem seus estrangeiros. Mas com tantas leis que proíbem a opressão em relação a estes, tudo indica "que o *ger* fosse freqüentemente maltratado" (MACKENZIE, 1984, p. 311). *Ger* tem sentido de hóspede temporário. Pois, sendo estranhos em si, já eram suspeitos e posteriormente, "no judaísmo, o termo estrangeiro se torna equivalente a pagão, um adorador de deuses falsos (2Mc 10,2.5)" (MACKENZIE, 1984, p. 311). Assim sendo, eram vistos como "idólatras" e altamente suspeitos de seduzirem pessoas aos seus falsos deuses e profanarem o verdadeiro Deus de Israel. Tudo indica que tiveram dificuldades para sobreviverem em Israel, que eram vistos como suspeitos e até maltratados.

Já no Evangelho de Mateus, de um modo especial, no Juízo Final, é o próprio Jesus quem vai se identificar com essa classe sofrida ao dizer: "era estrangeiro e me recebestes" (Mt 25,35). Nesse caso, "cuidar do *xenos* é cuidar do próprio Jesus Cristo; a recusa da hospitalidade ao estrangeiro é excluir o próprio Jesus Cristo" (BIETENHARD *apud* BROWN; COENEN, 2000, p. 747).

A comunidade de Mateus estava atenta a isto e aberta para receber qualquer pessoa sem distinção. Essa "atitude da Igreja primitiva a respeito do estrangeiro foi revolucionária, e o grande número de estrangeiros que aderiram à comunidade superou depressa o número dos membros judeus" (MACKENZIE, 1984, p. 312). Todos eram ou deveriam ser amados como verdadeiros "irmãos" em Jesus. Pelo que tudo indica, esta comunidade era inclusiva e adotou "uma práxis de misericórdia indiscriminada [...] sem preocupar-se com limites éticos, sociais ou de gênero. [...] por ter mulheres em papéis de liderança proeminentes, e em que escravos e livres, pobres e ricos se misturavam eqüitativamente" (CARTER, 2002, p. 76.79). Tudo isso propiciou um ambiente favorável, onde os marginalizados, dentre eles os

estrangeiros, tinham vez e voz, procuravam construir uma comunidade solidária, tendo, por base, o amor a Deus e ao próximo, contagiando muitas pessoas a seguirem o cristianismo.

7.1.8 Pequeninos

A palavra ἐλάχιστος tem sentido de “pequenino”, “muito pequeno”, “o mínimo” e a expressão τῶν ἀδελφῶν μου τῶν ἐλαχίστων é traduzida, pela Bíblia de Jerusalém, como “dos meus irmãos mais pequeninos”. Este termo aparece por volta de 14 vezes no N.T., sendo 5 vezes no Evangelho de Mateus: “E tu, Belém, terra de Judá, de modo algum és o *menor* entre os clãs de Judá” (Mt 2,6); “Aquele, portanto, que violar um só desses *menores* mandamentos e ensinar os homens a fazerem o mesmo, será chamado o *menor* no Reino dos Céus” (Mt 5,19); “Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um destes meus irmãos mais *pequeninos*, a mim o fizestes” (Mt 25,40); “Em verdade vos digo: cada vez que não fizestes a um destes pequeninos, a mim não o fizestes” (Mt 25,45).

Termo semelhante a este é μικρός, no sentido de “pequeno”, “pouco” e que, às vezes, também é traduzido por pequeninos (Bíblia de Jerusalém e Pastoral), como é o caso destas quatro passagens: “E quem der, nem que seja um copo d’água fria a um destes *pequeninos*, por ser meu discípulo, em verdade vos digo que não perderá sua recompensa” (Mt 10,42). A Bíblia TEB traduz, nesta passagem e também em 18,4, a palavra μικρῶν por “pequeno”. No discurso comunitário de Mateus, há três passagens que se utilizam de tal termo: “Caso alguém escandalize um destes pequeninos que crêem em mim, [...]” (Mt 18,6); “Não desprezeis nenhum desses

pequeninos, [...]” (Mt 18,10); “Assim também, não é da vontade de vosso Pai, que está nos céus, que um destes pequeninos se perca” (Mt 18,14).

Vale ressaltar que mesmo a Bíblia TEB, que segue uma tradução mais literal, traduz μικρῶν por “pequeninos” em Mt 18,10.14.

Mesmo sendo termos semelhantes, no que se refere gramaticalmente em grego, pode-se dizer que: ἐλάχιστος [ἄ], η, ον, Sup. de ἐλαχύς, O próprio Léxico do N.T. grego/português, p. 70, diz que este termo é usado como superlativo de μικρός, Adverbial usages, Adjetivo.

Ainda em relação à questão do significado de pequeno, deve-se ter, em mente, que “a combinação de ‘pequeno, mas especial’ se fundamenta em uma tradição da Bíblia hebraica que é interpretada para a comunidade mateana dos discípulos de Jesus. As escrituras hebraicas atestam a tradição da eleição divina de Israel precisamente porque era ‘o menor de todos os povos’” (CARTER, 2002, p. 51). Assim, no discurso de Moisés, há:

“Se Javé se afeioou a vocês e os escolheu, não é porque vocês são os mais numerosos, entre todos os outros povos; pelo contrário, vocês são o menor de todos os povos! Foi por amor a vocês e para manter a promessa que ele jurou aos antepassados de vocês” (Dt 7,7-8a).

Outra dúvida que paira sobre estes pequeninos é se Jesus Cristo estava se referindo aos discípulos e missionários ou a todos os pobres ou necessitados. Isto porque, conforme foi escrito acima: “aquele que der um copo d’água a um destes pequeninos, por ser meu discípulo” (Cf. Mt 10,42), fica evidente que são os discípulos, uma vez que Jesus tinha dito já anteriormente: “Quem vos recebe, a mim me recebe, e quem me recebe, recebe o que me enviou” (Mt 10,40). Todavia, há uma outra passagem que Jesus diz, onde tem o termo μικρῶν:

“E aquele que receber uma criança como esta por causa do meu nome, recebe a mim. Caso alguém escandalize um destes pequeninos que crêm em mim, melhor seria que lhe pendurassem ao pescoço uma pesada mó e fosse precipitado nas profundezas do mar” (Mt 18,5-6).

Assim, “mesmo que seja uma das passagens que identificam o acolhimento feito aos pequeninos com o acolhimento feito ao próprio Jesus, nada indica que as crianças de que fala então Jesus sejam discípulos” (GOURGUES, 2004, p. 206). Ele também descreve a questão da interpretação “restritiva” e interpretação “universalista”. No que se refere ao julgamento, ele diz que tanto “para ‘os pequeninos’ como para ‘todas as nações’, a interpretação na linha universalista” (GOURGUES, 2004, p. 206) é a mais correta. Diz também que “estritamente falando, não é o termo ‘pequenos’ (*mikroî*) como tal que é utilizado em Mt 25,40 e 25,45, mas o superlativo ‘menores’ (*elachisto*), que não se encontra alhures aplicado a pessoas” (GOURGUES, 2004, p. 205). Não se pode pensar, de modo restritivo, que os pequeninos se referem apenas aos discípulos ou missionários, mas que estão na interpretação universalista, no sentido de serem todos os pobres e necessitados. O mesmo afirma Joachim Jeremias (1976, p. 205) quando, comentando Mt 25,40, diz: “Por ‘irmãos’ não se entendem neste lugar os discípulos, mas todo o oprimido e achado em necessidade”.

7.1.9 Benditos e malditos

A palavra εὐλογημένοι (*eulogēmenoi*) está aqui colocada com o sentido de benditos, abençoados, muito embora tenha significado de “falar bem de”, “louvar”. A expressão *eulogeo* ocorre por volta de 450 vezes no A.T. e apenas 41 vezes no N.T.

Já a palavra *κατηραμένοι* (*καταραομαι*) está no sentido de “amaldiçoar” e “malditos”. Bênção e maldição estão, na maioria das vezes, interligadas. Isto fica claro em diversas passagens do A.T., mas, em Deuteronômio, capítulo 28, fica ainda mais evidente a questão da bênção e maldição até mesmo como opção de vida:

“Portanto, se obedeceres de fato à voz de lahweh teu Deus, cuidando de pôr em prática todos os seus mandamentos que eu hoje te ordeno, lahweh teu Deus te fará superior a todas as nações da terra. Estas são as bênçãos que virão sobre ti e te atingirão, se obedeceres à voz de lahweh teu Deus” (Dt 28,1-2).

E depois seguem todas as bênçãos daqueles que obedecem aos mandamentos e à voz de Javé. Por outro lado, este mesmo capítulo apresenta também as maldições: “Todavia, se não obedeceres à voz de lahweh teu Deus, cuidando de pôr em prática todos os seus mandamentos e estatutos que hoje te ordeno, todas estas maldições virão a ti e te atingirão” (Dt 28,15), seguindo também uma relação imensa de maldições (Dt 28,16-46).

Pode-se dizer que “este capítulo é a seqüência de 26,16-19; 27,9-10, em que o Código Deuteronômico fora apresentado como o documento do tratado entre lahweh e Israel. Este documento termina com bênçãos e maldições, como os tratados orientais” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 291).

O que fica nítido, na questão de bênção e maldição, é que a própria pessoa tem liberdade em escolher um ou outro caminho. No capítulo 30 do livro de Deuteronômio, percebe-se tal opção a ponto de lahweh dizer: “Hoje tomo o céu e a terra como testemunhas contra vós: eu te propus a vida ou a morte, a bênção ou a maldição” (Dt 30,19).

“O abençoar originalmente significava uma força benéfica que uma pessoa podia transmitir a outra, e que ficava em contraste com o poder destrutivo do amaldiçoar” (LINK *apud* BROWN; COENEN, 2000, p. 209).

No A.T., estas palavras são muito utilizadas. Já no N.T., nem tanto, 41 vezes a palavra εὐλογημένοι (εὐλογεω) e apenas 5 vezes a palavra κατηραμένοι (καταραομαι). Em Mateus, que é o objeto direto deste estudo, a palavra bênção aparece 5 vezes: Na multiplicação dos pães, onde Jesus “tomou os cinco pães e os dois peixes, elevou os olhos ao céu e pronunciou a bênção” (14,19); “Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana no mais alto dos céus!” (21,9); “Bendito aquele que vem em nome do Senhor!” (23,39); “Então dirá o rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo” (25,34); “Enquanto comiam, Jesus tomou um pão e, tendo-o abençoado, partiu-o, distribuindo-o aos discípulos” (26,26).

Já a palavra maldição aparece uma única vez no Evangelho de Mateus e exatamente no Juízo Final: “Em seguida, dirá aos que estiverem à sua esquerda: ‘Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos [...]’ (25,41).

Malditos aparece ainda em 4 outras passagens do N.T.: “Pedro se lembrou e disse-lhe: ‘Rabi, olha a figueira que amaldiçoaste: secou’” (Mc 11,21); “Bendizei os que vos amaldiçoam, orai por aqueles que vos difamam” (Lc 6,28); “Abençoai os que vos perseguem; abençoai e não amaldiçoeis” (Rm 12,14) e, falando sobre a questão da língua, Tiago diz: “Com ela bendizemos ao Senhor, nosso Pai, e com ela maldizemos os homens feitos à semelhança de Deus” (Tg 3,9).

Jesus é exigente ao pedir a seus discípulos e a todos os cristãos para abençoar (bendizer) os que lhes amaldiçoam e rezar por aqueles que os difamam

(Cf. Lc 6,28). Agora, o que Mateus escreve neste sentido, usando outras palavras, é: “Eu, porém vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem” (Mt 5,44).

Ainda sobre a maldição, Jesus mostra que esta “torna evidente a finalidade do julgamento divino. Os malditos, *kateramenoí* (Mt 25:41), são os pecadores que são condenados no juízo final” (MUNDLE *apud* BROWN; COENEN, 2000, p. 105).

A título de conclusão entre bênção e maldição, pode-se dizer que: “aboliu-se a oposição entre o abençoar e o amaldiçoar. Já que Cristo tomou sobre Si a maldição (Gl 3,13) [...] os cristãos podem unicamente ser exortados a abençoar, sem reservas (Rm 12,14)” (LINK *apud* BROWN; COENEN, 2000, p. 217). “A igreja de Cristo e os cristãos individuais já não precisam de amaldiçoar pessoa alguma, pois a obra de Cristo é eficaz também para Seus inimigos” (WESTERMANN *apud* BROWN; COENEN, 2000, p. 217).

7.1.10 Castigo eterno

A expressão *κόλασιν αἰώνιον* (castigo eterno ou punição eterna) é um pouco complicada para definir, com precisão, seu significado. Em primeiro lugar, a palavra castigo ocorre apenas 4 vezes no N.T., sendo 2 vezes como verbo: “Então, insistindo em suas ameaças, deixaram Pedro e João em liberdade, já que não tinham meio de castigá-los, por causa do povo” (At 4,21); “Isso tudo mostra que o Senhor sabe libertar da prova aqueles que o servem, e reserva os ímpios para o castigo no dia do julgamento” (2 Pd 2,9).

Como substantivo, há também duas passagens: “No amor não existe medo; pelo contrário, o amor perfeito lança fora o medo, porque o medo supõe castigo” (1

Jo 4,18); “Portanto, estes irão para o castigo eterno, enquanto os justos irão para a vida eterna” (Mt 25,46).

A expressão *κόλασιν αἰώνιον* (castigo eterno) só aparece uma vez e no texto sobre o Juízo Final, muito embora se possa afirmar também que a palavra castigo, em 2 Pd 2,9, “tem relevância teológica, pois refere-se ao castigo divino sobre os injustos” (ZABATIERO *apud* BROWN; COENEN, 2000, p. 313). Fica difícil decidir seu exato significado, uma vez que, no A.T., é utilizada poucas vezes e ocorre principalmente nos livros não-canônicos e é utilizada “particularmente para a punição dos ímpios, idólatras e, especialmente dos egípcios” (ZABATIERO *apud* BROWN; COENEN, 2000, p. 313).

“O Senhor não age conosco como faz com os outros povos, esperando pacientemente o tempo de castigá-los, até que os pecados deles cheguem ao máximo” (2 Mc 6,14). Também essa passagem de Mateus sobre castigo eterno e vida eterna está relacionada com uma passagem do A.T. do livro de Daniel. “Ela faz parte de uma descrição (Dn 11,40—12,10) que se refere ao ‘tempo do fim’ (11,40). Dn 12,2 fala em particular da retribuição final, colocando em contraste, como o faz também Mt 25,46, o destino dos justos e dos pecadores” (GOURGUES, 2004, p. 206): “E muitos dos que dormem no solo poeirento acordarão, uns para a vida eterna e outros para o opróbrio, para o horror eterno” (Dn 12,2).

Mateus também descreve o destino dos justos e dos injustos: “E irão estes para o castigo eterno, enquanto os justos irão para a vida eterna” (Mt 25,46).

Mais duas passagens bíblicas comentam este tema: “É desejável passar para a outra vida às mãos dos homens, tendo da parte de Deus as esperanças de ser um dia ressuscitado por ele. Mas para ti, ao contrário, não haverá ressurreição para a vida!” (2 Mc 7,14); “Não vos admireis com isto: vem a hora em que todos os que

repousam nos sepulcros ouvirão sua voz e sairão; os que tiverem feito o bem, para uma ressurreição de vida; os que tiverem praticado o mal, para uma ressurreição de julgamento” (Jo 5,28-29).

A Bíblia de Jerusalém (2002, p. 1736), ao comentar o significado de *geena* de fogo, diz que é o “nome de um vale de Jerusalém, profanado outrora pelos sacrifícios de crianças (Lv 18,21+), veio a designar mais tarde o lugar maldito reservado para o castigo dos maus, o nosso ‘inferno’”.

Há relação entre castigo eterno e inferno? O que temos, de modo geral, na Bíblia e o que atualmente diz a escatologia? Evidentemente que a discussão teológica, quase interminável e sem uma definição consensual, não faz parte deste trabalho, por não ser seu objetivo principal. Apenas situar que:

“*Scheol* é o termo hebraico para caracterizar o “mundo dos mortos”, que se encontra embaixo na terra e que abriga indistintamente todas as pessoas mortas sejam boas ou más. [...] Traduz-se *scheol* com a palavra grega *hádes* que no português é traduzido por ‘inferno’ (Mt 11,23; 16,18). [...] o *hádes* é, após a morte, o lugar do descanso e da paz temporários para as pessoas que crêem em Deus; para os ímpios, no entanto, até o juízo final, ele é o lugar do castigo temporário; para outras correntes rabínicas, por causa de fé na imortalidade da alma, o *hádes* passou a não significar mais nada para as pessoas que crêem em Deus, visto que suas almas passam logo após a morte para a felicidade e glória celestiais” (R. REIMER, 2000, p. 63-4).

A terminologia *hádes* foi herdada do judaísmo. Também um outro conceito ligado ao inferno é a palavra *geena* que começou a ser utilizada por volta do século II a.C., dentro da literatura apocalíptica judaica (Mt 5,22.29.30; 10,28; 18,9; 23,15.33). Trata-se do Vale de Hinom (*gehimom*), ao sul de Jerusalém, por ser um

local, onde os reis Acáz e Manassés sacrificaram seus filhos ao deus Moloque (Js 15,8; 2 Rs 16,3; 21,6). Com isto, segundo R. Reimer (2000, p. 66).

“A ‘fornalha’ que está em Jerusalém refere-se a essa prática do sacrifício, durante a qual se tocavam címbalos para abafar os gritos das crianças sacrificadas, para que não fossem ouvidos pelo povo. Fogo e barulho de címbalos evocam a lembrança desse sacrifício, da matança de meninos e meninas. Isto é o ‘inferno’”. Para esta autora o Vale do Hinom tornou-se “símbolo para o inferno de fogo após o juízo final”.

Com o passar do tempo, essa concepção conhece evidentemente uma outra compreensão, onde se começa a noção sobre a ressurreição. Isto fica muito claro em 2 Mc, capítulo 7, que descreve o testemunho dos mártires, onde há esta passagem: “Você, bandido, nos tira desta vida presente, mas o rei do mundo nos fará resuscitar para uma ressurreição eterna de vida, a nós que morremos pelas leis dele” (2 Mc 7,9). Também Daniel, em 12,2, diz sobre a ressurreição dos justos para a vida eterna e os ímpios para um castigo eterno. “O sheol aparece, então, aí, como mansão infernal destinada aos ímpios para castigo eterno” (LIBÂNIO; BINGEMER, 1994, p. 254).

No N.T., Jesus também vai se referir sobre a questão da ressurreição, da vida eterna e até mesmo sobre a possibilidade de um castigo eterno. Dentre estas passagens, destacam-se: “Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Temei antes aquele que pode destruir a alma e o corpo na geena” (Mt 10,28); “O Filho do Homem enviará seus anjos e eles apanharão do seu Reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade e os lançarão na fornalha ardente. Ali haverá choro e ranger de dentes” (Mt 13,41-42); “E irão estes para o castigo eterno, enquanto os justos irão para a vida eterna” (Mt 25,46).

Mas o que vem a ser o inferno?

Lendo diversas definições e concepções, uma se destacou:¹⁰

(INFERNO)

É o próprio homem quem condena a si mesmo!

Hoje, as declarações tradicionais são rejeitadas por muitos teólogos e muitos fiéis.

- a. Está claro que não se pode tratar de lugar ou de fogo;
- b. Critica-se com todo direito que o conceito de inferno foi usado como meio de ameaça, provocando medo em vez de amor;
- c. Mostra-se a contradição entre a “condenação” eterna para a morte e o Deus de vida que ama os homens;
- d. Mostra-se que as declarações de Jesus sobre o inferno devem ser compreendidas dentro do contexto apocalíptico (V. Walle).

“(Jesus) usava palavras conhecidas como ‘inferno’, ‘perdição eterna’ não para formular uma doutrina sobre esses temas, mas sim para acentuar... o caráter definitivo de seu aparecimento... a última oportunidade para nova opção de vida”.

(H. Vorgrimler)

“Toda a Bíblia é escrita em linguagem apelativa e executiva. Isto significa uma linguagem que recorre a nós, uma linguagem que pretende mudar algo dentro de nós e que nos exorta à conversão... Também em suas palavras, Jesus não dá informações sobre o inferno... diz que existe a possibilidade de falhar no próprio destino.”

¹⁰ Esta concepção do que vem a ser o inferno foi desenvolvida por Renold J. Blank em seu livro: Escatologia da Pessoa, em sua página 261. Participei de um curso sobre escatologia com Blank e devo dizer que foram surpreendentes suas concepções sobre a ressurreição, juízo final, purgatório, céu e, principalmente, sobre o inferno.

7.1.11 Vida eterna

A expressão ζωὴν αἰώνιον (vida eterna) “corresponde ao significado básico de *aiōn*, ‘duração da vida’, conforme é definido pelo A.T., deve ser entendida primariamente como sendo a vida que pertence a Deus” (GUHRT *apud* BROWN; COENEN, 2000, p. 2458).

A morte era concebida pelos israelitas do A.T. como um fim em si mesma. Em outros termos, era inconcebível uma outra vida além da morte, ou, para ficar ainda mais claro: a morte era o fim de tudo. “Os mortos não reviverão, as sombras não ressurgirão” (Is 26,14).

A concepção que tinham da vida é que esta era um sopro de Deus. “Em Gn 2,7 o homem torna-se um ser vivo quando lahweh sopra em suas narinas. É uma concepção generalizada no A.T. a de que a vida perdura enquanto o homem possui o espírito, o sopro que lhe foi insuflado por lahweh” (MACKENZIE, 1984, p. 961), ou seja, a vida teria um certo tempo de duração, conforme o sopro e o espírito que lahweh, de acordo com sua vontade, tinha estabelecido, findo este, a vida terminava para sempre, não haveria qualquer outra chance de vida, a morte era o fim da vida e não haveria outra vida, além desta passageira.

Todavia, deve ficar claro que “O AT não conhece nenhuma vida depois da morte até seus últimos livros; quando a idéia surgia, só podia ser concebida como uma restauração ou restabelecimento da vida que os hebreus conheciam como uma ressurreição do corpo” (MACKENZIE, 1984, p. 960).

Conforme se sabe pela história, Alexandre conquista a Palestina e o povo de Israel fica sob o domínio grego, por volta do ano 333 a.C. Começa, então, com o

passar do tempo, uma certa concepção da existência de uma outra vida após a morte, de certa maneira influenciada pela cultura grega. Assim, há livros, como o de Daniel e 2 Macabeus, onde aparece claramente a noção de uma vida, além da morte. “A partir do livro de Daniel, ‘vida eterna’ é uma expressão para as bênçãos escatológicas da salvação, há muito desejadas, a vida na era do porvir” (GUHRT *apud* BROWN; COENEN, 2000, p. 2458). Ele diz: “E muitos dos que dormem no solo poeirento acordarão, uns para a vida eterna e outros para o opróbrio, para o horror eterno” (Dn 12,2). Em 2 Macabeus, no episódio do testemunho dos mártires, há, ainda, com mais precisão, a noção de uma outra vida além da morte: “Você, bandido, nos tira desta vida presente, mas o rei do mundo nos fará ressuscitar para uma ressurreição eterna de vida, a nós que agora morremos pelas leis dele” (2 Mc 7,9) e “Vale a pena morrer pela mão dos homens, quando se espera que o próprio Deus nos ressuscite. Para você, porém, não haverá ressurreição para a vida” (2 Mc 7,14).

Já no N.T., Jesus se refere à vida eterna com um significado um pouco diferente, onde ele mesmo diz: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem acredita em mim, mesmo que morra, viverá. E todo aquele que vive e acredita em mim, não morrerá para sempre” (Jo 11,25-26). No episódio com os saduceus, Jesus deixa claro que, “na ressurreição, os homens e as mulheres não se casarão, pois serão como os anjos do céu” (Mt 22,30). Com isto, pode se afirmar que “A vida assim obtida é especificada como vida eterna no mundo que virá e, portanto, ultrapassa a concepção do AT de vida como experiência de plenitude de vitalidade numa existência moralmente íntegra” (MACKENZIE, 1984, p. 962). Também, no Evangelho de Mateus, há o episódio do Jovem Rico, onde este pergunta a Jesus o que deve fazer de bom para possuir a vida eterna. Jesus responde que ele deve cumprir os

mandamentos, e ele diz que já os cumpre e pergunta o que ainda lhe falta. Aí entra a exigência de Jesus:

“Se queres ser perfeito. Ser perfeito é um sinônimo para ‘ter vida eterna’ (19,16) e ‘entrar na vida’ (19,17). É imitar Deus em um amor indiscriminado que beneficia o outro (5,43-48). Ele deve fazer quatro coisas: 1. **Vai** [...], 2. **Vende tuas posses** [...], 3. **Dá aos pobres**[...], 4. **Vem, segue-me** [...]” (CARTER, 2002, p. 489-90).

Com isto, fica evidente que “ninguém pode servir a dois senhores. Porque, ou odiará a um e amará o outro, ou será fiel a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e às riquezas” (Mt 6,24). Como pode alguém dizer que é cristão se acumula bens materiais só para si e não partilha nada com os que mais necessitam? O Jovem Rico é chamado a escolher entre a riqueza, como o seu senhor, ou a Deus, como o seu senhor. No caso, se vendesse seus bens, distribuísse o dinheiro com os pobres e seguisse Jesus, isto seria uma prova de que Deus ocupava o primeiro lugar em seu coração e não as riquezas. Se ele fez isto posteriormente, não sabemos, o texto diz que, “quando ouviu isso, o jovem foi embora cheio de tristeza, porque era muito rico” (Mt 19,22).

Em João,

“a vida eterna se alcança pela fé em Jesus Cristo (Jo 3,15.36;20,31), e pela observância dos mandamentos de Deus (Jo 12,50). A vida eterna é conservada pelo amor fraterno (1Jo 3,14s). [...] Jesus é a ressurreição e a vida, e aqueles que crêem nele vivem para sempre, mesmo que morram” (MACKENZIE, 1984, p. 963).

Paulo também escreve sobre a vida eterna. Ele é muito preciso em seus ensinamentos e diz:

“se os mortos não ressuscitam, Cristo também não ressuscitou. E se Cristo não ressuscitou, a fé que vocês têm é ilusória e

vocês ainda estão nos seus pecados. E desse modo, aqueles que morreram em Cristo estão perdidos. Se a nossa esperança em Cristo é somente para esta vida, nós somos os mais infelizes de todos os homens” (1 Cor 15,16-19).

Ainda, na seqüência deste capítulo, Paulo vai explicar como é que os mortos ressuscitam, utilizando o exemplo de uma planta (Cf. 1 Cor 15,35ss). Assim, pode-se dizer que

“Deus dá a vida eterna aos que perseveram nas boas obras (Rm 6,23); é fruto da santidade (Rm 6,22). [...] A vida eterna, nos escritos paulinos, não é simplesmente a vida do mundo que há de vir; ela se torna desde já uma realidade presente, que começa no batismo (Rm 6,4)” (MACKENZIE, 1984, p. 962).

Quanto ao castigo eterno, tem a ver com o que é chamado de “inferno” e, agora, também pode ser dito que, quanto à vida eterna, vem, à mente, a questão do “céu”. Evidentemente, há uma discussão interminável do que vem a ser o “céu” nesta ou naquela concepção teológica, mas isto não é objeto deste estudo. De acordo com o esquema de Blank (2000, p. 288):

“Céu = Vida

Céu = Plenitude da vida

Céu = Plenificação e intensificação máxima da vida da pessoa

Céu = Realização de todas as potencialidades da pessoa

Céu = Ser pessoa plena

Céu = Viver Pleno”

O que se pode dizer é que

“O céu da fé cristã não é, portanto, um ‘além’ extramundano ou metafísico. Não é lugar ao qual se chega, do lado de lá da história, mas processo histórico que, sendo graça absoluta d’Aquele que é fonte de toda graça, é também gestado e tecido na trama concreta das lutas, ‘angústias e esperanças’ daquele

que, em sua vida, luta e constrói o Reino de Deus” (LIBÂNIO; BINGEMER, 1994, p. 278).

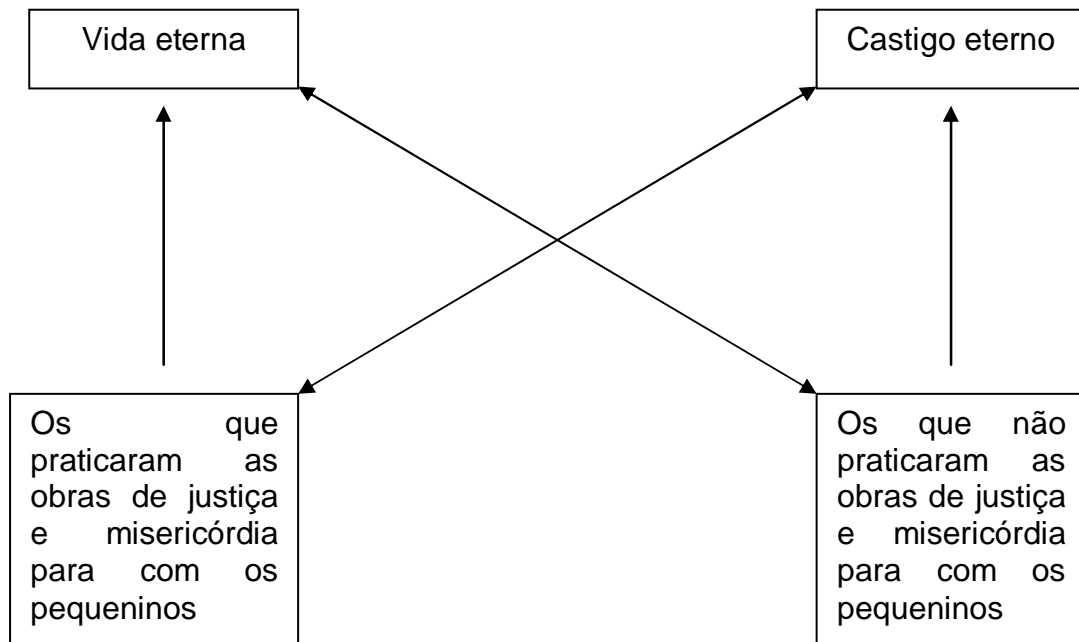
Para finalizar, pode definir-se que “o céu reflete todas as situações onde acontece a vontade de Deus, onde se manifesta a proximidade de Deus” (R. REIMER, 2000, p. 70).

Feita a análise semântica das palavras-chave deste texto e seus significados, pode-se dizer que o texto gira em torno deste eixo: os versículos que estão entre parênteses () se referem aos vocábulos que não estão escritos, mas subentendidos.

| Vocábulos | Sentença Positiva | Sentença Negativa |
|--|-------------------|-------------------|
| * fome/comer: ἐπείνασα φαγῆν | vv. 35.37 | 42.44(44) |
| * sede/beber: ἐδίψησα ἐποτίσατε | vv. 35.37 | 42.44(44) |
| * estrangeiro/receber: ξένος συνηγάγετέ | vv. 35.38 | 43.44(44) |
| * nu/vestistes: γυμνὸς περιεβάλετε | vv. 36.38 | 43.44(44) |
| * doente/visitastes: ἡσθένησα ἐπεσκέψασθε | vv. 36.39(39) | 43(43).44(44) |
| * preso/ver-me. φυλακῆ ἦλθατε πρὸς με ^s | vv. 36.39 | 43.44(44) |

Não se pode deixar de ressaltar que, nos vv. 40 e 45, Jesus deixa claro a importância destas obras ao dizer: “Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (ou não fizestes - v. 45).

Muito embora o texto gire em torno desse eixo de oposições, classificado como sentença positiva e sentença negativa, não se pode esconder que estas estão em vista de um julgamento, onde se tem uma sentença final do Juiz. Neste caso, o quadrilátero semiótico, colocado na estrutura deste trabalho, ajuda a visualizar melhor esta questão.



Observação: flechas verticais: indicam pressuposição dos elementos;

flechas entrecruzadas: indicam os elementos contraditórios.

Feita a análise semântica e o quadrilátero semiótico que, sem dúvida, são fundamentais para uma correta compreensão do significado do Juízo Final, faz-se necessário abordar a questão de alguns elementos sociais mais importantes que aparecem neste texto.

7.2 Elementos Sociais de Mateus 25,31-46

Para estudar um texto e compreendê-lo, é necessário se estar atento ao seu contexto econômico, político, social, cultural, religioso e ideológico. O texto do Juízo Final traz, em si, algumas palavras importantes que permitem entender seu contexto social.

7.2.1 Político-social

A política e a sociedade, na época dos escritos de Mateus e até os dias de hoje, estão intimamente ligadas. Uma decisão política interfere diretamente na sociedade. Algumas palavras que transparecem neste texto de Mateus e neste sentido:

Trono da sua glória/rei: trono lembra a questão da política da época, onde os reis se sentavam para governarem e julgarem; glória lembra o poder e a majestade. Ora, se há um rei, supõe-se que este tenha sua equipe de governo que constituía a elite da época, enquanto há também os súditos, representando, de um modo geral, todo o povo. Embora houvesse, nesta sociedade, homens livres e escravos, patrões e empregados, comerciantes, latifundiários, artesãos, nobres, elite religiosa, miseráveis e muitas outras categorias.

Pastor: uma profissão muito conhecida e comum na época de Jesus, principalmente, na Palestina e no mundo grego, além de muitas outras regiões. Os pastores representavam os pobres e, de uma certa forma, aqueles que eram excluídos da sociedade.

Reino/mundo: lembra reinado no sentido político e presente em determinadas sociedades. O reinado do mundo se preocupa com o poder, o domínio, comete injustiça, cobra impostos e faz de seus governados súditos. O reino, no sentido do texto, refere-se ao reinado de Deus, tanto aqui no mundo, como em relação escatológica. Neste caso, o reinado é do amor, da justiça e da paz, onde todos são filhos queridos e amados (não súditos).

Os que têm fome/Os que têm sede/Os que são estrangeiros/Os que estão nus/Os que estão doentes/Os que estão presos: constituem categorias sociais e vítimas de uma política excludente; uma maioria que não tinha nem vez e nem voz na sociedade de sua época, como na sociedade de hoje também; eram lesados em seus direitos, marginalizados e só vistos como uma “mão-de-obra barata”. Estes pobres eram vistos como um peso para a sociedade. Os estrangeiros não tinham cidadania, poderiam tornar-se escravos, não tinham qualquer direito social. Os doentes eram considerados inúteis e inválidos, um problema para a sociedade. Os presos lembram um sistema judiciário que privilegiava os ricos, um direito ineficiente, vítimas de um sistema político.

Irmãos mais pequeninos: aqueles que mais necessitam de solidariedade. Neles, está presente o próprio Jesus. Quem faz a eles as obras de caridade faz ao próprio Jesus. As obras de justiça e misericórdia a eles são a razão de ser e o critério fundamental de todo o julgamento.

Ímpios (os da esquerda): são os que não praticam as obras de solidariedade para com os mais necessitados, são apegados aos seus bens e ligados ao esquema de poder que domina e oprime.

Justos (os da direita): são os que praticam as obras de solidariedade para com os mais necessitados, partilham os seus bens, vivem no amor e buscam a vida, a liberdade e a dignidade de todos os homens, principalmente, dos mais pobres.

7.2.2 Econômico

Como sempre, o fator econômico é o eixo principal e o motor que move toda a sociedade. Muitos termos escondem, dentro de si, uma conotação econômica. De modo geral, neste texto de Mateus, há:

Trono da sua glória/rei: trono lembra reinado, poder, rei; glória está ligada ao poder e majestade. Uma terminologia econômica: ricos x pobres. É evidente que, numa sociedade, onde há ricos, quase que, como consequência, haverá também pobres. Poucos ricos e muitos pobres. Não era diferente no Império Romano e na sociedade de hoje, onde uns esbanjam, outros ficam na miséria. É o contraste social no que se refere ao fator econômico.

Pastor: por detrás de um pastor que cuida do rebanho, muitas vezes há um latifundiário. Há o patrão e o empregado. Era uma das principais profissões da época, principalmente na região da Palestina, devido à quantidade de rebanhos.

Ovelhas e Cabras: animais importantíssimos na economia da época, tanto pelo leite, como pela carne, além da lã das ovelhas. O rebanho misto era muito comum na Palestina e no mundo grego. O rebanho também era responsável para que os pastores tivessem trabalho e meio de subsistência.

Fome/comer; sede/beber; estrangeiro/receber; nu/vestir; doente/visitar; preso/ver: tudo isso expressa claramente uma realidade econômica e a confirmação de uma sociedade dividida entre ricos e pobres; expressa a mais clara exploração e opressão. Muitas doenças são frutos de uma falta de alimentação adequada ou falta de recursos para obter um tratamento médico digno. Presos podem expressar os pobres que não conseguem ter acesso ao direito e justiça dos tribunais. Sem contar que ricos “pagavam” para não serem presos, como muitos fazem ainda hoje. Estrangeiros, de um modo geral, eram pobres e viviam à margem da sociedade. Os

que tinham fome, sede e estavam nus expressavam a população pobre e sem os recursos mínimos para que se tivessem uma vida digna.

7.2.3 Religioso

Neste texto, é possível perceber vários aspectos religiosos. Quem executa o julgamento é o Filho do Homem/rei/pastor/senhor/Jesus. Todo julgamento já supõe uma dimensão escatológica, muito embora aconteçam, no mundo, as obras de misericórdia aos mais pequeninos, onde o próprio Jesus está presente em cada um deles.

Filho do Homem: um vocábulo de grande significação religiosa. Só neste texto, ele aparece tendo, por base, um ser celestial (v. 31) presente no livro do profeta Daniel (7,13-14). Depois, é comparado a um pastor (v. 32), onde Deus mesmo é o pastor, e o povo o seu rebanho. Aqui, entra a tradição do profeta Ezequiel (34) e do próprio Evangelho de São João (10), onde Jesus diz: “Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas me conhecem” (10,14). Depois, assume o papel de um rei (vv. 34, 40...) não político, mas do amor e do serviço. É chamado de Senhor (vv. 37, 44) e vai dizer: “Vinde benditos de meu Pai” (v. 34), o que o revela como o próprio Jesus. Este Jesus se revela como presente nos “mais pequeninos”. Ele é o Juiz que dá a sentença final (v. 46).

Trono de sua glória: trono de Deus. Deus é rei e reina no amor e na justiça. É o único rei da terra, do céu e do mar. A glória deve ser dada só a Deus.

Anjos: mensageiros celestes. São eles que vão separar os maus dos justos, na parábola do joio e do trigo (Mt 13,24-30.36-43) e na parábola da rede e dos

peixes (Mt 13,47-50). No texto desta exegese, é o próprio Jesus que separará os homens uns dos outros, os da direita (justos) e os da esquerda (ímpios) (?).

Benditos de meu Pai: os que estão à direita e que praticam as obras de misericórdia e justiça em relação aos mais “pequeninos” são abençoados. A expressão “de meu Pai” revela que é Jesus que está sendo responsável pelo julgamento.

Os meus irmãos mais pequeninos: são os que têm fome, têm sede, são estrangeiros, estão nus, doentes e presos. O rei/Jesus está presente em cada um deles. Aqui está o grande segredo do texto, que surpreende a todos os envolvidos, pois é o próprio Jesus que vai dizer: “Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (v. 40) ou “a mim não o fizestes” (v. 45). É Jesus que se identifica, está presente e se revela nos “mais pequeninos”, e isto é maravilhoso e divino.

Justos: são aqueles que vivem de acordo com a vontade de Deus. No texto, são todos os que estão à direita e praticam as obras de justiça e misericórdia aos mais pequeninos. Terão, por recompensa, a vida eterna.

Malditos: são os que estão à esquerda e que não praticam as obras de misericórdia aos mais pequeninos. São amaldiçoados e irão para o castigo eterno.

Diabo e seus anjos: são todos aqueles que são “adversários” do plano de Deus, que é vida, felicidade e paz para todos. São os que praticam o mal e são contrários aos desígnios de Deus.

Castigo eterno: reservado para todos os que praticam o mal. Em Daniel 12,2, fala sobre a ressurreição dos justos para a vida eterna e dos ímpios para um castigo eterno. “O sheol aparece, então, aí, como mansão infernal destinada aos ímpios para castigo eterno” (LIBÂNIO; BINGEMER, 1994, p. 254). No texto, Jesus diz que

são os “malditos” que estão à esquerda e que não praticam as obras de misericórdia aos mais pequeninos.

Vida eterna: esta expressão “corresponde ao significado básico de *aiōn*, ‘duração da vida’, conforme é definido pelo AT, deve ser entendida primariamente como sendo a vida que pertence a Deus” (GUHRT *apud* BROWN; COENEN, 2000, p. 2458). Jesus refere-se, várias vezes, como sendo a ressurreição e a vida: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem acredita em mim, mesmo que morra, viverá” (Jo 11,25), ou “todo homem que vê o Filho e nele acredita, tenha a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6,40). No texto, os justos que praticam as obras de justiça para com os mais pequeninos irão para a vida eterna.

7.2.4 Ideológico

A ideologia reinante na época era que os ricos eram abençoados por Deus e os pobres, amaldiçoados e pecadores, abandonados à sua própria sorte. Só era “bendito” e feliz quem possuía dinheiro, que dominava e tinha poder. Os pobres, neste sentido, eram “malditos” e excluídos de uma vida digna na sociedade.

Incrivelmente, Jesus vai inverter essa ideologia. O giro vai ser de cento e oitenta graus. Para ser ainda mais exato: os “benditos” são aqueles que ajudam os pobres, e é nestes, “nos pequeninos”, que o rei, isto mesmo, o rei se identifica e se torna um deles. Inconcebível: um rei igual aos seus súditos pobres e miseráveis? Por outro lado, os “malditos” são todos aqueles que têm bens materiais e riquezas e não partilham ou não fazem as obras de misericórdia aos mais “pequeninos”. Os valores vigentes são completamente invertidos.

Por outro lado, no julgamento dos homens, no tribunal, só os ricos tinham vez e voz. O direito e a justiça estavam ao lado dos que detinham o poder e possuíam riquezas. Agora, no julgamento divino, os pobres têm voz e vez, são queridos e amados por Deus e vão possuir a felicidade eterna ou a vida eterna, enquanto que os que colocaram suas vidas no dinheiro, no poder, no egoísmo e na ganância vão para o castigo eterno.

Quem esperava por um “Messias” ou um ungido (Cristo) em grego, triunfante, com poder e majestade, vindo do céu em carruagem de ouro, surpreende-se totalmente com um “Filho do Homem” que é rei, mas um rei que está ao lado dos pobres e abandonados, um Senhor que se faz pequeno e diz: “Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (40).

A ideologia da superioridade de Israel, como um povo escolhido por Deus e de raça “pura” e que todos os outros povos eram considerados como “impuros” e “pagãos”, também vai por terra. Na verdade, “todas as nações” serão julgadas pela prática ou não das obras de caridade e misericórdia aos mais “pequeninos”, inclusive os judeus. Muito mais do que no templo, nos sumos sacerdotes e nas suas leis, Deus se faz presente nos pobres e pequenos.

Até agora, foi feito, nesta análise de conteúdo, o que está escrito e como entender o texto. O que implica este texto vai ser o objeto de estudo na análise do conteúdo de cada bloco, dando ênfase a cada versículo e a sua interpretação e implicação teológica.

7.3 O que implica este Texto?

A implicação deste texto será objeto de estudo na análise do conteúdo de cada bloco, dando ênfase a cada versículo e a sua interpretação e àquilo que ele quer dizer.

31. E quando vier o Filho do Homem em sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará sobre o trono da sua glória.

Este versículo utiliza uma linguagem apocalíptica, o que implica em dizer que era urgente a questão abordada. Mateus vai utilizar a figura do “Filho do Homem” de Daniel 7,13. Era um tipo de linguagem que despertava admiração, espanto e uma reflexão maior nos ouvintes por ter vários símbolos, figuras e falar sobre as coisas futuras ou escatológicas.

O “termo 'Filho do Homem' não é usado novamente na passagem, mas é substituído por 'rei' (vv. 34,40), é possível que a figura do rei fosse original, e 'Filho do Homem' uma adaptação Cristã” (BEARE, 1987, p. 493). Por outro lado, como Jesus utilizou muito a expressão “Filho do Homem”, só no Evangelho de Mateus por volta de 31 vezes, atribuindo este título a si mesmo, fica evidente que ele é quem é o Juiz no julgamento final. Vale dizer que, só nas passagens que envolvem escatologia (Mt 24—26), este termo aparece 12 vezes. Jesus é o Senhor e Juiz. Assim “*Quando o Filho do Homem vier*: Esta parusia cuja motivação é a de chamar os justos ao prêmio ‘eterno’ e de consignar o castigo ‘eterno’ aos ímpios” (LANCELLOTTI, 1981, p. 341).

32. E reunir-se-ão diante dele todas as nações, e ele separará uns dos outros, assim como o pastor separa as ovelhas das cabras.

Neste versículo, há duas realidades distintas: v. 32a se refere ainda à vinda do “Filho do Homem” no julgamento, onde todas as nações serão reunidas diante dele, e a partir do v. 32b até o v. 33 se refere à “parábola das ovelhas e cabritos”.

A questão de todas as nações já foi discutida de modo específico na análise semântica. Apenas situar que este versículo implica dizer que o julgamento é universal. Vários autores confirmam isto, dentre eles: Pierre Bonnard (1976, p. 546) que diz: “Sus funciones se ejercen sobre la humanidad entera (*las naciones*) y no solo sobre el pueblo elegido”. David E. Garland (1993, p. 242-3):

“Em Mateus, 'todas as nações' (25:32) nunca é usado para se referir aos membros da igreja mas às nações que os discípulos Cristãos estão para evangelizar (24:9,14; 28:19). A parábola assume que a ordem era proclamar o evangelho do reino ao mundo inteiro (24:14; veja 26:12 (sic); 28:19)”¹¹.

Já Daniel J. Harrington (1991, p. 356), diz: "A frase em Grego *panta ta ethnē* é usualmente traduzida como 'todas as nações' (incluindo Israel)". Outra implicação deste versículo, em particular, é que “La reunión de todos los pueblos ante el tribunal del Hijo del hombre presupone también la resurrección de los muertos” (SCHMID, 1973, p. 507). E que “A expectativa de uma ressurreição de todos os homens por julgamento é implícita” (M'NEILE, 1955, p. 368).

Em relação à figura do pastor, somente dizer que: “apenas o olhar do pastor pode discernir verdadeiramente aquilo que cada um é, porque é sempre em relação a si mesmo que se revela a realidade mais profunda do homem” (RADERMAKERS, 1974, p. 313).

33. E colocará as ovelhas à sua direita e as cabras à sua esquerda.

Este versículo diz respeito ao julgamento e à separação das pessoas, uns do lado direito, que era um lugar de honra e bênção, como já foi visto, e outros do lado esquerdo, visto como negativo ou amaldiçoado. A bíblia vulgata o traduz como:

¹¹ Foi colocado logo após o versículo 26:12 (sic) pois é assim que está no texto. Todavia, olhando esta passagem em várias bíblias, ela se encontra no v. 26,13, inclusive na Bíblia em Grego de Nestle-Aland.

“Colocará as ovelhas à sua direita, e os cabritos, porém, à esquerda” (BIBLIA SACRA, 1953, p. 1301)¹².

34. Então dirá o rei aos da sua direita: Vinde, benditos do meu Pai, herdai o reino preparado para vós desde a criação do mundo.

Aqui, há a figura de um rei (o Filho do Homem do v. 31). Rei é aquele que julga com justiça, onde deve prevalecer a verdade, ou deveria ser, pelo menos, na concepção dos orientais. Isto, como se sabe, ficava muito na teoria, mas, na prática, a realidade era outra. Contudo, o julgamento que se faz é que o rei é justo, pois é o próprio Jesus quem vai julgar. Ele começa dizendo que os que estão à direita são “benditos” e vão herdar, tomar posse do reino preparado por Deus.

Como este texto se refere ao julgamento, haverá, a partir de agora, dois blocos com o mesmo esquema: 34-40 e 41-45. O primeiro se refere à sentença positiva e o segundo, à sentença negativa, no que diz respeito às obras de misericórdia e justiça. K. Berger (1998, p. 230) vai chamar de “diálogo de revelação”, ou seja: “A: a ‘primeira’ revelação, enigmática, precisa de esclarecimento. B: a não-compreensão humana se manifesta (pergunta, censura, pedido). C: segue-se então a ‘segunda’ revelação, esclarecedora.” Os que estão à direita são “benditos” pelo fato que:

35. Porque tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber, era estrangeiro e me recebestes.

36. Nu e me vestistes, estive doente e me visitastes, preso e viestes ver-me.

Esta é a primeira revelação enigmática, onde se estabelecem os critérios do julgamento. No v. 35: dar de comer aos que estão com fome; dar de beber aos que estão com sede e receber os estrangeiros. No v. 36: continuam estas obras, onde os

¹² Relembrando que a palavra “esquerdo”, em latim, é *sinistro*.

que estão nus recebem roupa, os doentes e os presos são visitados. Ocorre que esta última obra de misericórdia não fazia parte do costume judaico e de suas obras de misericórdia, mas houve perseguição em relação aos cristãos e muitos deles foram presos e abandonados. Com isso, precisavam da solidariedade cristã, pois “a visita a pessoas encarceradas era não só importante, mas vital, visto que elas não recebiam alimentação na prisão” (R. REIMER, 2001, p. 293).

37. Então Ihe responderão os justos dizendo: Senhor, quando te vimos faminto e te alimentamos, ou sedento e te demos de beber?

38. Quando te vimos estrangeiro e te recebemos, ou nu e te vestimos?

39. Quando te vimos doente ou preso e fomos te ver?

Aqui, há a segunda parte do diálogo de revelação, onde existe uma não-compreensão por parte dos julgados, o que se manifesta em três perguntas, através do advérbio “quando?”, nos vv. 37, 38 e 39. Na verdade, é uma repetição das obras de misericórdia e justiça dos vv. 35 e 36. A implicação destes versículos é reforçar tais obras.

Com isto, há a segunda revelação esclarecedora e a resposta para tais dúvidas:

40. E respondendo o rei lhes dirá: Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes.

Este versículo é importantíssimo neste texto. Aqui há uma resposta reveladora, como é o caso deste versículo, que implica um comprometimento verdadeiro em relação aos mais pequeninos: “los Hermanos más pequeños de Jesús son, pues, los pobres en general” (SCHMID, 1973, p. 510). Por outro lado, o que tem que ficar evidente é que “No son las intenciones ni los sentimientos, sino los gestos de ayuda los que cuentan en el juicio final” (BONNARD, 1976, p. 547). Afinal

de contas, não basta ficar só na boa vontade, é preciso ter uma ação concreta em favor dos mais pequeninos. A resposta de Jesus é clara, onde ele diz que cada vez que se faz alguma coisa em favor dos que necessitam, é a ele mesmo que está se fazendo. Isto impressiona muito pois

“não basta então uma filantropia genérica, mas supõe uma caridade verdadeiramente cristã, isto é, vivificada da fé em Cristo, – *a mim o fizeram*: a identificação de Cristo com o indigente é um dos elementos mais altos e tocantes da mensagem evangélica” (LANCELLOTTI, 1981, p. 343-4).

Aqui, está o segredo de todo o julgamento: as obras de misericórdia e justiça praticadas em relação aos mais pequeninos.

41. E então dirá aos da sua esquerda: “afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e aos seus anjos”.

Neste versículo, o que fica bem explícito é que Jesus pede aos que estão à sua esquerda para se afastarem dele. São chamados de “malditos”, pois não praticaram as obras de misericórdia aos mais pequeninos. Fazendo um paralelo, observa-se que, no v. 34, Jesus diz: “vinde benditos de meu Pai” para os justos que ainda vão receber por herança o reino preparado por Deus. Agora, estes “malditos” vão “para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos”. “O vocábulo **eterno** (com referência ao **castigo** e **vida**) significa 'aquilo que é característica de uma era por vir'; a ênfase na duração do tempo é secundária” (HILL, 1972, p. 331). Em relação a esta punição, já foi comentada, em detalhes, na análise semântica de “castigo eterno”. Porém, “El fuego del infierno estaba destinado en principio, no a los hombres, sino sólo al diablo y sus ángeles” (SCHMID, 1973, p. 511-2).

42. Porque tive fome e não me destes de comer, tive sede e não me destes de beber.

43. Era estrangeiro e não me recebestes, nu e não me vestistes, doente e preso e não me visitastes.

Aqui, há novamente as obras de misericórdia e de justiça, repetidas dos vv. 35 e 36. Só que estas agora não foram praticadas pelos que estão à esquerda. Com isto, Mateus quer frisar a importância delas no dia do Juízo Final.

44. Então responderão eles dizendo: “Senhor, quando te vimos faminto ou sedento ou estrangeiro ou nu ou doente ou preso e não te servimos?”

Este versículo difere dos vv. 37, 38 e 39, onde os justos perguntam a Jesus quando o ajudaram em suas necessidades, ou seja, quando te vimos com fome e te alimentamos..., etc. Agora, os que estão à esquerda fazem uma pergunta de maneira genérica, enfocando as necessidades, mas não o seu complemento ou satisfação, onde, no final do versículo, isto é resumido nesta expressão: “e não te servimos?”.

“Os malditos, agora condenados ao inferno, não são acusados de crimes violentos, ou de ofensas em grande escala, do mesmo modo que os benditos não foram glorificados por virtudes heróicas. A culpa deles é que eles falharam em ajudar aqueles que eles encontraram em necessidade” (BEARE, 1987, p. 495).

A resposta desta questão é dada no v. 45.

45. Então responderá a eles dizendo: Em verdade vos digo: cada vez que não fizestes a um destes pequeninos, a mim não o fizestes.

Neste versículo, há a resposta reveladora de Jesus. Não há mais dúvida. O fato é que, todas as vezes que estes não fizeram as obras de misericórdia aos mais pequeninos, foi ao próprio rei (Jesus) que não as fizeram, e é nisto que consistem os critérios do julgamento. Isto implica dizer que tais obras são essenciais e a sua omissão pode levar ao castigo eterno.

46. E irão estes para o castigo eterno, e os justos para a vida eterna.

É a conclusão de todo o julgamento, onde se tem a sentença final. Novamente, Mateus vai utilizar uma linguagem apocalíptica que, como se sabe, foi tirada quase que literalmente de Daniel 12,2, que diz: “E muitos dos que dormem no solo poeirento acordarão, uns para a vida eterna e outros para o opróbrio, para o horror eterno”. O que fica claro é que a sentença final depende de cada um: os que praticarem as obras de misericórdia, que são os justos, irão para a vida eterna e os que não praticarem, os “ímpios”, irão para o castigo eterno.

“La contraposición entre el castigo eterno, por un lado, y la vida eterna, por otro, muestra, con plena claridad, que la condenación de los impíos tiene que ser considerada como desprovista de fin, con la misma certeza que la vida de los justos en el reino de Dios” (SCHMID, 1973, p. 512).

O juiz é justo e a sua sentença final consiste na prática ou não das obras de misericórdia aos mais pequeninos no mundo em que se vive. A surpresa é que este rei está presente nos mais necessitados. Com isto, pode-se afirmar que a vida eterna ou o castigo eterno começa aqui e agora.

8 Análise Teológica

Para fazer a teologia deste texto do Juízo Final, Wegner (2001, p. 332) diz que é necessário que se faça “um levantamento dos paralelos bíblico-teológicos do texto, atentando para a indicação de textos paralelos [...] procura-se avaliar que características de Deus são ressaltadas por eles que podem iluminar a teologia do texto em estudo”.

John Bright escreve que a exegese teológica se caracteriza por ser “uma exegese que não se contenta meramente em extrair o significado verbal preciso de texto, mas que vai mais além para descobrir a teologia que informa o texto” (BRIGHT *apud* WEGNER, 2001, p. 297).

8.1 O Juízo Final e Textos Paralelos

Mateus coloca o texto do Juízo Final no fim do bloco denominado escatológico. Referindo-se às últimas coisas e realidades humanas ou acontecimentos dos finais dos tempos, ele exorta a todos sobre a importância da vigilância ativa. Isto fica evidente quando Jesus diz: “Vigiai, portanto, porque não sabeis em que dia vem vosso Senhor” (Mt 24,42) e na parábola das dez virgens, onde é repetido em 25,13. Fala também sobre a responsabilidade de cada um responder pelos seus próprios atos na espera do seu senhor, como na parábola do servo fiel (Mt 24, 45-51) e na parábola dos talentos (Mt 25, 14-30), onde todos têm que fazer os seus talentos darem frutos. Com isto, fica visível que Mateus quer chamar a atenção para a vigilância que deve ser ativa.

Com o Juízo Final (Mt 25,31-46), acontecem a vinda do “Filho do Homem” e as obras pelas quais seremos julgados. Aqui, fica clara a importância da vigília e das obras praticadas em relação aos mais necessitados.

Em relação ao v. 31 e ao v. 46, percebe-se que eles foram escritos de acordo com a tradição apocalíptica. Ambos foram tomados do livro de Daniel. Em relação ao “misterioso Filho do Homem”, encontrado em Daniel, quando diz: “vindo sobre as nuvens do céu, um como Filho de Homem” (7,13); ele se torna ainda mais misterioso no julgamento final. Isto porque ele vai se identificar e estar presente nos pobres e

abandonados, nos pequeninos e esquecidos, nos necessitados de fato. Lembra também a questão do êxodo, onde a teofania acontece com “trovões, relâmpagos e uma espessa nuvem sobre a montanha” (Cf. Ex 19,16). Passa pela tradição deuteronomista, quando esta afirma: “Nações, exultai com seu povo, e afirmem sua força todos os anjos de Deus!” (Dt 32,43). Ainda em Daniel, tem-se: “a ele foi outorgado o império, a honra e o reino, e todos os povos, nações e línguas o serviram. Seu império é império eterno” (Dn 7,14). E ainda a questão de Zacarias 14,5 que, no final deste versículo, diz: “E lahweh, meu Deus, virá, todos os santos com ele”. Lembrando que este texto comenta o combate escatológico e até mesmo terá a reunião de todas as nações contra Jerusalém (Cf. Zc 14,2). Quando diz sobre a vinda do Filho do Homem em sua glória e os seus anjos com ele, ele vai assentar-se em seu trono de glória. Este lembra a teologia davídica de que lahweh diz: “firmarei para sempre teu trono real sobre Israel, como prometi a Davi, teu pai, dizendo: ‘Jamais te faltará um descendente sobre o trono de Israel’” (1 Rs 9,5). Tudo isto leva a uma teologia muito abrangente que demonstra o poder de Deus e também a questão do julgamento. Daí, Mateus diz que, diante do Filho do Homem, serão reunidas todas as nações e ele separará os homens uns dos outros (25,32). Há, em Mateus, várias passagens que falam desta vinda escatológica (13,41; 19,28; 24,30.37.39.44) e paralelos com Lucas (17,22ss; 22,30).

Em relação aos critérios de julgamento:

“Pois tive fome e me destes de comer.

Tive sede e me destes de beber.

Era peregrino e me recebestes.

Estive nu e me vestistes,

Doente e me visitastes,

Preso e viestes ver-me” (Mt 25,35-36).

Estas são as obras de misericórdia e justiça que estavam profundamente enraizadas na tradição dos judeus. “De un modo muy preciso evocan el mensaje de Israel las obras de servicio, propias de la ética religiosa del judaísmo intertestamentario” (PIKAZA, 1984, p. 22). Além de citar que o verdadeiro jejum que Deus quer consiste em: “repartir o pão com o faminto, em recolheres em tua casa os pobres desabrigados, em vestires aquele que vês nu” (Is 58,7); Em Tobias, capítulo 4, há vários conselhos:

“Pratica a justiça todos os dias da tua vida e não andes pelos caminhos da injustiça. [...] Não faças a ninguém o que não queres que te façam. [...] Dá de teu pão aos que têm fome, e dá tuas roupas aos que estão nus. Dá esmola de tudo o que tens em abundância; e ao dares esmola, não haja tristeza em teus olhos” (Tb 4,5b.15a.16).

Também, no sermão da montanha, Jesus se refere à esmola, oração e jejum (Mt 6,1-18). Porém, dá um alerta a todos: “Se a vossa justiça não ultrapassar a dos escribas e a dos fariseus, não entrareis no Reino dos Céus” (Mt 5,20). Ainda neste sermão, no que se refere às bem-aventuranças, Jesus diz: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” (Mt 5,6-7). Nestas obras de misericórdia, transparece um Deus que caminha e conhece os sofrimentos de seu povo. Lembra a teologia do Êxodo: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias” (Ex 3,7).

Por outro lado,

“pela lei da Mishnah, como pela lei bíblica, os gentios pobres deviam compartilhar com os judeus pobres da respigadura da colheita. Deviam receber alimento, abrigo e roupas, quando necessitassem. Seus doentes deveriam ser visitados, ajudados

e confortados. E quando morressem, deveriam ser enterrados decentemente...” (AUSUBEL, 1999, p. 71).

Ainda no que se refere ao judaísmo, pode ser citado um *midrash* próximo da época de Mateus, porém um pouco posterior, que é o *Midrash sur les Psaumes*:

“No mundo futuro, será perguntado: ‘Que obra realizaste?’ Se respondem: ‘Dei de comer ao faminto’, se ouvirá dizer: ‘Esta é a porta de Yahweh (Sl 118,20): podes entrar, pois alimentaste o faminto’. Se respondem: ‘Dei de beber ao sedento’, se ouvirá dizer: ‘Esta é a porta de Yahweh: podes entrar, pois dessedentaste o sedento’. Se respondem: ‘Vesti o que estava nu’, se ouvirá dizer: ‘Esta é a porta de Yahweh: podes entrar, pois vestiste quem estava nu’. O mesmo acontecerá para quem cuidar dos órfãos, der esmola e praticar as obras do amor” (GOURGUES, 2004, p. 202).

A conclusão e a sentença final são: os que não praticarem as obras de misericórdia e justiça, irão para o castigo eterno, enquanto os justos, que praticarem tais obras aos pequeninos, irão para a vida eterna. Novamente, neste v. 46, há a interferência de Daniel 12,2, quase que literalmente. Os que praticarem as obras de misericórdia, serão chamados, no Juízo Final, de “benditos” (v. 34) e irão para a vida eterna; os que não as praticarem, serão chamados de “malditos” (v. 41) e irão para o castigo eterno. No fundo, a salvação final e a vida eterna dependem do que se faz ou se deixa de fazer em relação aos mais “pequeninos”.

8.2 A Fé e as Imagens de Deus

O texto do Juízo Final, mais do que nunca, expressa uma fé em um Deus real, vivo e presente no meio dos sofrimentos e angústias do seu povo. Mostra, por outro lado, uma fé que tem, por essência, as boas obras, não uma fé teórica ou por

palavras. Basta ver o verbo utilizado por Mateus, que é o verbo “fazer”. Daí, Jesus diz: “Em verdade vos digo: cada vez que o *fizestes* a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o *fizestes*” (v. 40) e “Em verdade vos digo: cada vez que não *fizestes* a um destes pequeninos, a mim não o *fizestes*” (v. 45).

Num primeiro momento, o texto parece ser muito cristológico. Parece até nem incluir Deus-Pai, a não ser como mera referência, quando Jesus diz: “Vinde, benditos de meu Pai” (v. 34). Ocorre que, quando ele diz

“serán reunidas todas las gentes’ (25,32); el reino está ‘preparado para vosotros’ (25,34), el fuego está ‘preparado para el diablo y sus ángeles’ (25,41). En todos estos casos, el sujeto agente a que se alude es Dios. *Dios está al principio*, disponiendo el reino para los justos. *Dios está en el centro de la historia*, situando a los hombres ante un reino cuya negativa se traduce como fuego diabólico. Finalmente, *Dios es meta* pues ofrece bendición y plenitud de reino (25,34). Pues bien, superando este nivel de pasivos divinos, Mt 25,34 alude directamente a Dios, presentándole como Padre del HH” (PIKAZA, 1984, p. 423).

A idéia que Mateus quer ressaltar é que sua comunidade tem muitos “pequeninos” e quem quer alcançar a vida eterna tem que ajudar os necessitados existentes no meio deles. Além da pobreza da época, fruto das explorações exercidas pelo Império Romano e o abuso dos impostos, a comunidade de Mateus enfrentava um outro desafio: os cristãos tinham sido expulsos das sinagogas que, de uma certa forma, davam assistência aos mais necessitados. E agora que estão a mercê das sinagogas e do Império Romano, contar com quem? A resposta é clara: com a solidariedade dos próprios irmãos da comunidade. O julgamento de Deus (Jesus) é a prova mais evidente de que o valor máximo está centrado em uma vida

digna que se constrói sob o alicerce da fé e do amor. Fazer aos irmãos é fazer ao próprio Deus.

Para isto, o texto do Juízo Final utiliza muitas imagens para representar o divino. São elas:

“Filho do Homem” - onde o próprio Jesus se identifica com a humanidade. Ele está cercado de anjos e vai sentar-se num trono de glória. Ele é o responsável pelo julgamento e diante dele se reúnem todas as nações.

“Pastor” – num mundo agrícola e pastoril, esta imagem fala muito alto. O pastor é aquele que conduz as ovelhas e as protege dos perigos (lobos). O pastor conhece suas ovelhas e elas escutam sua voz. Em Ezequiel, no capítulo 34, é o próprio Deus que se queixa da má conduta de alguns pastores e vai dizer que Ele mesmo vai cuidar de cada uma de suas ovelhas e diz: “Eu as apascentarei com justiça” (Ez 34,16).

“Rei” – a imagem que se tinha no oriente era que a missão de um rei consistia em governar o povo no direito e na justiça. Num primeiro momento, esta imagem de rei utilizada poderia dar uma impressão negativa, ou seja, os reis exploravam o seu povo, viviam no luxo às custas da fome e pobreza de muitos. Mas Deus quer mostrar aquela imagem de um rei do amor e do serviço, um rei que se preocupa com seu povo e reina na justiça e no amor.

“Senhor” – Quem é o senhor do mundo? Deus ou o Imperador? Afinal de contas quem reina e a quem se deve servir? Mateus diz: “Ninguém pode servir a dois senhores. Com efeito, ou odiará um e amará o outro, ou se apegará ao primeiro e desprezará o segundo. Não podeis servir a Deus e ao Dinheiro” (6,24). A pergunta é clara: afinal quem é o Senhor da nossa vida? Servimos a Deus nos irmãos mais necessitados ou ao dinheiro? Cabe a cada um escolher.

“Mais pequeninos” – o segredo do texto esconde nesta imagem. Um rei, um senhor e até mesmo o Filho do Homem, que se faz presente como sendo um deles. Impensável, na época, um rei todo poderoso se fazer como um dos seus súditos miseráveis. Nestes pequeninos, está Jesus que passa pelos mesmos sofrimentos e angústias e que busca pela vida digna. Nos pobres e oprimidos, que eram concebidos, pela cultura da época, como os castigados por Deus inexplicavelmente, está o próprio Deus.

“Sabemos, por un lado, que Dios es el poder. Así lo dice el credo al presentarle como ‘todopoderoso’; [...] deja que los hombres sean, sin manejarles con su terror y su grandeza; quiere estar presente en medio de ellos, en su misma pequeñez y desamparo; por eso está en los pobres, los hambrientos, los enfermos y exiliados” (PIKAZA, 1984, p. 427).

“Trono de Glória” – trono lembra rei, tem a ver com reinado. O rei era também o Juiz. Este não é um julgamento qualquer, mas a sua sentença decide toda uma existência eterna. O Juízo consiste não em defender os ricos e dar a eles a causa, mas em defender os mais necessitados. O Filho do Homem julgará com justiça.

“Direita e Esquerda” – é o Filho do Homem que separa os homens uns dos outros. São duas imagens utilizadas para demonstrar o lugar de bênção, que é à direita, tanto é verdade que são chamados de “benditos” (v. 34) e vão receber, por herança, o reino dos céus, isto porque praticaram as obras de misericórdia aos mais pequeninos, são chamados de justos e vão ter a “vida eterna”. Os da esquerda são os “malditos” (v. 41), estes vão para o fogo eterno, pois não praticaram as obras de misericórdia aos mais pequeninos. Sua sentença final é receber o “castigo eterno”.

8.3 Dimensões de Amor e Compromissos Pessoais, Eclesiais ou Sociais

A dimensão do amor perpassa todo o texto. Conforme já dito anteriormente, é um amor e uma fé que implicam uma prática. Não é uma mera lei, pois, conforme se sabe, o mundo judeu girava em torno da lei (torá) e alguém dos fariseus pergunta a Jesus qual é o maior mandamento da Lei. Ao que Jesus responde:

“Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito. Este é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a esse: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas” (Mt 22,37-40).

O maior mandamento se resume no amor a Deus e ao próximo. Este amor é indissolúvel. “Se alguém disser: ‘Amo a Deus’, mas odeia o seu irmão, é um mentiroso: pois quem não ama seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar” (1Jo 4,20).

É evidente que este texto alerta para um compromisso pessoal, eclesial e social, como uma expressão de fé em Deus, mesmo porque, no texto, as obras de amor praticadas em relação aos mais necessitados são, na verdade, praticadas em relação ao próprio Deus.

8.4 Dimensões de Esperança e Escatologia

A esperança de uma nova terra leva a um novo céu. Na verdade, o Reino de Deus é um só, e as obras, que se fazem aqui na terra em relação aos mais pequeninos, serão fundamentais para o recebimento da “vida eterna”.

“Desde el fondo de Mt 25,31-46 sabemos que la historia es teofánica según estos momentos. a) *Don*: ella es reflejo de la vida de Dios que está presente en medio de los pobres. b) *Compromiso*: ella realiza su sentido allí donde los hombres asumen la exigencia de ayudarse mutuamente, en caridad que

significa servicio a los que están necesitados. c) Solamente de esa forma puede abrirse un *camino a la esperanza*: Dios mismo alienta, como gracia y compromiso, en el trasfondo de la historia y le concede su cimiento de sentido y su futuro de absoluta transparencia” (PIKAZA, 1984, p. 424).

Neste sentido, pode-se dizer que há uma estreita relação entre a vida presente com a vida no porvir. Deus está presente junto aos pobres e a solidariedade em relação a eles é critério decisivo para que a vida continue no porvir, utilizando-se a expressão de Wegner. Afinal, há a oportunidade de se expressar o amor a Deus, via amor ao próximo.

CAPÍTULO III - ATUALIZAÇÃO DA MENSAGEM DO JUÍZO FINAL

Atualizar a Palavra de Deus é fundamental em um trabalho de exegese. Tão essencial que Martínez (*apud* WEGNER, 2001, p. 311) diz que uma exegese que não a coloca entre seus objetivos fundamentais se torna um “exercício acadêmico estéril”. Na realidade brasileira e mundial, mais do que nunca, é preciso ter, em mente, a belíssima mensagem do Juízo Final, pois: “Toda escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para refutar, para corrigir, para educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, preparado para toda boa obra” (2 Tm 3,16-17).

Vivemos num mundo diferente do evangelista Mateus e numa outra realidade cultural e histórica, mas, ainda hoje, há irmãos pobres e necessitados, e Jesus continua sofrendo neles e faz um apelo veemente: “Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40). Assim sendo, pode-se dizer que: “a tarefa da atualização é construir uma ponte entre o significado do texto no passado e sua relevância para os dias atuais” (WEGNER, 2001, p. 310). Referindo-se à metodologia proposta por este autor, para se obter a atualização, seguem-se estas três dimensões de vida:

1. pessoal;
2. eclesial;
3. social.

Atualizar a mensagem do Juízo Final não é fácil, muitos autores escreveram sobre tal tema. No entanto, tendo por base algumas reflexões, este importante ensinamento de Jesus deve ser vida em nossa vida e nos levar à luta por um mundo de mais amor, justiça, solidariedade e fraternidade.

Inicia-se, pois, essa reflexão que chamamos de dimensão pessoal.

1 Dimensão Pessoal

Toda e qualquer mudança, a luta por um mundo melhor, a busca da tão sonhada justiça e solidariedade e, principalmente, uma vida mais digna para o ser humano mais necessitado dependem da conversão do coração de cada um. Praticar a misericórdia depende do coração, pois sua essência consiste em “dar o coração ao mísero”, ou seja, àquele que necessita. Mas é necessário se estar atento(a), pois “no son las intenciones ni los sentimientos, sino los gestos de ayuda los que cuentan en el juicio final” (BONNARD, 1976, p. 547). Em outras palavras: o mundo de hoje já está cheio de belos discursos e teorias, de meras palavras e escritos maravilhosos, o que realmente conta, e é importante, são exatamente as obras de misericórdia e justiça exercidas em relação a todos aqueles que delas necessitam. Tal atitude é interior e brota do coração, dependendo de cada um de nós.

É evidente que a fome do mundo, hoje em dia, é imensa, que há bilhões de necessitados em seus mais diversos níveis. Então, pergunta-se: diante de tamanha realidade social, em que a conversão pessoal pode mudar? Em muito, e ela é decisiva. A sociedade se faz pelas pessoas que a compõem, é a soma de cada um

de seus membros. Para que o outro possa mudar, devemos mudar primeiro e dar o exemplo. Não basta só dizermos, é preciso fazermos. Nesse sentido, a dimensão pessoal é muito importante, pois, sem ela, é impossível ter as dimensões eclesial e social.

Entra aqui o que Jesus Cristo disse ser “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5,3), o que equivale dizer que o importante é ser “pobre no íntimo, de pobreza sincera e profunda, [...] não se trata do aspecto externo, formal, mas do íntimo, no nível da consciência” (FABRIS, 1991, p. 20). É uma decisão do coração e a consciência de que, em cada irmão, está presente o próprio Jesus. Além do mais, é dever do cristão praticar tais obras por amor, por convicção, de coração e sem esperar qualquer recompensa, pois ser cristão supõe viver no amor a Deus e ao próximo, como a lei máxima deixada por Jesus. É esse amor que deve nos levar à luta por um mundo mais justo e humano, onde a vida possa ter dignidade. Não bastam apenas as obras de caridade, deve existir também a luta pela implantação do Reino de Deus e sua justiça.

A solução para o problema da fome hoje não se faz só com a boa vontade de uns e o espírito de caridade de outros, mas com um trabalho estrutural que envolve a busca da justiça, a distribuição justa de renda, a partilha e o amor, enfim, a realização da tão sonhada fraternidade no mundo. E, mais uma vez se pergunta sobre a importância da dimensão pessoal em tudo isso, já que ela, num primeiro momento, possa se apresentar como pequena e quase insignificante. Novamente fica evidente que tudo começa exatamente pela conversão do coração de cada um. Para que se tenha um todo, é necessário primeiro que se tenham as partes que o compõem. Nesse sentido, fica ainda mais compreensível que são “Bem-aventurados os puros de coração” (Mt 5,8), porque estes conseguem ver Deus nos pobres, nos

necessitados e em todos os que sofrem. Assim, a construção de um mundo melhor passa necessariamente pelo coração das pessoas. No fundo, tudo começa com a dimensão pessoal, que é a base e o alicerce de toda e qualquer mudança, mas só ela não é suficiente para consolidar o Reino de amor e justiça desejado por Deus, sendo a dimensão eclesial fundamental para que, de fato, este Reino aconteça e se faça presente no meio de nós.

2 Dimensão Eclesial

A dimensão eclesial é importantíssima, pois envolve milhões e até bilhões de fiéis como é o caso dos cristãos. No entanto, podemos dizer que a Igreja Cristã tem uma missão essencial quanto às obras de justiça e solidariedade para com os mais necessitados.

A palavra “Igreja” vem do grego ἐκκλησία (ἐκκλησια), que significa “a assembléia dos cidadãos de uma cidade com objetivos legislativos ou deliberativos” (MACKENZIE, 1984, p. 432). Mas, no N.T., essa palavra designava, conforme o Léxico grego (1991, p. 67), “a igreja ou congregação cristã: como uma reunião da igreja [...] como a igreja universal, à qual todos os crentes pertencem”.

Neste sentido, começaremos a refletir sobre a Igreja Católica no Brasil e a sua sublime missão de ser um instrumento na construção do Reino de Deus e sua justiça.

2.1 Cristãos Católicos e Evangélicos no Brasil

De acordo com os dados do censo 2000, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, disponíveis em <http://www.edeus.org/ibge.htm>, a Igreja Católica Apostólica Romana contava com 124.976.912 fiéis, num total de 169.799.170 brasileiros, o que equivale dizer que 73,60% da população brasileira se diz católica, muito embora saibamos que nem todos que se dizem católicos são praticantes de fato. É, sem dúvida alguma, um número muito expressivo. Por outro lado, foi contactado que 26.166.930 se declararam como cristãos evangélicos, ou seja, 15,41% da população brasileira. Somando-se os cristãos católicos e evangélicos, chegamos a um total de 89,01% que se dizem cristãos e seguidores da doutrina de Jesus Cristo.

Ocorre que o maior mandamento de Jesus se refere à questão do amor a Deus e ao próximo (*Cf.* Mt 22,34-40) e, para que isto fique ainda mais evidente, Jesus, no episódio do Juízo Final, vai dizer: “cada vez que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40), referindo-se às obras de justiça e misericórdia aos mais necessitados. Ora, se quase 90% dos brasileiros se dizem cristãos, é de se esperar que, como seguidores de Jesus, demonstrem, com suas obras, o que Ele mesmo disse, ou seja, além de ter pregado o amor a Deus e ao próximo, mostrou que o mais importante é exatamente dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, acolher os pobres e peregrinos, dar roupa aos que estão nus, visitar os doentes e presos e muitas outras obras de caridade, as quais o mundo de hoje exige de nós.

Partindo da constatação de que a essência de todo cristão é a vivência da prática do amor a Deus e ao próximo, seja na Igreja Católica, seja nas Igrejas Evangélicas, onde os seus membros são chamados de “irmãos”, tanto uma, como a

outra podem ser denominadas de “família cristã”. A constatação difícil de explicar é por que, no Brasil, há tantos indigentes e pobres. Isto constitui um sério questionamento para aqueles que seguem os ensinamentos de Jesus e se dizem cristãos.

2.2 Os mais Pequeninos hoje

Sempre houve, ao longo da história da Igreja, uma grande discussão teológica em relação à definição dos mais “pequeninos”. Isto se deve à expressão ἐλαχίστων, no sentido de “pequeninos”, “muito pequeno”, “o mínimo”, a qual aparece cinco vezes no Evangelho de Mateus. Em 2,6, refere-se a Belém como o menor entre os clãs de Judá; em 5,19, aparece duas vezes, no sentido de menores mandamentos e menor no Reino dos Céus e, finalmente, no texto do Juízo Final: “Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um destes meus irmãos mais *pequeninos*, a mim o fizestes” (Mt 25,40); “Em verdade vos digo: cada vez que não fizestes a um destes *pequeninos*, a mim não o fizestes” (Mt 25,45).

Um outro termo semelhante a pequeninos é a expressão μικρῶν, no sentido de “pequeno”, “pouco”, que aparece nas seguintes passagens: “E quem der, nem que seja um copo d’água fria a um destes *pequenos*, por ser meu discípulo, em verdade vos digo que não perderá sua recompensa” (Mt 10,42); “Caso alguém escandalize um destes *pequenos* que crêem em mim, [...]” (Mt 18,6); “Não desprezeis nenhum desses *pequenos*, [...]” (Mt 18,10); “Assim também, não é da vontade de vosso Pai, que está nos céus, que um destes *pequenos* se perca” (Mt 18,14).

Assim, o adjetivo μικρῶν pode ser “pequeno” ou “pouco”, e o superlativo ἐλαχίστων, no sentido de “pequeninos”, “muito pequeno”, “o mínimo”. É evidente que tanto em grego, como em português, embora sejam termos semelhantes, há diferença. Se tomarmos várias versões bíblicas, veremos uma certa “confusão” ao traduzir tais termos.

Mesmo no texto do Juízo Final, temos: τῶν ἀδελφῶν μου τῶν ἐλαχίστων, ou seja, a um destes meus irmãos mais pequeninos (v. 40), e τούτων τῶν ἐλαχίστων, isto é, a um destes *pequeninos* (v. 45), omitindo "irmãos".

Overman (1999, p. 378) comenta que:

“a linguagem de ‘mais pequeninos’ (*elaxiston*) lembra os pequeninos, ou *mikroi*, do capítulo 18 (*cf.* 18,6.10). A palavra ‘irmão’ (*adelphos*), como vimos em inúmeras passagens, também é característica da linguagem de Mateus para descrever os companheiros da comunidade”.

Uma obra importante para o esclarecimento desta questão e do verdadeiro significado de “pequeninos” ao longo da história da Igreja é a obra de Sherman W. Gray: “*The Least of My Brothers*” (meus irmãos mais pequeninos).

Jerônimo (1989, p. 333) “é o primeiro a dar uma indicação que ‘meus irmãos mais pequeninos’ apresentou um problema porque poderia ser interpretado universal ou restritivamente”. Nesta mesma linha, destaca-se também João Crisóstomo que, juntamente com Jerônimo, podem ser considerados como “universalistas”, “isto é, em certo ponto em sua discussão do diálogo de identidade, eles especificamente se referem aos não-cristãos como beneficiários viáveis da caridade dos fiéis” (GRAY, 1989, p. 333).

Nesse estudo minucioso em relação aos mais pequeninos, Gray (1989, p. 337) afirma que:

“Numa visão de conjunto dos seis séculos e meio que constitui a era dos ‘Padres da Igreja’ mostra que, das 504 referências ao diálogo de identidade que foram investigados, 312 (62%) são usados de um modo totalmente neutro (isto é, eles não dão qualquer indicação sobre a identidade dos necessitados). 166 referências (33%) são usadas num sentido estrito ou restritivo (isto é, eles se referem aos ‘mais pequeninos’ como necessitados cristãos), e vinte e seis passagens (5%) são usadas num sentido verdadeiramente universal (isto é, elas explícita ou implicitamente incluem os não-cristãos como os beneficiários da caridade dos cristãos)”.

Overman, comentando os resultados obtidos por Gray de que “pequeninos” foi interpretado como cristãos ou membros da comunidade de Mateus ou no sentido universal, vai afirmar que, no fim do século XIX e início do século XX, começaram a surgir várias interpretações sobre o Juízo Final. Assim,

“afirma que Mateus quer dizer que Cristo chama seu povo para servir ao mundo. Os necessitados da parábola não são outros membros da Igreja, mas todos os necessitados do mundo. Foi sobretudo neste século e no anterior que se cultivou a chamada tendência universalizadora” (OVERMAN, 1999, p. 380).

Muito embora Overman descreva o Juízo Final como “parábola”, ao dizer que os necessitados (pequeninos) não são outros membros da Igreja, mas todos os necessitados do mundo, este texto não se deixa classificar em um único gênero literário, mas em outros também. Segundo ele (1999, p. 378), “esta parábola tornou-se um símbolo para orientar a ética cristã e a responsabilidade social e eclesial”.

Mas, e hoje? Quem são os mais “pequeninos”? Evidente que ainda são os famintos, os sedentos, os andarilhos, os que estão nus, os doentes, os presos, e a lista continua... São também os drogados, aqueles e aquelas que são prostituídos(as), os meninos e meninas moradores de rua, os que vivem debaixo das

pontes e viadutos, os pobres desempregados, as vítimas de violência, em todos os seus níveis, principalmente aqueles(as) que sofrem as conseqüências da guerra ou de abusos sexuais, os asilados, os bóias-frias, os indigentes e todos aqueles que são marginalizados e excluídos da sociedade e que não dispõem de meios necessários para terem uma vida digna. Neles, hoje, está o próprio Jesus que nos alerta mais uma vez: "Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um destes meus irmãos mais *pequeninos*, a mim o fizestes" (Mt 25,40).

2.3 A Igreja e o seu Tríplice Dever

A Carta Encíclica "*Deus Caritas Est*" (Deus é amor) será base para o desenvolvimento deste tema num primeiro momento. Nela, o Papa Bento XVI (2006, p. 31) diz que:

"A natureza íntima da Igreja exprime-se num tríplice dever: anúncio da Palavra de Deus (*kerygma-martyria*), celebração dos Sacramentos (*leiturgia*), serviço da caridade (*diakonia*). São deveres que se reclamam mutuamente, não podendo um ser separado dos outros".

Em Jesus Cristo, ficou claro, para todos os seus seguidores que, posteriormente, foram chamados de "cristãos" (At 11,26), o tríplice dever dito pelo Papa Bento XVI. Foi o próprio Jesus Cristo quem enviou os discípulos em missão para anunciarem a Palavra de Deus, curarem os doentes e serem mensageiros da paz (Mt 10,5-15; Mc 6,7-13; Lc 10,1-11). Mesmo depois de ressuscitado, Jesus vai dizer aos seus discípulos: "Vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo o que ordenei a vocês. Eis que estarei com vocês todos os dias, até o fim do mundo" (Mt 28,19-20).

Quanto à prática do amor, Jesus a anunciou com a sua própria vida, com seus gestos, atitudes e o seu modo de ser. Disse claramente que o amor a Deus e o amor ao próximo como a si mesmo é a razão de ser de toda a lei e os profetas (Mt 22, 36-40) e ainda deixou claro: “Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos. Vós sois meus amigos, se praticais o que vos mando” (Jo 15,12-14).

Por tudo isso, o Papa Bento XVI (2006, p. 29) diz que:

“praticar o amor para com as viúvas e os órfãos, os presos, os doentes e necessitados de qualquer gênero pertence tanto à sua essência como o serviço dos Sacramentos e o anúncio do Evangelho. A Igreja não pode descurar o serviço da caridade, como também não pode negligenciar os Sacramentos e o anúncio do Evangelho”.

Bento XVI (2006, p. 32) também se refere à Igreja como uma “família”, onde nenhum membro deveria sofrer ou passar necessidade, pois “no seio da comunidade dos crentes não deve haver uma forma de pobreza tal que sejam negados a alguém os bens necessários para uma vida condigna” (BENTO XVI, 2006, p. 28).

Xabier Pikaza (1984, p. 439) diz que a Igreja é o lugar da presença sacramental de Cristo no meio dos homens. Isto se dá porque a Igreja:

“a) *Es sacramento de Cristo*, espacio que visibiliza su presencia en los pequeños y destaca la exigência da ayudarles. [...] b) *la iglesia es sacramento de la humanidad*: visibiliza el misterio de Jesús en la medida en que hace visibles sobre el mundo los rasgos del hombre nuevo, el valor de la pequenez, la exigencia del servicio mutuo, la llamada de la fraternidad”.

Mas não é isto que estamos vendo no Brasil e no mundo. Hoje a pobreza e a fome nos questionam. Como explicar que a Igreja é uma família, onde nenhum

membro “deveria” sofrer ou passar necessidade? A contradição entre os ensinamentos de Jesus, a fé e a nossa realidade atual são gritantes. Por outro lado, os documentos pontifícios quase sempre relatam o que seria o ideal e o que contrasta com a verdadeira realidade.

Em sua obra “*A guerra dos deuses*”, Michael Löwy (2000, p. 60), ao comentar sobre a teologia da libertação, diz que a Conferência dos Bispos Latino-Americanos de Puebla, no ano de 1979, foi muito importante, especialmente quando a Igreja resolveu fazer “a opção preferencial pelos pobres”, mas ressalta que: “esses pobres são os agentes de sua própria libertação e o sujeito de sua própria história – e não simplesmente, como na doutrina tradicional da Igreja, objeto de atenção caridosa”.

Ultimamente se fala muito, na Igreja, da “*globalização da solidariedade*”, onde,

“Seguindo o exemplo de Cristo, Bom Samaritano, os cristãos e as Igrejas também se fazem próximos e solidários dos mais pobres, e lutam para lhes garantir e salvaguardar a sua dignidade de filhos(as) de Deus. Apesar dos seus limites, as Igrejas têm a missão de se empenharem com novo ardor em favor da justiça social. Promovem iniciativas próprias e atuam em colaboração com pessoas, organizações e instituições que têm sede e fome de justiça” (CNBB/80, 2005, p. 86).

A Igreja está consciente de sua missão. Tanto é verdade que a CNBB (2002, p. 14/5), através do documento n. 69, sobre as “*Exigências Evangélicas e Éticas de Superação da Miséria e da Fome*”, ou como ficou conhecido o “mutirão contra a fome”, diz:

“O mais triste para a consciência cristã é o fato de que a escandalosa desigualdade acontece, infelizmente, pela falta de testemunho evangélico de vida, criando ofuscamento da

consciência, frieza e alienação diante do sofrimento humano e descrédito para o anúncio da Boa Nova”.

Falta, muitas vezes, o testemunho da própria Igreja no que se refere a ser fiel aos ensinamentos de Jesus Cristo. Só palavras não bastam, é necessário o testemunho evangélico de vida.

Ainda em relação ao texto do Juízo Final, as obras exigidas não podem estar somente no sentido assistencial. “Quando se atende somente às expectativas imediatas dos pobres, corre-se o risco de perpetuar a desigualdade social. A *caridade evangélica* é fundamento do agir cristão e requer a promoção humana e a libertação integral” (CNBB/69, 2002, p. 19).

É nesse sentido que caminha a teologia da libertação, onde “os pobres já não são basicamente objetos de caridade, e sim agentes de sua própria libertação. A ajuda ou assistência paternalista é substituída pela solidariedade com a luta dos pobres por auto-emancipação” (LÖWY, 2000, p. 123).

De um modo geral,

“Reconhecer nos rostos sofredores dos pobres o rosto do Senhor é um convite permanente para todos os cristãos a uma profunda conversão pessoal e eclesial (SD, n. 178). Jesus Cristo, presente nos pobres, interpela a própria Igreja, cujos recursos não são sempre bem distribuídos e cuja presença nas periferias urbanas e em regiões remotas se revela desproporcional e insuficiente” (CNBB/80, 2005, p. 76).

Ainda há um longo caminho de conversão a ser percorrido, entre a teoria e a prática, para que aconteça, de fato, uma Igreja como sacramento da humanidade e a chamada “fraternidade”. Uma Igreja onde os pobres sejam agentes de sua própria libertação e o sujeito que conduz a sua história. O verbo utilizado por Jesus, no Juízo Final, é o “fazer”. Por isso, ele diz: “Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40).

3 Dimensão Social

O homem é um ser social, ou seja, vive em sociedade. Em todos os tempos e lugares, a vida em sociedade sempre teve e tem os seus desafios, conflitos, conquistas, derrotas e vitórias. Porém, é inegável que:

“Todo hombre al nacer se encuentra en um mundo ya existente, independientemente de él. Este mundo se le presenta ya ‘constituido’ y aqui él debe conservarse y dar prueba de capacidad vital. El particular nace en condiciones sociales concretas, en sistemas concretos de expectativas, dentro de instituciones concretas. [...] debe ser capaz de luchar durante toda la vida, dia tras dia, contra la dureza del mundo” (HELLER, 1998, p. 21.23).

Ora, o ser humano nasce numa determinada realidade social, dentro de sistemas políticos e econômicos e instituições concretas, e deve adaptar-se a elas “contra a dureza do mundo”. Hoje, mais do que nunca, vivemos numa sociedade que se diz “moderna, secularizada e globalizada”. É evidente que existem muitas discussões e controvérsias em torno desses conceitos e que nem sempre há consenso entre os autores sobre esta ou aquela definição. De modo sucinto:

“‘modernidade’ refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência. [...] é um fenômeno de dois gumes. O desenvolvimento das instituições sociais modernas e sua difusão em escala mundial criaram oportunidades bem maiores para os seres humanos gozarem de uma existência

segura e gratificante que qualquer tipo de sistema pré-moderno. Mas a modernidade tem também um lado sombrio, que se tornou muito aparente no século atual” (GIDDENS, 1991, p.11.16).

Com relação à secularização, é uma realidade visível aos nossos olhos, mas é um termo também polêmico. Tanto que Peter L. Berger (1985, p. 118/9) diz que:

“O termo ‘secularização’, e mais ainda seu derivado ‘secularismo’, tem sido empregado como um conceito ideológico altamente carregado de conotações valorativas, algumas vezes positivas, outras negativas. Em círculos anticlericais e ‘progressistas’, tem significado a libertação do homem moderno da tutela da religião, ao passo que, em círculos ligados às Igrejas tradicionais, tem sido combatido como ‘descristianização’, ‘paganização’ e equivalentes”. [...] Por secularização entendemos o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos”.

O termo “globalização” é recente. Porém, conforme nos diz Santos (1999, p. 289), “mesmo admitindo que existe uma economia-mundo desde o século XVI, é inegável que os processos de globalização se intensificaram enormemente nas últimas décadas”.

Por outro lado, Michael Ramminger (2004, p. 221) comenta este conceito e diz:

“O neoliberalismo é, como se sabe, o teto ideológico do que tem sido chamado há alguns anos de globalização. Esta globalização é definida pelos políticos e pelas instituições internacionais como um processo, como uma transformação da economia mundial, que é marcada por crescente interdependência”.

A globalização deixa suas marcas. Cada vez mais, há um pequeno grupo de ricos que ficam cada vez mais ricos e uma maioria esmagadora de pobres que ficam mais pobres. Assim,

“calcula-se que 1 bilhão de pessoas [...] viva em pobreza absoluta, ou seja, dispondo de um rendimento inferior a cerca de 365 dólares por ano. Do outro lado do abismo, 15% da população mundial produziu e consumiu 70% do rendimento mundial” (SANTOS, 1999, p. 293).

É um absurdo e uma grande injustiça admitir que 15% da população mundial detêm 70% do rendimento mundial. Isto quer dizer que 85% da mesma população detêm apenas 30%. É um verdadeiro abismo que separa os ricos e os pobres. Outro dado questionador é que 1 bilhão de pessoas, no mundo, vivem com menos 1 (um) dólar por dia, o que pode ser denominado de indigente ou de miséria absoluta.

Muitos movimentos sociais questionam, em relação à globalização, às vezes, não sobre esta em si, a qual, segundo Maria da Glória Gohn (2003, p. 35), faz parte de um dado momento do processo histórico contemporâneo, mas a maioria desses movimentos é:

“contra a parcela do *status quo* vigente que legitima uma ordem socioeconômica e moral de injustiças, criando grandes distâncias entre ricos e pobres, incluídos e excluídos. Recusa-se às imposições de um mercado global, uno, voraz. Contestam-se também os valores que impulsionam a sociedade capitalista, alicerçados no lucro e no consumo de mercadorias supérfluas”.

O mundo “globalizado” de hoje é comandado pelo G-8 (os 7 países mais ricos e industrializados mais a Rússia) que, na sua maioria, se dizem “cristãos”. Tanto esses países, como nos demais, ainda hoje falta a partilha e, principalmente, cumprir o mandado de Jesus: “Vocês é que têm de lhes dar de comer” (Mt 14,16).

Segundo reportagem “*Fome mata 1 criança a cada 5 segundos*”, da Folha de São Paulo, de 9 de dezembro de 2004, Caderno Mundo, p. A-16, de acordo com o relatório da FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação), de 2000/2002, há 852 milhões de pessoas famintas. A fome é a maior vergonha existente no mundo e o maior contratemunho dos cristãos, que é partilhar e lutar pela vida digna de seus irmãos. Outra vergonha consiste na distribuição de renda mundial:

“Os 5% mais ricos do mundo recebem uma renda 114 vezes superior à dos 55% mais pobres. Do início da década de 1960 até 2002, a renda *per capita* dos 51 países mais pobres cresceu 26%, atingindo 267 dólares, enquanto a renda dos países mais ricos cresceu 183%, alcançando 32.339 dólares” (CNBB/80, 2005, p. 81).

Esses dados revelam o abismo que separa os países ricos e os países pobres.

O apelo de Jesus, no Juízo Final, para a questão da partilha e da solidariedade aos mais “pequeninos”, ainda está longe de ser realidade.

3.1 A Sociedade Brasileira

De acordo com o censo 2000 do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o Brasil tem uma população de 169.799.170 (disponível em <http://www.ibge.gov.br/>). Destes, 124.976.912, ou seja, 73,60% são cristãos católicos, e 26.166.930, ou seja, 15,41% são cristãos evangélicos (disponível em <http://www.edeus.org/ibge.htm>), totalizando 151.143.842 de nossa população, ou seja, 89,01%, o que equivale dizer que quase 90% são cristãos. Diante desse quadro, alguns fatores questionam o “Brasil-cristão”.

“O Brasil tem hoje 50 milhões de pessoas (29,3% da população) em situação de indigência” (NERI, 2001, p. A-12). Segundo este economista da FGV - Fundação Getúlio Vargas, esses indigentes são os que têm uma renda mensal inferior a R\$ 80,00 (oitenta reais).

“País já tem 1 milhão de sem-terra acampados” é o que diz a manchete do Jornal “Folha de São Paulo”, de 29 de maio de 2006:

“A quantidade de sem-terra acampados explodiu neste ano eleitoral. Levantamento recente feito pelo governo federal revela que cerca de 1 milhão deles está espalhado pelo país morando debaixo de barracos de lona à espera de um lote de terra da reforma agrária” (SCOLESE, 2006, p. A6).

Os dados a seguir, extraídos do site <http://www.ibge.gov.br/>, correspondem ao censo 2000, embora seus comentários estejam em <http://www.consciencia.net/educacao/hist/censo.html>:

“No Brasil ainda vivem 17,6 milhões de pessoas com 10 anos ou mais que não sabem ler nem escrever. Apesar do aumento do número de brasileiros alfabetizados, o censo 2000 comprovou que o país ainda tem uma das maiores taxas de analfabetismo da América Latina. [...] No Nordeste, 24,6% da população com 10 anos ou mais não sabem ler e escrever”.

“Nos domicílios rurais do Nordeste, o cenário é ainda mais triste: 60,5% das unidades residenciais não têm instalações sanitárias”.

“Metade da população ocupada do país ganha até R\$ 300,00 por mês”.

“Mais de 95 milhões de brasileiros moram em casas não plenamente adequadas – ou seja, não são totalmente atendidas por sistema de abastecimentos de água, coleta de esgoto e lixo ou abrigam mais de duas pessoas por dormitório”.

Toda essa realidade social, num país governado, em sua maioria, por cristãos, o que se questiona é até que ponto os ensinamentos deixados por Jesus, bem como seus princípios essenciais de amor, justiça, partilha e solidariedade, de fato, fazem parte daqueles que governam o nosso país.

Em relação à economia, que é o motor que move o mundo e constitui a base e o alicerce de toda e qualquer administração social, pode-se dizer que o Brasil é:

“a oitava maior economia do mundo, segundo os indicadores econômicos, quando, na verdade, é a 56ª economia do mundo, de acordo com indicadores sociais. [...] E quando, entre os indicadores econômicos, ainda se dá uma preferência absoluta aos que estão ligados ao incremento da exportação (para poder pagar os juros da dívida externa), um modelo econômico pode tornar-se cruelmente sacrificial. Pode, por exemplo, um país orgulhar-se de ser o maior exportador de sucos cítricos, o terceiro maior exportador de frangos, um dos maiores exportadores de carne bovina, somando isso a uma série de outros ‘êxitos’ na exportação de alimentos, enquanto, internamente, mais da metade da população passa fome” (ASSMANN; HINKELAMMERT, 1989, p. 311).

São esses os contrastes sociais, onde se tem um país que, economicamente falando, pode ser chamado de “rico”, enquanto a maioria de seu povo é “pobre”, com 50 milhões de indigentes. É um modelo econômico “cruelmente sacrificial”, onde o que interessa são os indicadores econômicos para que o país tenha um prestígio internacional, não se importando com os indigentes e deixando-os de lado, bem como a população mais pobre, a qual clama por justiça e é considerada um peso para o país.

“Pesquisa ‘*Radar Social*’ do IPEA, publicada em maio de 2005, constatou que 53,9 milhões de pessoas (31,7% da população brasileira) vivem na pobreza, com renda mensal *per capita* de

até meio salário mínimo por mês; e que, entre esses, 21,9 milhões são muito pobres ou indigentes, com renda *per capita* mensal igual ou inferior a 1/4 de salário mínimo” (CNBB/80, 2005, p. 74/5).

De acordo com os dados desse Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, a pobreza e a miséria no Brasil é uma realidade questionadora, pois “O *contraste entre ricos e pobres* é chocante, quer entre os países, quer dentro de cada país. São situações insuportáveis de marginalização, exclusão e miséria” (CNBB/80, 2005, p. 74). Isto é um atentado contra a dignidade da pessoa humana e inadmissível para quem se diz cristão, seja ele ligado ao governo ou não. Ninguém deve viver na margem, na exclusão e muito menos na miséria.

Dado importante é o que a ONU - Organização das Nações Unidas - define em relação aos que são considerados pobres ou miseráveis. São “Pobres os que vivem com renda diária de até dois dólares, e como miseráveis os que ganham até um dólar, ou que não têm renda fixa” (CNBB/80, 2005, p. 77).

A questão da distribuição de renda no Brasil é gravíssima. “Em 2003, 1% dos brasileiros mais ricos se apropriaram de 13% da renda total do país, enquanto os 50% mais pobres receberam apenas 13,3% desta” (CNBB/80, 2005, p. 82). Esta renda é vergonhosa e injusta. O Brasil é um dos maiores exportadores de alimentos e “escandaliza-nos o fato de saber que *existe alimento suficiente para todos e que a fome se deve à má repartição dos bens e da renda*” (CNBB/69, 2002, p. 9). Falta vontade política do Estado que “tem responsabilidade própria e intransferível no combate à exclusão, na promoção do bem comum e na defesa dos direitos de todos os cidadãos” (CNBB/80, 2005, p. 88).

A questão da pobreza, a marginalização e a exclusão são seriíssimas em nosso país. De modo geral,

“Vencer a exclusão não é apenas um desafio técnico; é um *imperativo ético, moral e espiritual*. Não depende só de mudanças no comportamento individual, por importantes e indispensáveis que sejam. São necessárias decisões e políticas públicas em âmbito nacional e internacional” (CNBB/80, 2005, p. 85).

Para isso, é necessário um trabalho firme do governo na área social, nos seus mais diversos programas sociais, dentre eles: o “Bolsa-Família”, “Bolsa-Escola” e o “Fome Zero”. Este último torna-se importantíssimo, mas não deve ter apenas o sentido de “assistência social” ou de mera distribuição de alimentos, que é o primeiro passo, todavia é necessário seguir o seu plano de metas e abrir caminhos para a promoção social, criando novos empregos, fazendo uma justa reforma agrária, investindo na educação e na saúde, combater a corrupção, melhorar a distribuição de renda e fazer uma política de inclusão social.

CONCLUSÃO

Por trás do texto do Juízo Final (Mt 25,31-46), há todo um contexto social. Com a destruição do Templo, em Jerusalém, por volta do ano 70, pelos romanos, muitos judeus e cristãos foram para a Antioquia por ser um centro cultural e comercial muito importante e por estar a 400 Km de Jerusalém. Nesta cidade, ao que tudo indica, ou em regiões próximas, foi escrito o Evangelho de Mateus. Calcula-se que, das pessoas que viviam em Antioquia, “Cerca de 90% da população eram camponeses e artesões. Eram na maior parte analfabetas, viviam em nível de subsistência” (SALDARINI, 2000, p. 70). Para complicar ainda mais, estes judeus e cristãos eram também estrangeiros. É nesse contexto social e também de perseguição por parte do Império Romano, além da cobrança de impostos absurdos, que tem origem a comunidade judaico-cristã de Mateus.

O autor desse Evangelho faz um apelo à solidariedade. Pelo que parece, vários judeus e vários cristãos não estavam colocando, em prática, as obras de piedade do judaísmo e dos ensinamentos de Jesus. Como era um tempo de perseguição e resistência, Mateus escreve um texto utilizando vários gêneros literários, chamando a atenção de sua comunidade para a prática das obras de misericórdia; utiliza a linguagem apocalíptica pra chamar a atenção para a questão urgente da solidariedade a fim de resistirem às tribulações e perseguições e também para mostrar que a história não termina aqui, mas que há um outro mundo, onde

Deus se está atento às obras que praticam os justos e os ímpios. Assim sendo, haverá um Juízo Final, onde o “Filho do Homem” será o responsável pelo julgamento e dará a vida eterna aos que praticarem as obras de misericórdia e o castigo eterno aos que não as praticarem. Todavia, este Juízo Final tem, por critério, a partilha dos bens e a solidariedade, aqui e agora, no presente da história. Tudo gira em torno de: “Porque tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber, era estrangeiro e me recebestes. Nu e me vestistes, estive doente e me visitastes, preso e viestes ver-me” (Mt 25,35-36).

A grande novidade consiste na própria revelação do Filho do Homem que também é pastor e rei, e Jesus mesmo vai dizer: “Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” e “Em verdade vos digo: cada vez que não fizestes a um destes pequeninos, a mim não o fizestes” (Mt 25,40.45).

No que se refere à análise exegética de Mateus 25,31-46, cujo texto poderá também estar descrito simplesmente como “Juízo Final”, a mesma foi baseada no texto em grego do *Novum testamentum graece*, de Nestle-Aland, em sua XXVII edição, onde, depois da crítica textual e da tradução, o destaque fica por conta dos 32 verbos, num total de 58, que estão no indicativo aoristo e todos se referem ou estão relacionados às obras de misericórdia praticadas ou não aos mais “pequeninos”. São eles:

ἐπείνασα – tive fome (35.42);

ἔδωκατέ - destes (35.42);

φαγεῖν – comer (35.42);

ἔδίψησα – tive sede (35.42);

ἐποτίσατέ - destes de beber (35.42);

συνηγάγετέ - recebestes (35.43);
 περιεβάλετέ - vestistes (36.43);
 ἠσθένησα – estive doente (36);
 ἐπεσκεύασθέ - visitastes (36.43);
 ἦλθατε – viestes (36);
 εἶδομεν – vimos (37.38.39.44);
 ἐθρέψαμεν – alimentamos (37);
 ἐποτίσαμεν – demos de beber (37);
 συνηγάγομεν – recebemos (38);
 περιεβάλομεν - vestimos (38);
 ἦλθομεν – fomos (39);
 ἐποιήσατε – fizestes (40.40.45.45);
 διηκονήσαμεν – servimos (44).

Também três adjetivos se destacam:

ξένος, ξένον – estrangeiro: vv. 35, 43 e 44;
 γυμνός, γυμνόν – nu: vv. 36. 38. 43. 44;
 ἐλαχίστων – pequeninos: vv. 40 e 45.

Dos dezesseis versículos (31-46) que compõem o texto do Juízo Final, doze (34-45) estão relacionados diretamente à questão das obras de misericórdia aos mais “pequeninos”. Estes versículos fazem parte de um gênero literário que K. Berger (1998, p. 230) chama de “epidícticos”, onde ele denomina de “diálogo de revelação”. Assim, tem-se: “A: a ‘primeira’ revelação, enigmática, precisa de esclarecimento (34-36.41-43). B: a não-compreensão humana se manifesta - pergunta, censura, pedido – (37-39.44). C: segue-se então a ‘segunda’ revelação,

esclarecedora” (40.45), lembrando que, no v. 34, há uma alegoria, onde o pastor, do v. 32, passa a ser, agora, “rei”, e o mesmo acontece nos vv. 40 e 45.

Para complementar estes dados do texto, os vv. 32b-33 aparecem em forma de parábola. Gilberto Gorgulho e Ana Flora Anderson (1990a, p. 51-60) apresentam, possivelmente, a sua forma mais simples e mais original¹³, como sendo:

“Naquele tempo, o Pastor ajuntará e separará as ovelhas dos carneiros (cabritos). Colocará as ovelhas à direita e os carneiros à esquerda.

-- Ele dirá àqueles que estão à direita: Tive fome, sede, fui estrangeiro, estive nu, doente e prisioneiro.

v. 37 – Eles perguntarão: Quando?... (v. 38-39).

v. 40 – Ele dirá: Quem o fez para os mais pobres, foi a mim que o fez!

v. 41 – Ele dirá àqueles que estão à esquerda: Tive fome...

v. 44 – Eles perguntarão: Quando?

v. 45 – Ele responderá: Quando recusaram ajudar a um destes pobres, foi a Mim que recusaram ajudar.”

Para concluir as referências sobre os gêneros literários dos vv. 31-32a.34.41.46, há a questão do julgamento descrito em linguagem apocalíptica para mostrar que Deus se estava atento a tudo e que, no julgamento final, os bons (justos), que praticarem as obras de misericórdia aos mais “pequeninos”, irão receber a recompensa e tomar posse do Reino preparado desde a criação do mundo, e os maus (ímpios) irão para o castigo eterno. E o responsável pelo julgamento é o Filho do Homem.

Resumidamente, o texto tem a seguinte estrutura:

A) Preparação para o julgamento (vv. 31-33);

B) A razão de ser do julgamento (vv. 34-36);

¹³ A parábola mais original está na p. 56.

C) Perguntas dos que estão à direita (vv.37-39);

D) Resposta de Jesus (rei) (v. 40);

B') A razão de ser do julgamento (vv. 41-43);

C') Pergunta dos que estão à esquerda (v. 44);

D') Resposta de Jesus (rei) (v. 45);

A') Conclusão do julgamento (v. 46).

A essência e a razão de ser do texto do Juízo Final estão em torno da obras de misericórdia aos mais “pequeninos” (ἐλαχίστων). E quem são estes? Em seu livro: *“The Least of My Brothers”* (meus irmãos mais pequeninos), Sherman W. Gray (1989, p. 337) diz que, das 504 referências, nos seis séculos e meio, na era dos “Padres da Igreja”, 312 (62%) estão no sentido neutro, 166 (33%) estão em sentido restritivo, como cristãos, e 26 (5%), no sentido universal, como todos os necessitados.

Overman (1999, p. 380)

“afirma que Mateus quer dizer que Cristo chama seu povo para servir ao mundo. Os necessitados da parábola não são outros membros da Igreja, mas todos os necessitados do mundo. Foi sobretudo neste século e no anterior que se cultivou a chamada tendência universalizadora”.

Nessa mesma linha, há muitos outros hoje, dentre eles Gourgues (2004, p. 206), o qual afirma que tanto para “os mais pequeninos” como para “todas as nações”, a interpretação deve ser na linha universalista. Joachim Jeremias (1976, p. 205), comentando Mt 25,40, diz que “‘por irmãos’ não se entendem neste lugar os discípulos, mas todo o oprimido e achado em necessidade”.

Fazendo uma atualização do Juízo Final, quem são os mais “pequeninos”? Evidente que, ainda, são os famintos, os sedentos, os andarilhos, os que estão nus, os doentes, os presos, e a lista continua... São também os drogados, aqueles e

aquelas que são prostituídas(as), os meninos e meninas moradores de rua, os que vivem debaixo das pontes e viadutos, os pobres desempregados, as vítimas de violência, em todos os seus níveis, os asilados, os bóias-frias e todos aqueles que são marginalizados e excluídos da sociedade e que não dispõem de meios necessários para terem uma vida digna. Neles, hoje, está o próprio Jesus que nos alerta mais uma vez: "Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um destes meus irmãos mais *pequeninos*, a mim o fizestes" (Mt 25,40).

Hoje se questiona à própria Igreja Católica e às Igrejas Cristãs e suas atitudes. Especificamente, a Igreja Católica, enquanto instituição, de uma certa maneira, porém deixando muito a desejar, tem desenvolvido um trabalho social que visa à dignidade dos pobres e a sua libertação, bem como também um trabalho caritativo em relação aos mais necessitados.

A própria CNBB, através do documento nº 69 (2002, p. 14/5), quando escreve sobre as "Exigências Evangélicas e Éticas de Superação da Miséria e da Fome", reconhece que:

"O mais triste para a consciência cristã é o fato de que a escandalosa desigualdade acontece, infelizmente, pela falta de testemunho evangélico de vida, criando ofuscamento da consciência, frieza e alienação diante do sofrimento humano e descrédito para o anúncio da Boa Nova".

Em relação à prática das obras de misericórdia aos mais pequeninos, mais do que nunca, devemos saber que:

"Reconhecer nos rostos sofredores dos pobres o rosto do Senhor é um convite permanente para todos os cristãos a uma profunda conversão pessoal e eclesial (SD, n. 178). Jesus Cristo, presente nos pobres, interpela a própria Igreja, cujos recursos não são sempre bem distribuídos" (CNBB/80, 2005, p. 76).

Falta, conforme vem expresso neste documento, uma “profunda conversão pessoal e eclesial” para reconhecer, de fato, o rosto de Jesus nos mais pobres. Falta também, a uma parte da Igreja e dos cristãos, trocar de verbo, ao invés de ficar com o verbo “falar”, passar a agir e ao verbo “fazer”, pois Jesus é claro ao dizer: “Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” e “Em verdade vos digo: cada vez que não fizestes a um destes pequeninos, a mim não o fizestes” (Mt 25,40.45).

Quanto à dimensão social, é lamentável admitir que “53,9 milhões de pessoas (31,7% da população brasileira) vivem na pobreza, com renda *per capita* de até meio salário mínimo por mês” (CNBB/80, 2005, p. 74). E não pára por aí, pois o país tem 1 milhão de sem-terra acampados; 17,6 milhões de pessoas com 10 anos ou mais que não sabem ler e escrever; 95 milhões de brasileiros que moram em casas não plenamente adequadas e muitos outros problemas sociais. Diante desse contexto social, o que se questiona é qual tem sido o papel dos brasileiros para mudar esta realidade. Na verdade, são 89,01% de cristãos, quase 90% dos brasileiros. Uma maioria plena dos que governam nosso país se dizem também cristãos. O que se questiona é o por que de tanta miséria e injustiças. Ainda, estamos muito longe de construir uma sociedade, verdadeiramente, cristã e que leva os ensinamentos de Jesus a sério.

Especificamente, sobre as obras de misericórdia do Juízo Final, é inegável que muitos cristãos, a Igreja Católica e o Governo Brasileiro têm feito alguma coisa até certo ponto, mas, ainda, há muita coisa para se fazer. O “Bolsa-Escola”, o “Bolsa-Família” e o “Fome Zero” são programas sociais que devem ser ampliados e não devem parar na “assistência social” meramente. São necessários: um trabalho firme do governo e do povo brasileiro, da Igreja e de instituições nacionais e

internacionais para a criação de novos empregos, uma reforma agrária justa, combate à corrupção, investimento maciço na educação, melhoria do sistema de saúde, uma melhor partilha da distribuição de renda do nosso país, pois é inconcebível que, de acordo com os dados de 2003, “1% dos brasileiros mais ricos se apropriaram de 13% da renda total do país, enquanto os 50% mais pobres receberam apenas 13,3% desta” (CNBB/80, 2005, p. 82). Para que o texto do Juízo Final aconteça e para que haja, de fato, uma inclusão social, ainda falta a conversão, ou seja, a mudança de vida de muitos cristãos, de uma boa parte das igrejas que seguem os ensinamentos de Jesus e de muitos políticos que se dizem “cristãos”. As obras de misericórdia aos mais “pequeninos” devem acontecer aqui e agora e cada um deve fazer a sua parte.

REFERÊNCIAS

AALEN, S. Glória, Honra. BROWN, Colin; COENEN, Lothar (orgs.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Edições Vida Nova, v. I, 2000.

ALBERTIN, Francisco. *O reino da justiça e do amor – comentário ao Evangelho de Mateus*. 2.ed. Aparecida: Editora Santuário, 2005.

_____. *As Bem-aventuranças de Jesus - no evangelho de Mateus*. 3.ed. Aparecida: Editora Santuário, 2002.

BAILÃO, Marcos Paulo. O nascimento do messianismo judaíta. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis/São Leopoldo, n. 52, p.11ss, 1997.

BARCLAY, William. *The gospel of Matthew*. Philadelphia: The Westminster Press, v. 2, 1975.

BAUDER, W. Fome, Sede... BROWN, Colin; COENEN, Lothar (orgs.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Edições Vida Nova, v. I, 2000.

BEARE, Francis Wright. *The Gospel according to Matthew*. Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1987.

BEDOYA, Luiz Eduardo Torres. O anúncio do rebento: uma saída para a crise – Messianismo em Zacarias 3,8-10. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis/São Leopoldo, n. 52, p. 43ss, 1997.

BENTO XVI. *Deus é amor*. Carta Encíclica do Santo Padre. São Paulo: Editora Paulus e Loyola, 2006.

BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. Tradução de Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Editora Loyola, 1998.

BÍBLIA DE JERUSALÉM: São Paulo: Editora Paulus, 2002.

BÍBLIA edição pastoral. 8.ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1993.

BÍBLIA SACRA – VULGATAM CLEMENTINAM. Nova Editio. Matriti: MCMLIII.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução da CNBB. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. 9.ed. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1982.

BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA (TEB). São Paulo: Loyola, 1994.

BIETENHARD, H. Estrangeiro. BROWN, Colin; COENEN, Lothar (orgs.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Edições Vida Nova, v. I, 2000.

_____. Nação, Povo. BROWN, Colin; COENEN, Lothar (orgs.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Edições Vida Nova, v. II, 2000.

BLANK, Renold J. *Escatologia da pessoa*. 2.ed. São Paulo: Editora Paulus, 2000.

BLENDINGER, C. Trono, Assento. BROWN, Colin; COENEN, Lothar (orgs.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Edições Vida Nova, v. II, 2000.

BOFF, Leonardo. *Igreja: carisma e poder*. 3.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1982.

BONNARD, Pierre. *Evangelio Segun San Mateo*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1976.

BROWN, Colin; COENEN, Lothar (orgs.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Edições Vida Nova, v. I e II, 2000.

BROWN, Raymond E. *As Igrejas dos Apóstolos*. Tradução de I. F. Leal Ferreira, São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

BURNS, Edward Mcnall. *História da civilização ocidental*. Tradução de Lourival G. Machado, Lourdes S. Machado e Leonel Vallandro. 28.ed. Rio de Janeiro: Editora Globo, v. I, 1986.

CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*. Tradução de Walter Lisboa. São Paulo: Editora Paulus, 2002.

COLLINS, Adela Yarbro. "Introduction – Early Christian Apocalypticism". *Semeia*. Decatur, n. 36, p.1-11, 1986.

COMBLIN, José. Justiça e lei no Evangelho segundo Mateus. *Estudos bíblicos*, Petrópolis, n. 26, p. 19-27, 1990.

_____. A fome na Bíblia. *Estudos bíblicos*, Petrópolis, n. 46, 1995.

CONFERÊNCIA nacional dos bispos do Brasil. *Ele está no meio de nós!*. São Paulo: Edições Paulinas, 1998.

_____. *Evangelização e Missão Profética da Igreja* (doc. 80). São Paulo: Edições Paulinas, 2005.

_____. *Exigências Evangélicas e Éticas de Superação da Miséria e da Fome* (doc. 69). São Paulo: Edições Paulinas, 2002.

_____. *Queremos ver Jesus Caminho, Verdade e Vida*. Brasília: Scala Gráfica e Editora, 2004.

EGGER, Wilhelm. *Metodologia do Novo Testamento*. Tradução de Johan Konings e Inês Borges. São Paulo: Editora Loyola, 1994.

EICHER, Peter. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. Tradução de João Rezende Costa e Georges Ignacio Maissiat. São Paulo: Editora Paulus, 1993.

FABRIS, Rinaldo. *A Opção pelos pobres na Bíblia*. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, 09 de dezembro de 2004. p. A-16.

GARLAND, David E. *Reading Matthew*. A Literary and Theological Commentary on the First Gospel. New York: Crossroad, 1993.

GENDRON, Philippe. *Medo e Fé no Evangelho de Mateus*. São Paulo: Edições Paulinas, 1999.

GIBSON, John Monro. *The gospel of St. Matthew*. New York: A. C. Armstrong and Son. 1898 (sic).

GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. *Léxico do Novo Testamento Grego português*. Tradução de Julio P. T. Zabatiero. São Paulo: Edições Vida Nova, 1993.

GOHN, Maria da Glória (org.). *Movimentos Sociais no Início do Século XXI*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

GORGULHO, Gilberto; ANDERSON, Ana Flora. Ovelhas e cabritos: discernimento e julgamento (Mt 25,31-46). *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 26, p. 51-60, 1990a.

_____. As parábolas nasceram da terra e do trabalho da Galiléia. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 26, p. 43-50, 1990.

GOURGUES, Michel. *As parábolas de Jesus em Marcos e Mateus*. Tradução de Odila Aparecida de Queiroz. São Paulo: Editora Loyola, 2004.

GRAY, Sherman W. *The Least of My Brothers*. Washington: The Society of Biblical Literature, 1989.

GUHRT, J. Era, Duração da Vida, Eterno. BROWN, Colin; COENEN, Lothar (orgs.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Edições Vida Nova, v. II, 2000.

HARRINGTON, Daniel J. *The gospel of Matthew*. Collegeville, Minnesota: A Michael Glazier Book – The Liturgical Press, v. 1, 1991.

HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L. Júnior; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo; Luiz A. T. Sayão; Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Edições Vida Nova, 1998.

HENRY, Matthew. *Matthew Henry's commentary on the whole bible*. New Jersey: Fleming H. Revell Company, v. 5, [19--].

HILL, David. *The gospel of Matthew – New century bible comentary*. London: Marschall, Morgan & Scott Publ. Ltd., 1972.

HOEFELMANN, Verner. A crítica de Jesus à lei como opção pelos marginalizados. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis/São Bernardo do Campo/São Leopoldo, n. 27, p. 54-63, 1990.

HORSLEY, Richard A. *Jesus e o Império*. São Paulo: Editora Paulus, 2004.

HORSLEY, Richard A.; HANSON, John S. *Bandidos, Profetas e Messias – Movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Editora Paulus, 1995.

HOUTART, François. *Sociologia da Religião*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em: 13 de junho de 2006.

_____. Disponível em: <<http://www.consciencia.net/educacao/hist/censo.html>>.

Acesso em: 28 de maio de 2006.

_____. Disponível em: <<http://www.edeus.org/ibge.htm>>. Acesso em: 5 de outubro de 2005.

_____. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 28 de maio de 2006.

JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Edições Paulinas, 1976.

KIPPENBERG, Hans G. *Religião e Formação de Classes na Antiga Judéia*. São Paulo: Edições Paulinas, 1988.

KONKORDANZ zum Novarum Testamentum Graece von Nestle-Aland, 26. Auflage, und zum Greek New Testament, 3rd edition/ hrsg. Vom Inst. Fur Neutestamentl. Textforschung u. vom Rechenzentrum d. Univ. Munster. Unter bes. Mitw. Von H. Bachmann u. W. A. Slaby.- 3. Aufl. – Berlin; New York: de Gruyter, 1987.

KRAFT, Tomás. A igreja primitiva na África. *Estudos bíblicos*, Petrópolis/São Leopoldo, n. 29, p. 157-185, 1998.

LA BIBLIA DI GERUSALEMME. 13.ed. Bologna: Edizioni Dehoniana, 1995.

LANCELLOTTI, Angelo. *Comentário ao Evangelho de São Mateus*. Tradução de Antonio Angonese E. F. Alves. 2.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

_____. *Matteo*. Roma: Edizioni Paoline, 1981.

LAPIDE, Pinchas. *O sermão da montanha: Utopia ou Programa?* Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

LEMONS, Carolina Teles. *Religião, gênero e sexualidade*. Goiânia: Editora da UCG, 2005.

LIBÂNIO, João B.; BINGEMER, Maria Clara. *Escatologia Cristã*. 2.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

LINK, H. G. Bênção, Bem-aventurado, Feliz. BROWN, Colin; COENEN, Lothar (orgs.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Edições Vida Nova, v. I, 2000.

LOCKMANN, Paulo. Uma leitura do Sermão do Monte (Mateus 5—7). *Estudos bíblicos*, Petrópolis/São Leopoldo, n. 27, p. 48-55, 1997.

LOHFINK, Gerhard. *Como Jesus queria as comunidades? A dimensão social da fé cristã*. Tradução de Johann Piber. São Paulo: Edições Paulinas, 1997.

LOHSE, Eduard. *Contexto e Ambiente do Novo Testamento*. Tradução de Hans Jörg Witter. São Paulo: Edições Paulinas, 2000.

MACK, Burton L. *O Evangelho Perdido (o livro de Q e as origens cristãs)*. Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994.

MACKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. Tradução de Álvaro Cunha *et al.*; 4.ed. São Paulo: Editora Paulus, 1984.

MARTENS, Elmer A. Filho, Neto, Membro de um Grupo. HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L. Júnior; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo; Luiz A. T. Sayão; Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Edições Vida Nova, 1998.

MATEOS, Juan. *A Utopia de Jesus*. Tradução de I. F. Leal Ferreira. São Paulo: Editora Paulus, 1994.

MATEOS, Juan; Camacho, Fernando. *O Evangelho de Mateus*. Tradução de João Resende Costa. São Paulo: Edições Paulinas, 1993.

_____. *Evangelho, Figuras e Símbolos*. Tradução de I. F. L. Ferreira. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

MATOS, H. C. J. *Misericórdia como espiritualidade*. Belo Horizonte: Editora "O Lutador", 1993.

MAY, Roy H. *Os pobres da terra*. São Paulo: Edições Paulinas, 1988.

MAYER, Judite Paulina. Perspectivas messiânicas nos primórdios do judaísmo. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis/São Leopoldo, n. 52, p. 20-26, 1997.

MÍGUEZ, Nestor O. Ricos e pobres: relações de clientela na carta de Tiago. *Estudos bíblicos*, Petrópolis/São Leopoldo, n. 31, p. 84-96, 1998.

_____. Cristianismos Originários: Galácia, Ponto e Bitínia. *Estudos bíblicos*, Petrópolis/São Leopoldo, n. 29, p. 85-106, 1998.

M'NEILE, Alan Hugh. *The gospel according to St. Matthew*. London/New York: Macmillan & Co Ltd/St Martin's Press, 1955.

MOHAMMAD, Aminuddin. *Mohammad, o Mensageiro de Deus*. São Paulo: centro de divulgação do Islam para a América Latina, Wamy, 1989.

MORIN, E. *Jesus e as estruturas de seu tempo*. Tradução de Pe. Vicente Rodrigues de Souza. São Paulo: Edições Paulinas, 1981.

MUNDLE, W. Amaldiçoar, Maldição. BROWN, Colin; COENEN, Lothar (orgs.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Edições Vida Nova, v. I, 2000.

NADOLNY, Paul Jonh. *"Tive fome e me destes de comer..." O cuidado com os pobres a partir de Mateus 25, 31-46"*. 143 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1999.

NAKANOSE, Shigeyuki. *Uma história para contar... a páscoa de Josias*. Tradução de Fátima R. D. Marques. São Paulo: Edições Paulinas, 2000.

NEUTZLING, Inácio. *O reino de Deus e os pobres*. São Paulo: Editora Loyola, 1986.

NOGUEIRA, Paulo. Cristianismos na Ásia Menor. Um estudo comparativo das comunidades em Éfeso no final do primeiro século d.C. *Estudos bíblicos*, Petrópolis/São Leopoldo, n. 29, p. 122-141, 1998.

- OVERMAN, J. Andrew. *Igreja e comunidade em crise: o Evangelho segundo Mateus*. Tradução de Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Edições Paulinas, 1999.
- PIKAZA, Xabier. *Hermanos de Jesus y Servidores de los mas Pequeños” – Juicio de Dios y compromiso histórico en Mateo*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1984.
- PIXLEY, Jorge. O fim do mundo – Mateus 24—25. *Estudos bíblicos*, Petrópolis/São Leopoldo, n. 27, p. 84-97, 1997.
- _____. Os primeiros seguidores de Jesus na Macedônia e Acaia. *Estudos bíblicos*, Petrópolis/São Leopoldo, n. 29, p. 60-84, 1998.
- PIXLEY, Jorge & BOFF, C. *Opção pelos pobres*. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.
- RADERMAKERS, Jean. *Lettura pastorale del vangelo di Matteo*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1974.
- RAMMINGER, Michael. Mudança da Solidariedade, Crítica Radical e Globalização Diferente. *Caminhos*, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 221-231, jul./dez. 2004.
- REIMER, Haroldo. Inclusão e resistência – Anotações a partir do Deuteronômio. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 72, p. 11-20, 2002.
- RICHTER REIMER, Ivoni. Parábolas no Novo Testamento: Reflexões sobre metodologia e economia. *Caminhos*, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 283-290, jul./dez. 2004.
- _____. “Não temais... Ide ver... e anunciai!” – Mulheres no evangelho de Mateus. *Estudos bíblicos*, Petrópolis/São Leopoldo, n. 27, p. 149-166, 1997.
- _____. O que é Céu? O que é Inferno?. *22 Perguntas & Respostas da Fé*, São Leopoldo, p. 63-70, 2000.
- _____. Prédica: Mateus 25,31-46. *Proclamar a Libertação*, São Leopoldo, v. 27, p. 291-296, 2001.

_____. Sexualidade em tempos escatológicos – uma aproximação à problemática de casamento e celibato nos dois primeiros séculos cristãos. *Estudos bíblicos*, Petrópolis/São Leopoldo, n. 29, p. 107-121, 1998.

RICHARD, Pablo. A origem do cristianismo em Antioquia. *Ribla*, Petrópolis/São Leopoldo, n. 29, p. 32-44, 1998.

_____. Evangelho de Mateus: uma visão global e libertadora. *Ribla*, Petrópolis/São Leopoldo, n. 27, p. 7-28, 1997.

_____. A origem do cristianismo em Roma. *Estudos bíblicos*, Petrópolis/São Leopoldo, n. 29, p. 142-156, 1998.

RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. Tradução de Irineu Rabuske. São Paulo: Editora Paulus, 2003.

SALDARINI, Anthony J. *A Comunidade Judaico-Cristã de Mateus*. São Paulo: Edições Paulinas, 2000.

SCARDELA, Donizete. *Movimentos Messiânicos do Tempo de Jesus*. Jesus e outros Messias. São Paulo: Editora Paulus, 1998.

SCHIAVO, Luís; SILVA, Valmor da. *Jesus Milagreiro e Exorcista*. São Paulo: Edições Paulinas, 2000.

SCHLESINGER, Hugo. *Os Evangelhos e os Judeus*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

SCHMID, Josef. *El evangelio según San Mateo*. Barcelona: Editorial Herder, 1973,

SCHÖKEL, Alonso; DIAS, J. L. Sicre. *Profetas II*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

SEGUNDO, Juan Luis. *O caso Mateus – Os Primórdios de uma Ética Judaico-Cristã*. São Paulo: Edições Paulinas, 1997.

SILVA, Valmor da. *Deus ouve o clamor do povo*. Teologia do Êxito. São Paulo: Edições Paulinas, 2004.

SOUSA, Ágabo Borges de. A figura de “Um como um Filho de um Homem” em Daniel 7. *Estudos bíblicos*, Petrópolis/São Leopoldo, n. 52, p. 72-77, 1997.

STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História Social do Protocristianismo*. São Paulo/São Leopoldo: Editora Paulus e Sinodal, 2004.

STORNILOLO, Ivo. *Como ler o Evangelho de Mateus*. 2.ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

STURZ, Richard J. O Filho do Homem. BROWN, Colin; COENEN, Lothar (orgs.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Edições Vida Nova, v. II, 2000.

SWETNAM, James. *Gramática do Grego do Novo Testamento*. Tradução de Henrique Murachco, Juvino A. Maria Jr., Paulo Bazaglia. v. 1. Lições. Pt. 1. Morfologia. – v. 2. Chave, listas, paradigmas, índices. Pt. 1. Morfologia. São Paulo: Editora Paulus, 2002.

THEISSEN, Gerd. *The Gospels in Context; social and political history in the synoptic tradition*. Minneapolis: Fortress Press, 1991.

TUENTE, R. Ovelha. BROWN, Colin; COENEN, Lothar (orgs.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Edições Vida Nova, v. II, 2000.

VAZ, Eurides Divino. *Uma reflexão sobre céu, inferno e purgatório*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

VIGIL, José Maria (Org). *Opção pelos pobres hoje*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento, Manual de Metodologia*. 2.ed. São Leopoldo: Sinodal. São Paulo: Editora Paulus, 1998.

WENGST, Klaus. *Pax Romana: pretensão e realidade*. Tradução de António M. da Torre. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Castigo. BROWN, Colin; COENEN, Lothar (orgs.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Edições Vida Nova, v. I, 2000.